

MAGNO SANTOS

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

A solenidade do Senhor dos Passos na
cidade de São Cristóvão - Sergipe
(1886-1920)



Criação Editora

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

A solenidade do Senhor dos Passos na
cidade de São Cristóvão - Sergipe
(1886-1920)

CONSELHO EDITORIAL

Fábio Alves dos Santos

José Eduardo Franco

Luiz Eduardo Oliveira Menezes

Luiz Carlos da Silveira Fontes

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Martin Hadsell do Nascimento

MAGNO SANTOS

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

A solenidade do Senhor dos Passos na
cidade de São Cristóvão - Sergipe
(1886-1920)



Criação **Editora**
ARACAJU | 2015

Copyright 2015 Magno Francisco de Jesus Santos
Direitos reservados desta edição ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome dos autores, título da obra, editora, edição e paginação.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Projeto gráfico: Adilma Menezes
Capa: Luyse Costa

Santos, Magno Francisco de Jesus
S111e Caminhos da penitência: A solenidade do Senhor dos
Passos na cidade de São Cristóvão - Sergipe/ Magno Francisco
de Jesus Santos. Aracaju: Criação, 2015.

190 p. 21cm

ISBN. 978-85-8413-051-1

1. III. Assunto

CDU: 82-94



Dedico este livro a meus tios, José e Anailde (in memoriam), meus guias na condução para os pés do Senhor dos Passos entre 1994 e 1999, inserindo-me no grupo dos carregadores da velada imagem na Procissão do Depósito.

À memória de Maria Paiva Monteiro, popular dona Marinete ou carinhosamente “Dinha”, por ter dedicado sua vida à fé e à educação da comunidade sancristovense, tornando-se um “Testemunho-vivo” da Velha Capital.

Aos inúmeros devotos do Senhor dos Passos, povo cirineu, que ao longo dos séculos construíram o meu objeto de estudo, lavando todos os anos as ruas de São Cristóvão com suor, sangue e lágrimas.



BENDITO DO ROMEIRO DO SENHOR DOS PASSOS

*Quem é aquele que vem de tão distante?
Ele vem chorando amargamente,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Com sua vida de penitente.*

*Quem é aquele que vem no escuro?
Ele vem trazendo a sua cruz,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
A contemplar tua Divina luz.*

*Quem é aquele que vem de pés descalços?
Ele vem firme com seu cajado.
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Na esperança de ser perdoado.*

*De onde é aquele lindo templo?
Que o romeiro avista da estrada,
É a igreja do Senhor dos Passos!
Onde está a Hóstia Consagrada.*

*Quem é aquele vestido de roxo?
Subindo a grande ladeira ajoelhado,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Purgando o seu pecado.*

*De onde vem esse chamado?
Com seus soluços dolentes,
É o grande sino do Carmo!
dobrando tristemente.*

*Vai entrando no Carmo Pequeno,
Vai rezando para o Cristo escondido,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
É o pecador arrependido.*

*Quem é aquele que passa ajoelhado?
Vai cruzando o grande andor,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Que vai provando o seu amor.*

*Quem é aquela mulher lacrimosa?
Segurando o seu lindo lenço.
É a Virgem Mãe da Soledade!
Sofrendo em silêncio.*

*Dobra o grande sino do Carmo,
Chora o sino solenemente.
É a saída do Senhor dos Passos!
Nos ombros dos penitentes.*

*Quem é aquele coroadado de espinhos?
Carregando seu círio de luz,
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Seguindo Cristo com sua cruz.*

*Quem é Aquele com a grande cruz?
Balançando em tua charola.
É o Senhor Bom Jesus dos Passos!
Ao encontro de Nossa Senhora.*

*Beijando os pés e seu divino manto
Está o povo pequenino,
Diante do Senhor dos Passos!
Rogando por seu destino.*

*Vai romeiro, segue seu caminho.
Vai alegre e com muita saudade
É o romeiro do Senhor dos Passos!
Deixando a nossa cidade.*

Magno Santos

AGRADECIMENTOS: SETE ATOS DE GRATIDÃO



Em meados de 2001, iniciei uma nova jornada em minha vida: a difícil caminhada pelo mundo acadêmico. A cada passo, uma descoberta; a cada dificuldade, uma vitória, a cada queda, um apoio amigo, um incentivo para continuar. Não posso dizer que passei por um “Vale de Lágrimas”. Apenas dei os primeiros passos nos caminhos do conhecimento. Nesse momento penso nos longos dias de pesquisa, de busca por informações e fontes sobre a procissão dos Passos e percebo, toda a caminhada foi perscrutada por verdadeiros “cirineus”, que estiveram ao meu lado, ajudando, estimulando, amparando-me na construção de um sonho. O aprendizado surtiu tanto nos momentos de alegrias, como nos de sofrimento. A alegria e a dor foram mestras profícuas. Só me resta agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram na produção deste livro.

Não foi no Horto das Oliveiras, mas no sopé da Serra do Cruzeiro, na pequena Cajaíba que um casal exauriu sangue, amor e dedicação para educar os filhos com dignidade. Apesar de terem estudado por poucos anos, eles sempre souberam que a educação e os valores morais seriam os maiores legados deixados a seus filhos. Essa gratidão não fica restrita aos meus pais, Manoel e Josefa, pode ser estendida aos meus irmãos Marcondes e Márcia, sobrinhos, cunhados, sogros, tias e demais parentes pelo apoio nos momentos difíceis. Lembro também das palavras de entusiasmo que me empurravam em busca de engrandecimento, proferidas sempre em momentos oportunos por meus sogros, Joana e Luiz. Do mesmo modo expresso

todo meu carinho a menina que sempre esteve ao meu lado, contribuindo na pesquisa, fotografando documentos e monumentos por ângulos instados. Ela acompanhou o meu trajeto, sempre incentivando, reerguendo-me e me amparando com sua voz doce. Falo da minha auxiliar de pesquisa. Outrora, compartilhamos sonhos; hoje, somos parceiros na vida. Nas viagens à São Cristóvão, nossos olhares se cruzaram e nossos corações disseram sim. Obrigado, Ane Luíse Silva Mecnas Santos, minha amada esposa.

Mas o ato de agradecer é sempre difícil e perigoso, apesar de ser nobre reconhecer a importância do outro. Sob esse prisma, podemos dizer que os agradecimentos constituem uma prisão ou, contraditoriamente, a busca pela libertação. O que seria de mim sem o apoio amigo e a paciência dos funcionários das instituições onde trabalho. Não tenho palavras para expressar a importância de pessoas que atuaram como verdadeiros anjos em minha vida. É o caso de Janaína Couvo Teixeira Maia de Aguiar, desde o momento em que nos conhecemos foi uma guia, inclusive emprestando parte de seu rico acervo fotográfico. Nas escolas onde atuei encontrei amigos que me deram apoio incondicional em vários momentos: Nubia, Karla Daniela, Carla, Andréia e Aldinete. Na Faculdade Pio Décimo, inúmeros companheiros se fizeram presente com frutíferas conversas, tornando minhas noites mais aprazíveis. Obrigado Sônia Azevedo, Jamily Felhberg, Maria de Lourdes Porfírio Ramos dos Anjos, Maria Antônia Arimateia, Solyane Silveira Lima, Maria José Dantas, Cristina e Ingrid Barreto pelo apoio nos momentos que mais necessitei, assim como a direção nas pessoas dos professores José Sebastião dos Santos, Emiralva Cruz Souza e José Júlio Seabra dos Santos. Também agradeço a Cristina da Faculdade Atlântico e a todos os meus alunos e ex-alunos.

Para muitos, a pesquisa histórica pode ser vista como tortura com açoites. Esse com certeza não é o meu caso. Durante a jornada em

busca das fontes, tive a contribuição dos funcionários de diversas instituições de pesquisa como o Arquivo Público Estadual, Arquivo Paroquial Nossa Senhora da Vitória, Arquivo do Poder Judiciário, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Dória, Biblioteca Central da UFS e o Programa de Documentação e Pesquisa Histórica. Obrigado pela agilidade na disponibilização dos acervos.

Entretanto, nem tudo na vida são flores. Em muitos casos temos de suportar verdadeiras coroas de espinhos, mestres perspicazes da vida. Por isso mesmo recordo das diferentes pedras que atravessaram o meu caminho, ensinando-me a lutar. Do mesmo modo pelo qual a vida nos impõe as dificuldades, ela também nos apresenta vertentes para que possamos seguir. Agradeço com todo afeto as escolas em que ensinei: Dom José Thomaz (Itabaiana), Maria das Graças Souza Garcez (Itaporanga d'Ajuda) e Dom Pedro II (Laranjeiras). Nessas escolas senti o quanto é importante ter o compromisso com a transformação social.

Ecce Homo. Na academia sempre estamos rompendo com as fronteiras do conhecimento, ao mesmo tempo, somos continuamente avaliados. Não tenho como esquecer a contribuição dos meus professores por terem incentivado a extrapolar os limites da mesmice, a quebrar as regras e ir além do possível. Agradeço à minha orientadora, Verônica Nunes, pela amizade, companhia, amor à pesquisa, entusiasmo e incentivo as minhas alucinações historiográficas. Sem as suas palavras de estímulo certamente essa investigação não teria florescido. Outros professores aos quais agradeço o incentivo são: Martha Abreu, Samantha Viz Quadrat, Josefa Eliana Souza, Eva Maria Siqueira, Jorge Carvalho, Péricles Andrade, Miguel Berger, Fernanda, Lenalda Santos e Terezinha Oliva, assim como Beatriz Góis Dantas, que leu atentamente a primeira versão do trabalho. Também não posso deixar de registrar as brilhantes contribuições

dos professores que fizeram parte da banca de avaliação do trabalho acadêmico. Antônio Lindvaldo, pelo empenho em polemizar de forma pertinente sobre os aspectos teóricos e metodológicos, levando-me a repensar o modo do fazer histórico. Luís Eduardo Pina Lima, desde a defesa do projeto me provocou, estimulando a dialogar com a História Cultural, em perscrutar a procissão dos Passos sob o enfoque diferenciado. Suas palavras de conforto certamente foram fundamentais na construção dessa pesquisa.

Na vida pessoal também enfrentamos cotidianamente inúmeras barreiras. Cada um carrega a sua cruz. O ardor e sofrimento do meu trajeto foram amenizados por contar com o apoio de amigos que me auxiliaram a carregar o madeiro. São vários nomes de diferentes procedências a serem lembrados: Silvânia, Glêyse, Cleidson, Evanildes, Miguel, Maria José (in memorian), Sandra, Wdvan, Djane e Valdemir. No IHGSE, aos amigos Samuel Albuquerque, Ibarê Dantas, Igor Leonardo, José Rivadálvio, Tereza Cristina, Saumínio, Claudefranklin, João Paulo e Maria Fernanda. Da FJAV, Bruna e Ivo.

Por fim, agradeço à população de São Cristóvão, aos entrevistados e a todos que de braços abertos, assim como o crucificado ou Cristo que abençoa essa terra, de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta pesquisa. Cada olhar, cada sorriso, cada incentivo do povo dessa terra amada ficaram guardados em minha memória. Palavras dizem muito pouco para agradecer a pessoas como Nice, Jaci, Maria José, a família de seu Manoel Ferreira, Erundino Prado, Marinete Paiva, Jorge dos Santos, Plácida, Thiago Fragatta, Vânia Correia, Avani e Rildo Cavalcante, Frei Edimar, fredes carmelitas, homens e mulheres do ofício e, principalmente, ao Senhor dos Passos que desde os primeiros anos, protegeu e abençoou meus passos.

APRESENTAÇÃO



Este livro é o resultado das “alucinações historiográficas” de um bacharelado em História da Universidade Federal de Sergipe, ao aventurar-se no estudo da Procissão dos Passos. Para tanto, Magno Francisco de Jesus Santos, aluno cuidadoso e atento ao levantamento de fontes escritas e orais, inclusive as suas, as quais denomina “lembranças do tempo de menino”, demonstra como fundamentou as bases para o seu estudo na história desse trabalho.

Além do entusiasmo do jovem pesquisador, ressalta-se o papel do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades (anteriormente Grupo de pesquisa Religiões, Religiosidades e Identidades. Na época da produção dessa texto, denominava-se Grupo de Pesquisas História da Igreja: Cultura de massa e Religiosidade popular em Sergipe) que iniciava o desenvolvimento de estudos no campo da religiosidade, enfocando festas de padroeiros, devoções e procissões como signos de identidade e de cultura material/imaterial católica.

O resultado apresentado em “Caminhos da Penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão - Sergipe (1886-1920)” é um mergulho na pesquisa documental e na oralidade, de cuja combinação resulta o texto. A Procissão dos Passos possui referência memorialística de Serafim Santiago no seu Anuário Christovense e estudos desenvolvidos enfeixam as duas procissões e os ex-votos que evidenciam as constâncias e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

A procissão é uma herança católica do mundo português realizada no período da Quaresma e mantida pela Ordem Terceira do Carmo. Entretanto, também se configurou como solenidade oficial da província de Sergipe no século XIX, à medida que o presidente da província convidava o povo para participar da procissão.

Na cidade de São Cristóvão, duas procissões são realizadas. Uma na noite de sábado, voltada para o pagamento de promessas; são os ex-votos das graças alcançadas pela intercessão do Senhor dos Passos. A outra, no domingo, à tarde, é a Procissão do Encontro doloroso entre Mãe e Filho. Em ambas, a cena da herança barroca presente na mentalidade e na devoção dos peregrinos/romeiros que usam mortalhas roxas, pés descalços, portam os ex-votos e, contritos, agradecem os milagres alcançados.

Magno Francisco expõe as tensões que permeiam a Procissão dos Passos estabelecendo como fronteiras a linha férrea e os andores, espaços ocupados pelos fiéis, sem apresentar pretensão totalizadora, mas esclarecendo o compromisso de sua interpretação. A pesquisa é amplamente documentada com uso de diversas fontes como jornais, documentos escritos, fotografias, cartões postais e entrevistas. Foi dado o tratamento documental adequado a cada tipo de fonte utilizada.

O trabalho não é o relato descritivo da procissão, logo não se apresenta como a recuperação do passado no presente, mas o estudo das formas como o presente manteve a solenidade, com seu eixo permanente da tradição.

Enfim, desejo parabenizar o meu aluno Magno Francisco por nos permitir acompanhar os Sete Passos da Paixão. Também enfatizo que não é penitência ler o texto, nem “alucinação historiográfica”.

Verônica Maria Meneses Nunes

Terceiro sábado da Quaresma de 2014

PREFÁCIO



Os estudos sobre a religiosidade, sobretudo nas últimas décadas, ganharam grande impulso no Brasil. Aos antropólogos e cientistas sociais de modo geral, estudiosos do campo, somaram-se os historiadores, em parte, influenciados pela Nova História, que não apenas ampliou o repertório de temas de investigação, mas incorporou aos fazeres historiográficos olhares mais nuançados acerca da realidade. Novos métodos e procedimentos de pesquisas, incorporando práticas e saberes de outros campos disciplinares, alargaram horizontes e permitiram captar aspectos silenciados ou deixados na penumbra, constitutivos, contudo, das múltiplas faces das práticas culturais historicamente situadas.

É, portanto, nessa linha de interdisciplinaridade, que trabalha Magno Francisco de Jesus Santos, razão pela qual deve ter escolhido uma antropóloga, que sempre trabalhou nas interfaces da História e da Antropologia, para prefaciá-lo seu livro.

Este é, antes de tudo, um trabalho desrespeitador dos rígidos limites que se quer, por vezes, estabelecer entre os saberes organizados nas disciplinas acadêmicas. Foi inspirado na Antropologia e ciências afins, bem como em fazeres artísticos e humanísticos. Neles o autor buscou uma ampla teia de procedimentos, com os quais procurou captar o fenômeno da religiosidade, na sua multifacetada expressão, sem perder o vínculo com a História.

Ao tomar as celebrações de Senhor dos Passos em São Cristóvão como fulcro de sua análise, o autor defronta-se com um des-

ses rituais do calendário católico, cuja repetição anual na localidade está profundamente enraizado na tradição cultural dos sergipanos. A festa de Passos constitui-se num dos eventos religiosos de maior capacidade de mobilizar e deslocar populações de diversos lugares, gente que, movida pela fé no poder de Senhor dos Passos, vai ao santuário rezar, sacrificar-se, pedir ajuda e pagar promessas.

Foi na condição de acompanhante de pagador de promessa, que o autor, ainda criança, palmilhou, pela vez primeira, os caminhos da penitência. Apaixonou-se pela celebração, tornou-se “devoto curioso” e afinal “investigador inquieto”. Nesse percurso pessoal da relação com seu objeto de estudo, o aprendiz de historiador, viveu sua experiência de *transformar o familiar em exótico*, para usar uma expressão consagrada por Roberto da Matta, em seminal artigo em que trata dos recursos de desvendamento de outros que estão próximos.¹

Equipou-se com o instrumental teórico metodológico que lhe permitiu ler os documentos com olhar aguçado, tendo como objetivo compreender os elementos constitutivos da devoção ao longo do tempo, o santuário como lócus da religiosidade e das sensibilidades que se espraiam pelos espaços temporariamente sacralizados.

Não se contentou com a pesquisa arquivística. Ampliou o olhar e as experiências, ouviu depoimentos de devotos, ingressou na romaria, nas procissões, enfim, nas solenidades de Senhor dos Passos na atualidade e em suas zonas periféricas, acompanhando-as, observando-as e interpretando-as. Dessa forma, fez uso de um amplo espectro de fontes documentais de diversos tipos: manuscritos, jornais, relatos memorialísticos, sermões, fotos, imagens de santo e suas

1 DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

vestes, sinos, etc. Atento aos sinais externos que nos chegam não só pela visão, mas também pelo tato, pelo olfato e pela audição, aproximou-se do fenômeno religioso munido de um arsenal de práticas e saberes oriundos de diferentes campos do conhecimento, contudo, sem perder, a perspectiva de passado.

Fez uma etnografia histórica das solenidades de Passos no período compreendido entre 1886-1920, datas que se reportam aos principais registros da romaria e das procissões no primeiro quartel do século XX. Entre esses, registre-se o escrito memorialístico de Serafim Santiago, intitulado *Anuário Christovense*, precioso manuscrito editado pela Universidade Federal de Sergipe.²

Da sua pesquisa resultou um trabalho que se lê com satisfação porque escrito numa linguagem fluente, às vezes, poética, de apelo aos sentidos e a emoção, mas sem descuidar-se de seu compromisso com a escrita acadêmica.

O presente livro, originariamente uma monografia de licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe, tem como autor um jovem pesquisador, à época da elaboração deste texto, ainda um aprendiz de historiador. Hoje, com determinação e sucesso, concluiu sua formação acadêmica pós-graduada, mostrando sua dedicação à pesquisa e à vida intelectual. Revela acuidade e perspicácia no lidar com os temas escolhidos, capacidade de perseguir sonhos, realizar projetos e gerar conhecimento sobre o local, sem perder a conexão com o universal.

Caminhos da penitência: a solenidade do Senhor do Passos na cidade de São Cristóvão – Sergipe (1886-1920), ao tempo em que his-

2 SANTIAGO, Serafim. *Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão*. [manuscrito] / Serafim Santiago; Itamar Freitas, Beatriz Góis Dantas, Péricles Morais Andrade. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

toriciza as solenidades de Senhor do Passos em São Cristóvão, analisa os elementos constitutivos da devoção ao santo, seus milagres e a antropologização da imagem cultuada nessa fímbria quase imperceptível entre o divino e o humano.

A obra apresenta-se então como relevante contribuição ao entendimento desse importante patrimônio imaterial dos sergipanos que é a Festa de Senhor dos Passos em São Cristóvão.

Aracaju, 20 de março de 2014.

Beatriz Góis Dantas

Antropóloga e Professora Emérita da UFS.

LEMBRANÇAS DO TEMPO DE MENINO



Era manhã de domingo de 1989. Aquele não era um domingo qualquer, era o Domingo de Passos. Logo cedo, quase todos os cajai-benses¹ já estavam acordados, cozinhando, preparando sacolas, vestindo a mortalha roxa para ir a São Cristóvão. A ida a velha cidade era para quase todos uma obrigação, uma penitência, um pagamento de promessa.

A viagem, em um caminhão pau-de-arara, foi longa e demorada, pois chovia muito. Aliás, essa não era uma novidade, haja vista que era do conhecimento popular que na “Sagrada Semana de Passos”, sempre Deus mandava chuva, exceto no horário das procissões. Abençoada ou não, a chuva fez com que chegássemos atrasados. O caminhão ficou próximo da linha do trem e tivemos que subir apressados a grande ladeira da Matriz.

Ao chegar à Matriz, a missa das nove horas estava no final. Quase não conseguíamos entrar. Lembro apenas da insistência de minha mãe em dizer para que minha irmã e eu olhássemos nos “olhos vivos do Senhor dos Passos”. Era o momento da comunhão e eu estava extasiado ao ver tanta gente humilde, emocionada, lacrimajante, com os pés descalços, túnicas roxas e coroas de espinhos. Andamos lentamente por aquela igreja imensa, lotada e belíssima, até que tive um susto: vi um homem no alto, também vestido de

¹ Refere-se aos moradores do povoado Cajaíba, localizado no extremo sul do município de Itabaiana, agreste de Sergipe.

roxo, cabelos longos, com uma grande cruz sobre os ombros. Ao olhar o seu rosto sofrido, percebi a expressão de dor. Ele estava me observando. Envergonhado, baixei o olhar.

Só depois minha mãe veio me dizer que aquele era o Senhor dos Passos. Fiquei confuso. Nunca tinha visto santo com roupas, cabelos e olhos de verdade. Tinha pensado que ali estava alguém representando Jesus. Estava enganado.

Terminada a missa fomos almoçar no caminhão. Só se via gente passar pelas ruas de um lado para o outro, até que passou um trem, enchendo tudo de fumaça. Após o almoço fomos à Bica dos Pintos e ao Cristo Redentor. Tudo era novidade. Fiquei espantado ao ver um homem escalar o rochedo para beijar os pés da imagem, atento, observei a cidade cercada por rios e mangues.

À tarde fomos para a procissão. A Praça da Matriz estava lotada de fiéis ansiosos esperando a saída do andor do Senhor dos Passos. Iniciamos a caminhada pelas ruas estreitas da Velha Capital e logo nos perdemos do itinerário da procissão. Minha mãe preocupou-se, pois a minha irmã deveria acompanhar o Senhor dos Passos vestida de roxo. Em meio à multidão, ouvíamos a banda e os sinos, mas não sabíamos para onde ir. Só encontramos o Senhor dos Passos no Carmo Pequeno. Na Procissão do Encontro só tivemos desencontros. A promessa estaria paga? A dúvida pairou sobre a família.

Esse é o relato do primeiro contato, da primeira participação na procissão de Nosso Senhor dos Passos. A partir de 1994, a minha participação no evento tornou-se assídua. Desde criança ficava inquieto com aquele mundo “estranho”, de fé exacerbada, penitências e promessas. Observava minuciosamente cada ex-voto, cada canto do Conjunto do Carmo, o repicar doloroso do enorme sino do Carmo Pequeno e os cânticos em latim. Para mim, a procissão do Senhor dos Passos era uma viagem através do tempo. E realmente era.

Todavia, a curiosidade de um menino não o poderia levar muito longe. Faltavam-me os critérios indagadores da pesquisa. Ao ingressar no curso de História em 2001, a minha carência começou a ser saciada. Aos poucos fui aprendendo que o curso não traria respostas, mas dúvidas. A minha relação com a solenidade de Passos não ficou imune, também mudou. Eu não era mais um “devoto-curioso”, mas sim um investigador inquieto, perdido em meio à multidão de devotos do Senhor dos Passos. Busquei observar o fenômeno pelos mais variados ângulos, participando ativamente das celebrações. Assim, nos últimos anos acompanhei as procissões ao lado da charola do Senhor dos Passos, acompanhado por devotos que cumprem tal penitência a mais de três décadas. Presenciei os mais alucinados empurrões de pessoas que desejavam simplesmente “tocar no sagrado manto”. Passei várias vezes por baixo do andor, cujo itinerário formava o sinal da cruz. Fiquei (e ainda fico) perplexo com a obstinação de quatro, cinco e até seis devotos que todos os anos fazem questão de acompanhar o longo trajeto processional embaixo do andor. Penso no calor que deve fazer lá embaixo, não deve ser menor do que o fervor religioso que motiva tal ato.

A observação dos atos religiosos era insuficiente para compreender algo tão complexo como a solenidade de Nosso Senhor dos Passos. O universo simbólico do evento vai além das missas, procissões e pagamento de promessas. Por isso busquei conhecer o outro lado da cerimônia, o fenômeno além da linha férrea, o “submundo dos Passos”. Este é o lado profano, descontraído, marcado pelos bailes, bebida, sexo e violência. Cheguei a ser assaltado por duas vezes nessa experiência. Sobrevivi.

Mas por que um candidato ao ofício de historiador resolve adentrar no seu objeto de estudo ao invés de dedicar-se exclusivamente à pesquisa arquivística? Como fica a imparcialidade do historiador? E os riscos de cometer anacronismos?

Sinceramente, confesso não saber o motivo de tantos riscos. Talvez tenha sido um ato de loucura, talvez não. Posso dizer apenas que foi um esforço gratificante, resultou em descobertas reveladoras. Em relação a essa aventura devo tecer algumas considerações. Primeiro, é bom deixar claro, que vejo o evento nos dias atuais como um documento, traz em si a essência do ontem, manipulada pela ação do tempo. A procissão do Senhor dos Passos de São Cristóvão é um elo a ligar passado e presente. É óbvio que a procissão de nossos dias traz nova roupagem devido às necessidades atuais. Mas ela também é uma simbiose de elementos do ontem e do hoje, mesclando permanências e mutações, assim como todo documento. Sei que a pesquisa arquivística é necessária, mas não é o suficiente. É preciso explorar fontes de outras naturezas, averiguar outras realidades, observar o fenômeno sobre múltiplos olhares. Muitas das indagações sobre a procissão no passado foram elaboradas após a observação das práticas devocionais no presente, reafirmando a tese de que “toda história é contemporânea” (CROCE, 1964).

Optei por estudar a procissão dos Passos por critérios essencialmente pessoais. Para mim era evidente não se tratar de uma procissão qualquer, mas sim de uma solenidade complexa, com características bastante peculiares e que merecem ser estudadas. Desde minha infância acompanhei eventos do catolicismo popular, mas era na solenidade dos Passos que os elementos de piedade e devoção assumiam proporções de exuberância.

Lembro aos desavisados que não tive o intuito de escrever um texto repleto de elogios ou de críticas à religião Católica. A preocupação central não é explicar, mas provocar, inquirir, questionar para melhor compreender o fenômeno estudado. Tentei reconstituir o cenário de um evento que se configurou desde o século XIX como a principal solenidade católica de Sergipe. Da mesma forma, não me preocupei com o contexto. O período estudado foi repleto de

transformações relevantes para o âmbito da religiosidade católica, tanto na esfera nacional com a separação entre o Estado e a Igreja; como na esfera estadual, com a criação da Diocese de Sergipe em 1911. Reconheço que essas transformações repercutiram na procissão. Todavia, nesse momento, busquei apenas entender a procissão por si só, como um enredo com tonalidades barrocas e tecido por representações simbólicas dos romeiros.

Também não temo cometer anacronismos. O historiador estuda o passado partindo de angústias vivenciadas no presente. A parcialidade e o anacronismo são reduzidos a partir do momento em que o historiador submete os documentos ao rigor da crítica histórica. Sabendo disso, corri os riscos de escrever uma versão da história que não se reduz à visão, mas extrapola para os demais sentidos. É uma história que tem cheiro de mofo dos arquivos, dos cabelos queimados pelas velas, do incenso conduzido a cada passo e do manjeriço espalhado sobre a charola. É uma história que se sente, com o toque contrito do fiel aos pés do Senhor, o beijo no manto e nas fitas, os empurrões para ter a honra de carregar por um instante a charola ou na submissão de passar ajoelhado sob os andores do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade. É uma história que tem sabor, seja das guloseimas das romarias (queijadas, cocadas de forno, bolachinhas de goma, amendoim confeitado e *briceletes*) ou da água potável do Pitanga. Mas é, sobretudo, uma história em que se ouvem ruídos, com o lamento dos pobres, com os cânticos de piedade, com o dobrar dos sinos, com as narrativas dos devotos e até com o mais profundo silêncio.

Portanto, essa pesquisa é o fruto de uma dupla paixão: pela história e pelo fenômeno religioso do Senhor dos Passos. Agora publico em forma de livro a monografia que defendi nos idos de 2006, preservando as idéias de então. Trata-se de uma leitura, de uma versão sobre as procissões penitenciais do Senhor dos Passos em São Cristóvão.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PREFÁCIO	15
LEMBRANÇAS DO TEMPO DE MENINO	19
INTRODUÇÃO	26
1 FESTAS, PENITÊNCIAS E UTOPIAS: AS CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS	40
II LEMBRANÇAS DA PAIXÃO	54
1 As Memórias como Discurso e Fonte Histórica	56
2 Olhares Intelectuais sobre os Passos	62
3 Os Passos Segundo Santiago: Momentos de Fé	94
III O SANTUÁRIO SANCRISTOVENSE	104
1 A Dádiva Divina	106
2 Entre milagres e tragédias	112
3 A sacralização do espaço	129
IV RUÍDOS DO TEMPO: ETNOGRAFIA HISTÓRICA DA PROCISSÃO DOS PASSOS	142
PROVOCAÇÕES FINAIS	168
FONTES CONSULTADAS	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175



INTRODUÇÃO





ABRA A PORTA

*Abra a porta, povo, que já vem Jesus,
Ele vem cansado com o peso da cruz.*

*Sai de porta em porta, sai de rua em rua,
Meu Deus da minha alma sem culpa nenhuma.*

*Ai Senhor dos Passos, vós contaís os meus passos
Vós livrai-me de algum embaraço.*

*Hoje tem três dias que procuro Jesus
Encontrei com Ele nos braços da cruz.*

*De que vale tanta nobreza.
Se peder o céu perde toda a riqueza.*

*O peso da cruz é nosso pecado,
Nós queremos ser grandes, somos castigados.*

*Somos castigados, perdoai, Senhor.
Que será de nos sem vosso favor.*

*Madalena depressa, Cirineu, vem ver.
Lá se vai meu Filho, Ele vai morrer.*

*Que Jesus é meu e eu sou de Jesus.
Jesus vai comigo e eu vou com Jesus.*

(Bendito entoado na Procissão do Depósito)

Nas últimas décadas as religiões e as expressões de religiosidades têm sido investigadas por diferentes pensadores das Ciências Humanas. Diversos campos de saberes têm lançado seus olhares sobre os fenômenos religiosos, fazendo emergir interpretações reveladoras sobre o renovado campo de estudo. Entre as ciências que mais têm contribuído com pesquisas na área de religião estão a Psicologia, Antropologia, Sociologia, Medicina e a História.

A História é uma das ciências que têm refletido de forma considerável sobre o campo religioso. Um dos fatores que contribuiu com a emergência dessa nova temática nas pesquisas de História foi a renovação provocada pelo movimento dos Annales. Apesar das constantes críticas diferenciadas à *Nouvelle Histoire*¹ (muitas das quais bem fundamentadas), desde a década de 1930, o movimento tem fornecido importantes contribuições para a pesquisa em História, como o alargamento do conceito de documento, a interdisciplinaridade e o estudo de novas temáticas. Entre os temas privilegiados pela Nova História está a religiosidade, objeto desse estudo, com foco nas expressões da religiosidade popular.

Esse estudo lança o olhar sobre a solenidade de Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (Sergipe) no período de 1886 a 1920. A escolha desse marco temporal foi motivada pela abran-

1 Cf. DOSSE, Francois. *A História em Migalhas: dos Annales a nova história*. 3ª ed. Trad. Dulce N. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio / Campinas: UNICAMP, 1994.

gência das fontes utilizadas na investigação, como também pela importância que a solenidade detinha no referido período, haja vista congregar em seus cortejos processionais devotos de diferentes segmentos sociais. O problema central da pesquisa foi saber como o imaginário popular e os elementos simbólicos contribuíram para o aumento devocional ao Senhor dos Passos de São Cristóvão.

A partir dessa problemática, o objetivo central foi compreender a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão a partir de seus elementos simbólicos entre os anos de 1886 e 1920. Além disso, foi propósito da pesquisa apreender sobre os principais momentos da solenidade, como a caminhada, os ofícios, as procissões e o retorno dos fiéis; perceber como o imaginário popular contribuiu para o aumento devocional ao Senhor dos Passos; compreender o processo de sacralização do espaço, com a formação do santuário no conjunto arquitetônico do Carmo e o papel dos elementos simbólicos presentes na solenidade.

A procissão do Senhor dos Passos pode ser vista como uma das mais importantes manifestações religiosas de Sergipe. Isso se torna evidente se observarmos o número de fiéis que a cada ano participam do evento e as práticas religiosas dos devotos. Apesar de ter sua importância reconhecida, essa tradicional solenidade de São Cristóvão é ainda muito pouco estudada. Ela é consideravelmente referenciada em diversas obras, mas, no entanto, é perceptível a carência de um estudo sistemático sobre o fenômeno. Assim, com essa pesquisa, pretendemos preencher uma importante lacuna na historiografia religiosa de Sergipe.

Além da escassez de trabalhos sobre a Procissão de Passos, também é possível detectar que a maioria dos estudos sergipanos sobre religiosidade não inovou muito em suas abordagens. Mesmo algumas obras escritas supostamente sob o viés do movimento dos

Annales, percebe-se que, na maioria das vezes, a produção acadêmica se prende à perspectiva tradicional. Nesse ponto, pretendemos contribuir com o estudo da história local, inovando com a abordagem, tendo em vista que estudaremos a solenidade partindo de sua sonoridade. Essa é uma abordagem inédita na historiografia religiosa sergipana e plausível, levando-se em consideração que a solenidade do Senhor dos Passos em São Cristóvão é um evento no qual a sonoridade detém uma relevância extraordinária, com o dobre dos sinos, os cânticos piedosos e até com o silêncio.

O primeiro passo dessa pesquisa foi a definição do tema e o estabelecimento do marco temporal. Como se trata de uma pesquisa na área de História tornou-se indispensável o tratamento com as fontes. A primeira etapa desse trabalho foi a heurística, ou seja, a busca pelos documentos concernentes ao tema estudado. Nessa etapa foi realizado o levantamento, seleção e transcrição dos documentos dos acervos da Biblioteca Pública Epiphânio Dória, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Instituto Tobias Barreto, Programa de Documentação e Pesquisa Histórica (DHI-UFS), Biblioteca Central (UFS), da Casa Paroquial Nossa Senhora da Vitória de São Cristóvão, além dos acervos particulares de Erundino Prado e de Janaína Couvo.

Quanto à tipologia documental, foram levantados notícias e relatos da Procissão do Senhor dos Passos nos principais jornais sergipanos do final do século XIX e início do XX, como o Estado de Sergipe, Correio de Aracaju e Sergipe Jornal. Além desses, também foram transcritos importantes relatos das procissões descritos no Anuario Christovense de Serafim de Santiago, Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Vitória de São Cristóvão, além do texto “Ao romper do século XX” de Manuel dos Passos de Oliveira Teles.

No entanto, vale ressaltar que a noção de documento não se restringe apenas aos registros escritos. Atualmente, documento pode

ser entendido como todos os resquícios produzidos pelo homem através do tempo e que chegam até nós. Assim emergem fontes antes esquecidas ou menosprezadas como construções, objetos pessoais, fotografias, vestuário e a oralidade. Partindo desse pressuposto, esse estudo não se deteve exclusivamente aos documentos escritos, pois se utilizou de fotografias (do evento, imagens e ex-votos), arquitetura (igreja, claustro e Ordem Terceira do Carmo), objetos (ex-votos), vestuário (das imagens e ex-votos), oralidade (entrevista com Maria Paiva Monteiro) e o próprio evento nos dias atuais, por trazer sinais, resquícios do passado.

Devido à diversidade documental utilizada, foi fundamental a segunda etapa da pesquisa, a crítica histórica. Nesse momento foram analisadas as fontes a partir de seus elementos internos e externos. Foi imprescindível comparar as informações dos documentos de naturezas distintas, possibilitando compreender com uma visão mais ampla o objeto de estudo. É importante lembrar que todo documento, seja qual for a sua natureza, é uma representação do passado construída intencionalmente. É um mecanismo humano de perpetuar sua memória. Deste modo, pode-se dizer que:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço

das sociedades históricas para impor ao futuro—voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprio (LE GOFF, 2010, p. 548).

Na terceira etapa foi realizada a análise interpretativa das fontes, com a chamada compreensão histórica, para enfim chegar à síntese histórica. É importante salientar que a reflexão sobre a solenidade do Senhor dos Passos foi voltada para as diferentes formas de percepção do evento, com destaque para a sonoridade e para os toques.

Pelo foco de análise proposto, essa pesquisa segue o pensamento da Nova História Cultural, proposta pelo movimento dos Annales. A escolha de tal corrente epistemológica se deu por três motivos: o primeiro é quanto à problemática desse estudo, tendo em vista que procuramos saber como os elementos simbólicos e o imaginário popular contribuíram para o aumento devocional ao Senhor dos Passos, ou seja, essa é uma proposta que segue a linha da História Nova.

O segundo motivo é quanto às fontes. Nessa pesquisa cruzamos fontes de naturezas distintas, buscando compreender o objeto de estudo com a visão mais ampla possível. Por esse motivo foram vistos como fontes não só os registros escritos, mas também a oralidade, os ex-votos, o espaço, a arquitetura e o próprio evento.

O terceiro e último foi devido à abordagem da pesquisa. O intuito foi de investigar o imaginário e as práticas religiosas de determinado período (1886-1920), tendo como fio condutor a sonoridade. É preciso lembrar que a história antes de ser registrada é sentida. Infelizmente os historiadores ainda privilegiam exacerbadamente a visão em detrimento aos demais sentidos. Mesmo sem querer diminuir a relevância da visão como instrumento de percepção do mundo, a existência de outras formas de sentir a realidade vivida, seja pelo toque, pelo cheiro ou pelo som. A história também é sen-

tida e ouvida. Reconhecendo a importância que a sonoridade detém no meio social e, especialmente, na solenidade do Senhor dos Passos, o estudo desenvolvido teve como foco a sonoridade, os ruídos que sobreviveram às barreiras do tempo através do silêncio sepulcral dos documentos. Entretanto, vale ressaltar que a sonoridade não constitui o objeto desse estudo, é apenas um mecanismo de ligação entre presente e passado, possibilitando assim, propiciar uma nova abordagem sobre o universo simbólico dos Passos.

Como a reflexão abordou sobre diferentes aspectos da solenidade de Passos, a análise não se prendeu apenas a um aporte teórico. Para evitar deturpar o objeto aos grilhões metodológicos, foram utilizadas diferentes categorias de acordo com o foco de análise de cada capítulo. Com isso foram enfocadas categorias e linhas de pensamentos distintos, como espaço, sagrado, profano e sacralização.

Espaço é uma das categorias mais polêmicas da geografia. Diversos pensadores têm refletido sobre a questão ao longo dos anos, propiciando discussões surpreendentes. O espaço produzido pode ser entendido enquanto “resultado de uma ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem” (MORAES, 2002, p. 15). Desse modo, podemos dizer que as formas espaciais são produtos históricos, ou seja, resultantes da ação humana ao longo de diferentes períodos. “A humanização do planeta ocorre com a apropriação intelectual dos lugares, com a elaboração mental da paisagem, ou seja, a valorização subjetiva do espaço, (MORAES, 2002, p.16). Com isso, é pertinente afirmar que as formas espaciais são produtos das intervenções teleológicas, materializações elaboradas por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos usos do solo, “repartições e distribuições estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo, ou seja, todo o complexo universo da cultura, política e ideologias” (MORAES, 2002, p. 16).

Partindo dessa reflexão, é preciso buscar conhecer as motivações que movem os atores, como sonhos, interesses e desejos.

Por apresentar tais características, o espaço produzido propicia leituras. Vidal de la Blache chega a estimular os geógrafos a passearem pelos lugares como quem visita um museu. Essa recomendação deve ser estendida aos historiadores, que ainda não descobriram a relevância dos elementos espaciais como fonte histórica. As formas criadas permitem uma leitura enquanto símbolo de uma cultura e de uma época. Nessa perspectiva, a interpretação espacial pode revelar:

Momentos de produção dos lugares, valorização subjetiva do espaço, manifestações de consciência, lugar enquanto representação. A leitura da paisagem como elemento revelador de uma época e de uma cultura, consciência do espaço como tema de análise. Os discursos são elementos ativos na transformação dos espaços (MORAES, 2002, p. 25).

É importante frisar que o espaço é produzido e reproduzido cotidianamente. Ele é ao mesmo tempo produto e fonte para uma nova produção. Assim, “a produção do espaço pode ser lida do ponto de vista das casas, das edificações construídas” (DAMIANI, 2001, p. 49). No entanto, a leitura espacial não se limita aos seus aspectos sólidos. Deve ocorrer também a leitura dos espaços flexíveis, como as espacialidades das procissões e das festas religiosas.

O espaço, além de ser categoria geográfica, pode constituir-se em objeto de estudo da história. As formas espaciais são produtos históricos e podem ser vistos como testemunhos de uma época, das ações humanas ao longo do tempo. O testemunho estratificado na produção espacial não se configura como algo cristalizado, inerte, morto, uma vez que ele está envolto por um constante processo de

transformação, com a redefinição de suas funcionalidades e de seus valores. Ao passo que a sociedade se transforma, produz uma nova configuração espacial para atender às suas necessidades. Observe o centro histórico de São Cristóvão no registro fotográfico da década de 40 do século XX.



Figura 1: Praça da Matriz na década de 40 do século XX. *Acervo Erundino Prado Júnior.*

Apesar de haver um ininterrupto processo de produção/reprodução, as marcas e os sinais de épocas distintas não são apagados das formas espaciais, mas sim, acumulados, acrescidos de resquícios de diferentes períodos, sobrepondo realidades e discursos. São tais registros que devem ser vislumbrados pelos historiadores. Os “seguidores de Clio” devem descobrir as formas espaciais enquanto documento. O homem faz a história ao longo do tempo e do espaço, deixando resquícios de sua ação em ambos.

No entanto, o espaço não é homogêneo. Ele pode apresentar rupturas, quebras, porções qualitativamente diferenciadas. Uma das principais formas de distinção ou diferenciação espacial ocorre com

a sacralização. É nesse aspecto que a categoria geográfica aproxima-se do conceito antropológico de sagrado. O sagrado manifesta-se, “mostra como coisa absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2001, p. 20). Nesse sentido, “pedras, árvores perdem o seu significado original, contudo continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2001, p. 21).

Na experiência do *Homo religiosus*, o espaço se torna qualitativamente diferente do espaço profano que o cerca, sacraliza-se. A manifestação do sagrado causa quebras na homogeneidade espacial, permitindo a constituição do mundo a partir da oposição entre um ponto fixo e a não-realidade na imensa extensão que o envolve. Desse modo, a hierofania revela um centro (ELIADE, 2001, p. 27). No entender de Eliade:

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras (...). Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência “forte”, significativo— e há outros espaços, não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma: amorfos (ELIADE, 2001, p. 27).

Assim se pode dizer que há locais privilegiados, que guardam uma qualidade excepcional única. A orientação prévia é a indicação de um ponto fixo. “Por isso o homem sempre buscou estar no centro” (ELIADE, 2001, p. 28) no campo religioso o centro é representado pelo santuário. Desse modo, os peregrinos e romeiros ao se deslocarem a um santuário, estão em busca de um ponto fixo, do espaço sacralizado, ou seja, da intimidade com o sagrado. A peregrinação “dirige-se a um lugar ‘fora de’, ‘longe de’, segregando espacialmente em relação a seu ambiente social e ao seu lócus geográfico

cotidiano” (AGOSTINHO, 1986, p. 10). Essa situação assemelha-se a dos romeiros do Senhor dos Passos que ao longo dos anos dirigem-se à cidade de São Cristóvão nas primeiras semanas da Quaresma para participar da principal solenidade religiosa de caráter penitencial de Sergipe.

No universo religioso dos Passos a sacralidade não se limita ao conjunto arquitetônico do Carmo. Durante a solenidade religiosa é constituído um território próprio. O território dos Passos é bastante flutuante ou móvel. Seus limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças. Nesse estudo, definimos o território móvel que se desloca pelas principais ruas de São Cristóvão, sacralizando o espaço a partir de elementos como o incenso, o sino e os passos de território flexível.

Contudo, é importante ressaltar que o tempo das romarias é diferenciado. A sacralização não fica restrita ao espaço, ela também ocorre com o tempo. No universo simbólico religioso há períodos do ano que são qualitativamente privilegiados, diferenciados. É o tempo festivo que:

Representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, no começo. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal ‘ordinária’ e a reintegração do tempo mítico reatualizado pela própria festa. O tempo da festa é recuperável, repetível (ELIADE, 2001, p. 61).

Desse modo, solenidades como a procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão, não só constitui a representação do martírio de Cristo, como também a entrada dos participantes devotos em um tempo diferenciado, no tempo mítico da Paixão. Nas trasladações das imagens votivas pelas estreitas ruas da Velha Capital, os devotos

acabam revivendo, sentindo as emoções dos últimos passos de Jesus rumo ao Calvário. Em ocasiões como essa, o tempo habitual marcado pela monotonia do trabalho é rompido, cedendo lugar ao tempo ritual ou festivo que “compreende o tempo das procissões, de lazer e dos espetáculos sagrados, profanos e cívicos” (SOUZA, 2004, p. 96).

Com isso, a partir desses aportes teóricos foi empreendida a tarefa de buscar compreender algumas facetas da solenidade de Passos da “Primeira Capital Sergipana”, tendo como foco central a sonoridade, os ruídos que perpassaram as barreiras do tempo. Foram investigados os indícios reveladores da realidade imaginativa dos Passos, cercada de lendas, tabus e superstições. Tais indícios, vistos enquanto bens simbólicos da solenidade do Senhor dos Passos, carregam os sinais da devoção, das práticas religiosas realizadas ao longo do tempo. Assim, elementos como o sino, os cânticos em latim, as preces particulares, os ex-votos, as fotografias e as imagens podem ser vistas como fios condutores para a compreensão do fenômeno estudado. Na análise do objeto de estudo, o historiador deve amparar-se nos mais variados instrumentos de pesquisa, na busca por vestígios denunciadores do passado. Com os pressupostos da nova historiografia, “na falta de uma documentação verbal para se pôr ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado” (GINZBURG, 1989, p. 151).

O livro foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, denominado “Festas, Penitências e Utopias: as celebrações religiosas” está apresentado a revisão de literatura sobre cultura, religião, festa, penitência, ex-voto e campanologia. No segundo, “Lembranças da Paixão: Relatos do Memorialista Serafim de Santiago sobre a Procissão dos Passos”, discutimos a importância das memórias enquanto

fonte histórica no tópico “As Memórias como Fontes Históricas” e os estudos sobre a procissão com o tópico “Olhares Intelectuais sobre os Passos”. Ainda nesse capítulo foram abordados os principais momentos da procissão, presente no relato de Santiago, com o tópico “Os Passos segundo Santiago: Momentos de Fé”.

No terceiro capítulo, intitulado “O Santuário Sancristovense”, realizou-se uma reflexão sobre a origem da devoção com o tópico “A Dádiva Divina: Origem da Devoção ao Senhor dos Passos em São Cristóvão”. No segundo tópico, “Milagres e Tragédias: elementos constitutivos para o aumento devocional ao Senhor dos Passos” foram discutidos alguns elementos que contribuíram para o aumento de fiéis na solenidade, como o encontro da imagem, o incêndio e o toque do sino. No terceiro, “A Sacralização do Espaço”, foi discutido o processo de formação do santuário do Senhor dos Passos no conjunto arquitetônico do Carmo, envolvendo o depósito de ex-votos.

Por fim, no quarto capítulo “Ruídos do Tempo: etnografia histórica da Procissão do Senhor dos Passos”, foi realizada uma etnografia da solenidade a partir de sua sonoridade.



I

FESTAS, PENITÊNCIAS
E UTOPIAS:
AS CELEBRAÇÕES
RELIGIOSAS



*Lenta e calma sobre a terra
Desce a noite e foge a luz
Quero agora despedir-me,
Boa noite, meu Jesus*

*Ó, senhor, dai-nos a benção
E do mal que nos seduz
Aos meus pais e a mim guardai:
Boa noite, meu Jesus*

*A teus pés, ó Virgem pura,
Peço a benção maternal
Boa noite, Mãe querida,
Boa noite, meu Jesus*

(Canto entoado por romeiros na Procissão
do Depósito. MANZOTTI, Pe. Reginaldo.
Sinais do Sagrado, 2011).



O Brasil é a terra das celebrações religiosas. A rotina cotidiana das pequenas comunidades rurais e até mesmo dos grandes centros urbanos é rompida, cedendo lugar ao tempo festivo com romarias, peregrinações, cultos, procissões, novenas e quermesses. De norte a sul do país pode ser observada a mobilização de devotos em busca de espaços sacralizados, desde os grandes santuários nacionais até uma humilde santa cruz de beira de estrada. O país segue o ritmo das procissões.

Essa assertiva pode ser constatada por meio de uma rápida análise do calendário festivo religioso, prioritariamente marcado por celebrações católicas.¹ Por ter sido durante um longo período a religião oficial, amparada pelo Padroado Régio, o calendário festivo brasileiro é essencialmente católico. Do primeiro ao último dia do ano podemos encontrar celebrações em homenagem aos inúmeros santos cultuados no Brasil. Festas como as de Bom Jesus dos Navegantes, Senhor do Bomfim, Bom Jesus da Lapa e Imaculada Conceição da Praia na Bahia; São Francisco das Chagas e Padre Cícero no Ceará; Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, Nossa Senhora

1 Estamos apenas considerando as festividades católicas, devido à amplitude de eventos religiosos que ocorrem no país. Em nenhuma hipótese estamos diminuindo a relevância das demais celebrações e muito menos negando a simbiose entre diferentes religiões nos cultos católicos. Vários estudos publicados nas últimas décadas vêm demonstrando a presença, em alguns casos silenciados, de elementos das religiões indígenas e afro-brasileiras nos rituais católicos. Tais estudos só confirmam o constante processo de circularidade presente também entre as diferentes práticas religiosas.

dos Navegantes no Rio Grande do Sul, Divino Pai Eterno e Nossa Senhora da Abadia em Goiás e o Círio de Nazaré no Pará detêm um incrível poder de mobilização popular.

Com um calendário tão rico em celebrações religiosas, pode-se dizer que a cada momento ocorre uma ruptura temporal, a entrada de um novo tempo mítico. Essas diferentes temporalidades afetam o cotidiano da população, ao fazer o imaginário coletivo ser permeado pela simbologia cristã. No entanto, o universo religioso do brasileiro não é habitado somente por elementos cristãos, mas é a resultante de uma simbiose cultural, mesclando heranças oriundas de diferentes povos como os indígenas, os europeus e os africanos. “As culturas fecundam-se mutuamente” (DEL PRIORE, 2002, p. 120). Desse modo, a cultura brasileira expressa elementos intrínsecos à sociedade. Assim, emergem as utopias, o maior exercício da liberdade humana. Sob esse prisma, “a sociedade é produto de suas angústias, suas fantasias e seus sonhos, projetados nas utopias que elabora” (DEL PRIORE, 1994, p. 07).

No rico cenário cultural brasileiro destacam-se as festas. Essas podem ser entendidas como momentos de interação social, de louvor. Tempo de fé, conversas e rezas. A festividade está intrinsecamente ligada à sociedade a qual está inserida e por esse motivo ela exprime frustrações, interesses, poder, disputas e desejos. A festa representa a quebra de rotina, desperdício e ociosidade. Na acepção de Jean Duvi-
naud, “reencontramos a pressão destruidora na festa (às vezes alegre, às vezes sombria) a ponto de dizermos que ela não é trágica, mas sim que o trágico é uma festa repetida...” (DUVIGNAUD, 1983, p. 33)

Desse modo, podemos encontrar em um evento festivo uma multiplicidade de usos, intenções e sentidos. A festa é um mecanismo de aproximação da comunidade, é a celebração, expressão ritualística de uma mentalidade de uma cultura, ou seja, a manifes-

tação de uma identidade coletiva. Com isso, é no momento festivo que ocorre a reafirmação da identidade e das relações culturais.

Na festa também está presente o caráter mnemônico, levando-se em consideração que ela é uma memória, repetição de certos valores e comportamentos, continuidade em relação ao passado. É a liberação momentânea, crença que utiliza símbolos e alegorias com a finalidade de contar e reviver uma história. Nesse caso, a memória que guarda as marcas de um vivido, as lembranças, as emoções, os sonhos e o imaginário de uma época que ficou sepultado no tempo é retomada, revivida e reinterpretada. A festa passa a ser uma ponte de diálogo entre presente e passado, de modo que a cultura simbólica presentifique algo que está ausente. A função da festa também pode ser definida como:

Uma expressão teatral de uma organização social é fato político, religioso e simbólico. As danças e músicas permitem introjetar valores de uma vida coletiva, além do descanso, da alegria, da partilha dos sentimentos coletivos. Ajuda a suportar a exploração e reafirma laços de solidariedade ou marca as especificidades. Há perpetuação nas procissões, desfiles, desafios além da mistura de ganhadores e perdedores pelos prazeres (DEL PRIORE, 1994, p. 10).

Muitas das festividades brasileiras estão imbuídas pela religiosidade. A festa de caráter religioso-popular percorre ao longo do tempo, paralelamente e de modo simbólico, o próprio ciclo de rotina e trabalho da sociedade. Nesse sentido, a festa é um período peculiar, com intensa vida coletiva, momentos de unanimidade e efervescência do sagrado e religioso. “Na festa o irrealizável se materializa” (NASCIMENTO, 2002, p. 12) e nela podemos detectar uma gama

de realidades amplas. Com isso, pode-se afirmar ser possível compreender a festa a partir dos elementos aos quais ela está ligada.

Entretanto, para poder compreender o sentido das festividades religiosas é preciso definir o conceito de catolicismo popular. Nesse estudo, catolicismo popular foi visto como as práticas consideradas pela hierarquia eclesiástica como ultrapassadas, arcaicas e ilegítimas. Para estabelecer o entendimento do catolicismo popular é preciso relacioná-lo com o seu oposto, ou seja, o catolicismo oficial. O aspecto dual entre religiosidade popular e oficial foi assim explicitado por Pierre Sanchis:

Ela (religião popular) é o fenômeno estrutural não manifestado senão num grupo frente a outro, dominante e modernizador. Esses grupos sociais não se confundem necessário e simplesmente com classes sociais em conflito e uma maior atenção às elites dirigentes, numa e noutra classe fundamental, deverá sempre matizar e , às vezes, balancear as perspectivas unilaterais de uma sociologia da luta de classes, se quisermos, um dia, poder restituir a palavra “povo” a densidade de um conceito puramente operacional (SANCHIS, 1979, p. 258).

Apesar da relação dialética entre as duas formas de expressões da religiosidade, é imprescindível lembrar da inexistência de uma fronteira fixa entre elas, por se tratar “de um dinamismo tecido por trocas recíprocas” (VOVELLE, 1987, p. 154). No plano cultural, as diferentes expressões de religiosidade devem ser entendidas como um contínuo processo de circularidade, no qual os seus agentes não permanecem estáticos no campo do popular ou do oficial, mas sim, em constante diálogo entre si (GINZBURG, 1987, p. 21).

No caso da solenidade do Senhor dos Passos da cidade de São Cristóvão, mesmo constituindo-se como celebração de cunho oficial da Igreja Católica em Sergipe, ela deve ser vista sob a ótica do catolicismo popular. No período estudado (1886-1920), a Procissão dos Passos reunia em seus cortejos os mais importantes nomes da elite açucareira sergipana, que detinham o monopólio na trasladação das imagens. Contudo, o que a tornava principal solenidade religiosa sergipana era a maciça participação popular, com o depósito de ex-votos e com o cumprimento de penitências (NUNES & SANTOS, 2006, p. 101). Tais práticas populares eram criticadas pela hierarquia eclesiástica local, como pode ser constatado no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Vitória.

O principal momento de expressão do catolicismo popular ocorre por ocasião das romarias. A definição de romaria é polêmica, tendo em vista que não há consenso entre os estudiosos da religião na distinção entre romaria e peregrinação. Distinguir tais conceitos é de importância fundamental na compreensão da solenidade dos Passos de São Cristóvão, uma vez que entre os anos de 1886 e 1920, a procissão atraíaromeiros dos mais variados recônditos municípios sergipanos.

Etimologicamente o termo peregrino se originou do vocábulo *peregre*, ou seja, “aquele que se encontra fora de sua residência” ou “aquele que saiu de sua casa ou pátria” (BALBINOT, 1998, p. 78). Assim, peregrinação é entendida como o deslocamento de pessoas em busca de um lugar sagrado com o intuito de realizar atos religiosos com objetivos votivos, piedosos e penitenciais. Peregrinar significa o deslocamento espacial do devoto, afastando-se temporariamente de seu ambiente social e de seu lócus geográfico cotidiano em busca do espaço sagrado. Esse “desligamento” do mundo não é definitivo, pois na peregrinação sempre há o retorno. Na peregrina-

ção um elemento relevante é a penitência, anacrônica ao sofrimento de Cristo na via crucis. É a imitação de Cristo, reconstruindo a realidade geográfica, tornando-a simbólica (AGOSTINHO, 1986, p. 11). Os peregrinos convergem para um ponto, o santuário, no qual entra em contato com o sagrado e se reinserem “em um tempo sacralizado, que é também um tempo histórico” (AGOSTINHO, 1986, p. 12).

Já romaria vem dos termos “*romerus, romerius, romarius*, designações dadas aos peregrinos que iam a Roma” (BALBINOT, 1998, p. 77). Nesse sentido, o conceito de romaria está associado a um caso específico de peregrinação, ou seja, a de Roma. Contudo, essa definição é simplista em demasia para explicar fenômenos complexos como a romaria. Uma forma mais coerente de distinguir peregrinação de romaria é a formulada por Pierre Sanchis, que tem como referência o grupo regulador do evento. Desse modo, a romaria pode ser vista como “uma manifestação efervescente de religião popular, imperfeitamente regulada pela hierarquia” (SANCHIS, 1979, p. 252). Segundo a mesma linha de raciocínio, a peregrinação passa a ser entendida como uma espécie de antirromaria, na qual a autoridade religiosa detém um maior controle sobre o transcorrer do evento.

Nesse caso, a solenidade do Senhor dos Passos no período estudado pode ser vista como uma romaria, tendo em vista que a organização do evento estava a cargo dos irmãos terceiros do Carmo. O evento religioso do segundo final de semana da quaresma realizado todos os anos em São Cristóvão era uma cerimônia com forte inclinação para fora da alçada da hierarquia eclesiástica. Essa constatação pode ser evidenciada ao se observar as críticas a esse tipo de celebração registradas pelos párocos no Livro de Tombo da paróquia.

O papel desempenhado pelas irmandades, confrarias e ordens terceiras no campo religioso é inquestionável. Nas cidades do Brasil

colonial e imperial cada segmento social tinha a sua irmandade. Ser membro de uma associação religiosa representava demonstração de poder e prestígio. Por isso era comum os devotos com maior poder aquisitivo pertencerem a diferentes associações, para as quais destinavam pequenas fortunas em seus testamentos.² Outro fator a atrair devotos para as associações religiosas era o medo da morte. Podemos dizer que a morte constituía uma das principais preocupações da população até as últimas décadas do século XIX. A preocupação não estava relacionada com a morte em si, mas sim com a morte desamparada. Em uma sociedade marcada pelo forte sentimento de religiosidade e pelas epidemias, assegurar a realização dos rituais fúnebres tornava-se preocupação central.

No entanto, a realização dos funerais dos irmãos não era a única incumbência das associações de leigos. Elas eram responsáveis por uma série de obrigações, expostas em seus respectivos compromissos. Entre as mais comuns estavam os empréstimos de divisas e a realização de procissões para os oragos protetores das instituições. Em ocasiões com essa, o prestígio da irmandade ou ordem leiga era exposto publicamente com maior veemência. Quanto mais pomposa fosse a festa, maior seria o poder da associação. Os investimentos nos festejos visavam atrair novos membros (NASCIMENTO, 2001, p. 31). As procissões eram o momento em que a rivalidade entre as irmandades eram acentuadas. Cada associação tinha a sua procissão.

Assim, em São Cristóvão, no período quaresmal, três associações religiosas de leigos se destacavam na realização das celebrações penitenciais. É o que poderíamos chamar de “Tríade Processional

2 Atrélada à herança, os membros das irmandades também deixavam em seus testamentos prescritos os cuidados com o funeral, sepultamento e celebrações para a encomendação da alma. Por esse motivo os testamentos constituem fonte valiosa para o estudo das religiosidades.

da Quaresma” de São Cristóvão. Tendo início na Quarta-feira de Cinzas com a Ordem Terceira de São Francisco e a pomposa Procissão das Cinzas, realizada até o ano de 1862 (SANTOS, 2001, p. 42). Doravante, no segundo final de semana da Quaresma ocorria a maior celebração religiosa da cidade, com a solenidade do Senhor dos Passos, organizada pela Ordem Terceira do Carmo. A tríade era fechada na Quinta-feira Santa com a Procissão do Fogaréu, realizada pelos membros da Santa Casa de Misericórdia³ (SILVA FILHO, 2000, p. 45). Dessas três procissões, a única que apresentava aspectos de romaria era a de Passos. As demais, apesar de serem realizadas com pompas, eram mais restritas aos devotos locais e à elite açucareira que passava o período quaresmal na Velha Capital.

A procissão é o momento culminante da romaria. Pode ser entendida como “marcha solene, de caráter religioso acompanhada de cantos e rezas” (FONTES, 1982, p. 23). É no momento da procissão que “os fiéis e até mesmo aqueles que não vão a procissão por promessa, só fazendo gosto de participar, sentem-se inseridos dentro de uma experiência em que está presente” (NASCIMENTO, 2002, p. 39). Ela pode ser entendida como o momento no qual se estabelece ou intensifica o diálogo entre o devoto e o santo. As procissões brasileiras eram marcadas pela heterogeneidade, tendo em vista que a religiosidade englobava “a fé católica tradicional, misturada a superstições, sobrevivências pagãs, européias e africanas, estreitamente misturadas, difíceis de ser separadas da cultura local” (FLEXOR, 1996).

Outro aspecto intrinsecamente associado às procissões é a teatralidade, propiciada tanto pela presença de elementos cenográficos, como pela ornamentação das imagens. A cenografia rica servia, por

3 Além das três procissões destacadas, havia também a procissão do enterro realizada pelos terceiros do Carmo, no entanto, sem a pompa atribuída às demais.

esse modo, para despertar a piedade e o fervor. A partir do século XVIII as imagens de roca foram disseminadas nas igrejas brasileiras. Com isso, a possibilidade de mudar a roupagem e gestos se coadunava perfeitamente com a teatralidade barroca e com o que a cena pedia, pois a grande maioria das representações dessa natureza estava ligada aos personagens da Semana Santa, principalmente que saem às ruas nas sextas-feiras (FLEXOR, 1996). Entre as procissões que se destacavam no Brasil, no período estudado, estavam a de Corpus Christi, dos padroeiros e da Semana Santa, com destaque para a Procissão do Encontro ou dos Passos.

Várias cidades brasileiras realizavam a solene Procissão de Passos. Em São Paulo, a imagem era conduzida entre a igreja do Carmo e a catedral da Sé. Para Martins:

Comparecendo a esse respeitoso ato, acompanhado de seu secretário, ajudante de ordens e oficialidade dos diversos corpos militares então existentes na capital, o presidente da província (São Paulo) que, conjuntamente com os mesmos, carregava o andor em que estava a veneranda imagem (MARTINS, 2003, p. 69).

Além de São Paulo, a Procissão dos Passos também era realizada em cidades como Desterro (Florianópolis), Paraty, Pirenópolis, Olinda, Oieiras, Salvador e Rio de Janeiro. Dessas, a de maior repercussão era a do Rio de Janeiro, capital do Império, e que tinha o andor do Senhor dos Passos carregado por lideranças ilustres, inclusive o imperador e o capitão das guardas (MONTEIRO, 1982, p. 203). A presença imperial na procissão carioca fortalece a hipótese do caráter oficial das procissões do Senhor dos Passos. O ato do imperador era repetido em diferentes províncias pelos seus respectivos presi-

dentes. Na corte, a participação imperial era programada e um dos momentos mais aguardados da procissão, como ser observado:

No segundo dia da quaresma, o soberano, os nobres da corte e os ministros reúnem-se na Capela Imperial do Carmo, entre sete e oito da noite, para carregar em procissão uma imagem, esculpida, do Cristo ajoelhado com a cruz às costas, do dobro do tamanho natural. A imagem é colocada num andor cheio de esculturas e de tapeçarias com franjas de ouro, todo recoberto por um baldaquim fechado por quatro cortinas amarradas com laços de fitas. Todas as tapeçarias são de brocado roxo-escuro e ouro. A túnica de Nosso Senhor é de sarja roxo-escuro amarra-se à cintura por um cordão cujos nós combinados são artisticamente. O grupo assim encerrado dentro do baldaquim deixa ver apenas três pés da cruz, cuja extremidade inferior ultrapassa a parte traseira do andor. Oito pessoas carregam essa massa: o Imperador, à direita, e seu capitão de guarda, à esquerda, sustentam nos ombros os varais de frente, e as personagens mais distintas se colocam sob os outros varais. Às nove horas, mais ou menos, o sino da Capela Imperial anuncia a saída da Procissão, que, depois de meia hora de marcha entrecortada de paradas indispensáveis, chega à Igreja da Misericórdia, onde se encontra outro pedestal, preparado para receber o fardo sagrado. O Imperador, depois de colocá-lo em sua nova base, sobe na carruagem e desaparece; os outros fazem a mesma coisa e os curiosos ficam na igreja (DEBRET, 2006, p. 01).

Além do caráter oficial, na procissão do Senhor dos Passos também podem ser observados os elementos penitenciais. No catolicismo brasileiro existem inúmeras referências sobre expressões

desse tipo, entre as quais se sobressaem os grupos de penitentes ou “irmãos das almas”. Essa manifestação religiosa pode ser entendida como uma “vertente do catolicismo rústico brasileiro e que constituem uma sociedade secreta que tem como funções principais pagar promessas e orar pelas almas dos mortos” (AMARAL, 2003, p. 185).

Em Sergipe, destacam-se inúmeros grupos em diferentes municípios como Nossa Senhora das Dores, Feira Nova, Frei Paulo, Macambira, Laranjeiras e Ilha das Flores. Este apresenta uma peculiaridade em relação aos demais, por incluir em suas penitências a prática do autoflagelo. Apesar de apresentar elementos penitenciais, a solenidade do Senhor dos Passos de São Cristóvão não deve ser vista como procissão de penitentes, haja vista que o cerne central dos promesseiros é atingir benesses terrenas, ao contrário dos grupos penitentes que saem em procissão rezando pelas almas. Contudo, paradoxalmente, no período estudado uma das práticas de desobriga mais difundidas na procissão era o sacrifício.

Uma das principais expressões de religiosidade presente na Procissão de Passos é o depósito de ex-votos. A relação voto/ex-voto é uma questão inerente ao universo simbólico dos passos. O claustro da Ordem Terceira do Carmo reúne o mais significativo acervo de ex-votos de Sergipe, acumulados ao longo dos dois últimos séculos. Ex-voto “é o fruto do sincretismo cultural e da fé, são objetos tradicionais de oferta às divindades de culto católico, para retribuir uma graça alcançada” (LEITE, 2002, p. 01). Eles podem ser classificados em antropomórficos, zoomórficos, agrícolas, representativos de valor, médicos e de significação imaterial (SANTOS, 2004, p. 22-29). A grande variedade de ex-votos é decorrente das diferentes formas de se estabelecer o pacto entre o devoto e o santo protetor. Nesse sentido, o ex-voto ou desobriga tem função de retribuir e testemunhar

a graça recebida pelo devoto. Em síntese, trata-se da “imagem-testemunho do milagre” (NUNES, 2003).

Entretanto, nas solenidades religiosas um elemento que detém papel relevante é a sonoridade. É impossível pensar em uma procissão sem o repicar dos sinos, o estrondo do foguetório e a melancolia dos cânticos. Além dessa sonoridade regulamentada pelas autoridades eclesiásticas é possível ouvir também ruídos que quebram as regras da procissão. Trata-se do murmúrio das conversas paralelas, dos risos indiscretos, dos aplausos abafados (no caso de procissões penitenciais). No Brasil colonial, o sino exerceu uma relevante função sócio-religiosa e cultural, não obstante que:

Não era fácil a comunicação, sendo a igreja espaço de reunião das comunidades, onde se inteiravam dos avisos necessários de caráter religioso-político-econômico-social, da chegada dos navios, da oscilação dos preços no mercado e até mesmo das fofocas das Casas Grandes” (MERÓ, 1985, p. 37).

Com isso se pode dizer que a função dos sinos não era apenas religiosa e cultural, mas também social, pois assumiram um relevante papel comunicador. No entanto, a sonoridade não fica restrita às tarantanas e aos cânticos, ela também se manifesta pelo silêncio. Desse modo, podem ser buscados no silêncio os diferentes ruídos que perpassaram a celebração. O silêncio comunica.



II

LEMBRANÇAS
DOS SETE
PASSOS DA PAIXÃO





TERÇO DO SENHOR DOS PASSOS

*Pelo sinal da Santa Cruz
Nosso Senhor na cruz
Livre-nos Deus, nosso Senhor,
Senhor dos Passos no corredor,
Dos nossos inimigos
Jesus, Maria e José, estejam sempre comigo*

*Oh! Meu Bom Jesus dos Passos
Meu espelho e minha luz
Vos viste sozinho com o peso da Santa Cruz
Mandai-me um filho vosso
que seja como irmão meu
para me socorrer nas minhas necessidades*

*Pela Vossa Mãe,
Pelos Vossos Passos
Livrai-me de todos os embaraços*

(registro manuscrito deixado no Museu do Ex-voto)

1 As Memórias como Discurso e Fonte Histórica

Por ser o principal evento religioso de São Cristóvão, a solenidade de Passos foi alvo passível de diversos registros. Podem ser encontrados relatos sobre a procissão em documentos de diferentes tipologias como diários, oralidades, fotografias, anúncios de jornais e obras memorialistas. Tais obras, muito difundidas ao longo do século XX, caracterizavam-se por relatar com certa minúcia os principais episódios e eventos de uma cidade.

No início do século XX em diferentes estados do Brasil, surgiram obras de cunho memorialista. Essas obras têm como característica comum o tom saudosista e melancólico. Os autores pareciam estar preocupados com as mudanças aceleradas, com as transformações no modo de vida. Sob esse prisma, seus relatos podem ser vistos como uma tentativa última de preservar, salvar ou cristalizar algo a caminho do fim, ou seja, os memorialistas registravam algo que não existia mais ou estava em transformação acelerada.

Nesse ínterim, um elemento presente nas obras memorialistas é a saudade. O saudosismo é expressado em quase todos os aspectos relatados pelos memorialistas, seja ao lamentar a demolição de uma igreja ou casarão, seja ao desabafar, seu relato retrata uma realidade de outrora. Essa situação está presente no Anuario Christovense de Serafim de Santiago:

Torna-se necessário terminar esta narração scientificando ao filho ou netto que este acto da Tradicional procissão dos Passos em minha Terra, isto é, os que actualmente se effectua (1920), está muito differente e resumido; nota-se a falta de irmãos terceiros de ambas as ordens; de muitos bons músicos já fallecidos que nessa occasião prestavam relevantes serviços no desempenho das musicas sacras, e muitas outras faltas causando grande differença do que acabo de historiar, effectuado a cuca de 45 anos passados. Imagine meu filho ou netito, os que se effectuavam no tempo da Capital ali?! (SANTIAGO, 1920, p. 27v).

O depoimento de Santiago é enfático. Trata-se de um testemunho destinado a seus filhos e netos. É a tentativa de preservar a memória de um contexto que estava mudando, adequando-se a um novo tempo, a uma nova realidade. Essa pode ser definida como a principal finalidade das obras memorialistas: delegar a memória de um passado para posteridade. Dentro do contexto saudosista apresentado por Serafim de Santiago podemos encontrar outros elementos reveladores. O autor sancristovense não descreve os eventos contemporâneos à sua escrita, mas sim, as suas experiências ao longo da vida, com ênfase para a época da juventude. Partindo dessa constatação, pode-se dizer que a obra memorialista traz em si um diálogo entre três períodos distintos.

Assim, o *Anuario Christovense* apresenta a visão de Santiago (em 1920) sobre a cidade de São Cristóvão de outrora, no caso, da época de sua juventude, destinando-a às gerações futuras. No texto, passado, presente e futuro se encontram. São três gerações em diálogo. A obra deve ter sido escrita em 1920, mas não retrata exclusivamente esse período e sim, o cotidiano da cidade nas últimas décadas

do período imperial. Mesmo assim, os relatos sobre este período devem ser interpretados com algumas ressalvas, por se tratar do depoimento do autor sobre a sua época de juventude. É o olhar do início do século XX sobre o final do XIX. No caso, temos uma releitura do passado, muito semelhante à oralidade, pois é o passado sendo redimensionado, repensado e recuperado pelo presente.

Em princípio, o texto memorialista é portador de múltiplos discursos. Diferentes vozes podem ser ouvidas em memórias como a de Serafim de Santiago, tendo em vista que o discurso é implícita e explicitamente heterogêneo. Assim, o discurso não é exclusivo do sujeito, mas é também do seu grupo, do seu tempo, do seu lugar, de sua ideologia e do outro. Na heterogeneidade discursiva podemos observar que:

Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). Nesse sentido, questiona-se aquela concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido (...), porque na sua fala outras vozes também falam (BRANDÃO, 2000, p. 49).

Essa situação está engendrada na obra de Santiago. No *Anuario Christovense* pode ser ouvida uma multiplicidade de vozes. No dispositivo discursivo do memorialista sancristovense estão presentes as vozes do autor (tanto a fala de 1920, quanto a do final do

século XIX), dos seus contemporâneos, além de inúmeras vozes do período imperial. Todas essas vozes apresentam-se explicitamente na obra, demonstrando uma complexa rede discursiva. Em diferentes momentos o autor revela a fala do outro, ao se referir que:

Esta narração ouvir repetidas vezes do meu velho amigo —Apolinário Joze de Moura. De muitas mortes ainda hoje me recorda, todas em conseqüência do mal entendido divertimento, assim como desconfianças de amizades de famílias christovenses (SANTIAGO, 1920, p. 18-18v).

No entanto, nem sempre as vozes se apresentam explicitamente. Muitas vezes o outro aparece silenciado até mesmo por meio da ausência. A ausência e o silêncio também podem ser vistos como indícios reveladores, para isso eles devem ser buscados nas entrelinhas do texto, tendo em vista que o enunciado pode mascarar um sujeito.

O texto memorialista além de ser detentor de múltiplos discursos, é um documento, uma fonte histórica. Pelas características que já foram expostas, a obra memorialista é um testemunho sobre épocas distintas, tendo em vista que o relato retrata uma época interpretada pelo olhar de outra. É a convergência de períodos, olhares, versões, nas quais presente e passado se cruzam. A história é feita por meio de documentos, de testemunhos que podem ser vistos como uma ponte a ligar o historiador ao passado.

Com a ascensão da nova historiografia proposta pelos Annales, eclodiu o estudo de novos objetos como folclore, cotidiano, morte, festas e imaginário. O alargamento temático só tornou-se possível graças à redefinição do conceito de documento. Na *Nouvelle histoire*, a noção de documento não se restringe apenas aos registros escritos oficiais, mas abrange todo e qualquer vestígio deixado ou produzido

pelo homem. Com isso, emergem documentos antes negligenciados como fotografias, edificações, cartas, diários e relatos memorialistas. Tais relatos constituem uma valiosa fonte para o estudo das novas temáticas historiográficas.

Nos escritos dos memorialistas estão registrados os mais variados aspectos do cotidiano como as crenças, festas, folguedos, espaço urbano e procissões. No caso do *Anuario Christovense*, atrelados aos relatos percebe-se a nostalgia e saudosismo dos antigos tempos de capital. A cada aspecto narrado o autor remete à grandiosidade que tivera no período em que São Cristóvão ostentava o título de capital sergipana. A obra de Serafim de Santiago é, antes de tudo, o depoimento de um sancristovense. Essa situação pode ser observada em diversos momentos do texto, no qual o memorialista busca engrandecer a Velha Capital em detrimento de sua substituta, Aracaju, ao convocar para que seus leitores:

Imaginem o prazer das pessoas residentes em S. Christovão nestes dias, vendo juntos a si seus parentes e amigos que a força da necessidade moravam na nova e insalubre Capital de Aracaju, sugeitos a moléstias, devido aos grandes pântanos da praia selvagem! (SANTIAGO, 1920, p. 19).

Como todo documento, a obra memorialista deve ser submetida à crítica histórica. As memórias também são discursos que trazem em si intenções implícita ou explicitamente reveladas. Ao se debruçar sobre um documento dessa tipologia, o historiador deve atentar-se para alguns elementos intrínsecos ao texto. Entre eles está o destinatário. Cada obra memorialista é destinada a um público diferenciado e isso interfere na forma como a mensagem é expressa. Afinal, qual é a finalidade de uma obra memorialista?

Cada obra tem a priori, um público definido, o que não impede que outros leitores possam ter acesso ao texto. Um exemplo elucidativo dessa afirmativa é a produção de Antônio Egídio Martins, que nas primeiras décadas do século XX escreveu artigos de cunho memorialista para os principais jornais paulistas. No entanto, cem anos após a veiculação de seus textos na imprensa, eles foram reunidos e publicados em livro por ocasião das comemorações dos 450 anos da fundação da Vila de São Paulo de Piratininga. O discurso do memorialista chega a novos ouvidos. É comum as obras desse tipo serem publicadas, como ocorreu com as memórias de José Sisenando Jaime e Antônio Martins.

Entretanto, a obra do memorialista sancristovense nunca chegou a ser publicada.¹ Isso fez com que houvesse natural restrição no acesso a esse relevante testemunho do cotidiano de São Cristóvão nos últimos decênios do século XIX. Existem apenas dois exemplares manuscritos conhecidos que atualmente se encontram no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e no Instituto Tobias Barreto (ITB). O próprio autor, talvez em ato de humildade, expressou que seus relatos destinavam-se aos seus familiares ao escrever: “torna-se necessário terminar esta narração científicando ao filho ou netto” ou que “imagine meu filho ou netito” (SANTIAGO, 1920, p. 27v). De qualquer forma o autor foi perspicaz em elucidar o propósito de seu trabalho: delegar às gerações futuras a memória sobre seu período em São Cristóvão. Assim, como todo documento, trata-se de uma memória construída intencionalmente, uma tentativa de perpetuar suas lembranças. Trata-se de um monumento.

1 A publicação ocorreu em 2009, por meio do intermédio do IHGSE e da Editora UFS.

2 Olhares Intelectuais sobre os Passos

Por ser o principal evento religioso de Sergipe e apresentar aspectos peculiares, a solenidade de Passos foi observada pela intelectualidade sergipana, seja como objeto de estudo, ou por curiosidade. Os principais registros foram realizados nas primeiras décadas do século XX, entre os quais se destacou o trabalho “Ao romper do Século XX: o município de São Christovam” de Manuel dos Passos de Oliveira Telles.² Ao abordar sobre a religiosidade e as festas populares do município o autor abre espaço para ressaltar a relevância e imponência da solenidade de Passos, dando ênfase para a procissão do depósito. A obra pode ser vista como um estudo de cunho etnográfico, no qual Oliveira Telles apresenta minuciosamente os detalhes das práticas devocionais existentes nas procissões. É o único estudo do primeiro quartel do século XX que registra de forma explícita as práticas ex-votivas, as diferentes expressões e atos de desobriga.

A sensibilidade perceptiva do autor não se limita às expressões visuais da procissão, ele penetra no embaraçoso e fascinante imaginário que envolve a solenidade. Esse aspecto é revelador na descrição dos episódios interpretados pela população de São Cristóvão como

2 Trata-se de um importante e original estudo composto de nove capítulos que abordam sobre diferentes aspectos de São Cristóvão como folguedos, história, imaginário, meio natural e físico, religiosidade e sociedade. Foi publicado no jornal “O Estado de Sergipe” entre os meses de março e abril. Infelizmente é um texto que corre sério risco de perder-se pelo descaso. Os poucos exemplares desse jornal existentes nos acervos das instituições de pesquisa de Aracaju estão completamente fragmentados. É uma obra que deve ser reeditada urgentemente. Recentemente foi apresentado um estudo biográfico sobre o autor a partir de suas cartas íntimas. Cf. CHIZOLINE, Isabela Costa. *Simplymente um obscuro intelectual sergipano: escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. São Cristóvão, 2005, 130f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

milagres. Devido a tais circunstâncias, a obra de Oliveira Telles é um documento indispensável para o estudo da solenidade de Passos nas primeiras décadas do século XX, principalmente para o pesquisador que busca compreender a participação dos segmentos populares. O autor permite a fala dos silenciados.

Outro olhar relevante sobre os Passos de São Cristóvão é a nota jornalística de Gumercindo Bessa. Em 1910, o jurista estanciano publicou o artigo “Domingo de Reminiscere” no “Diário da Manhã”, no qual ele relata a sua primeira (e única) participação na solenidade do Senhor dos Passos ocorrida no ano de 1886. O texto assinado sob o pseudônimo Marfório, mescla elementos poéticos e humorísticos, no qual destacam-se a presença de sete personagens: Luiz Pitanga, o armador; Manuel Góes, presidente da Província; Rastelli, juiz de direito da comarca; Oséas, secretário de governo; Antônio Dias, o Barão da Estância; Marfório, o observador e o Senhor dos Passos, o perene. Com esses personagens, Bessa traça um perfil elucidativo da participação da elite política sergipana na procissão, demonstrando tanto os aspectos devocionais, como as práticas de legitimação política (que não é objeto desse estudo). O desfecho do enredo é trágico-cômico. Bessa apresenta a situação dos personagens em 1910 e constata que a maioria já havia falecido, enquanto outros tinham engordado (simbolizando a decadência), só permanecendo intacto o Senhor dos Passos em sua charola, abraçado aos cravos da morte e cercado de romeiros. Assim, para o autor os devotos passam, mas a devoção permanece. Observe a Figura 2.

Em 1920, dois intelectuais sergipanos lançaram o olhar sobre a Procissão dos Passos. O primeiro deles, publicado em comemoração ao centenário da Emancipação Política de Sergipe apresenta-se permeado de fotografias, com destaque para a cidade de São Cristóvão nos tempos de romaria.



Figura 2: Charola do Senhor dos Passos na igreja Matriz no segundo domingo da Quaresma de 1935. Acervo Janaina Couvo.



Figura 3. Missa solene do Senhor dos Passos na Matriz de São Cristóvão no segundo domingo da Quaresma. SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

Clodomir de Souza e Silva, ao falar sobre São Cristóvão no “*Álbum de Sergipe*” destaca ligeiramente a devoção dos aracajuanos ao Senhor dos Passos, ou seja, como na maior parte dos trabalhos analisados, trata-se de um olhar superficial sobre o fenômeno devocional, ao dizer:

S. Christovam aguerrida e assediada, tantas vezes perseguida, quantas victoriosa; vibrante de patriotismo contra Ginsselingh e contra Andrés, contra Villa Nova e contra os indígenas, e dolorida de angustia quando Ignácio Barbosa arrancou do seu seio, aos clamores do povo, os cofres e os arquivos. S. Christovam, lendário nicho onde vão os aracajuanos ver o echymosado Senhor dos Passos, quando o sino grande do Carmo enche de dolentes soluços, a hora do sol-pôr, a profunda tristeza do Valel do Paramopama (SILVA, 1920, p. 83).

O segundo estudo de 1920 apresenta um olhar mais minucioso. Serafim de Santiago apresenta no “Anuario Christovense” uma criteriosa descrição da solenidade, enfocando aspectos como a origem da devoção, caminhada e recepção dos romeiros, ornamentação das imagens e charolas, participação das irmandades, ordens terceiras e elite política, as procissões e o retorno dos fiéis (os principais momentos da romaria estão apresentados no tópico seguinte). A obra do memorialista sancristovense é a única que aborda sobre os bastidores da celebração. O autor reconstrói o panorama das preparações do maior evento religioso de sua terra natal nos mínimos detalhes, indicando os responsáveis por cada função e o papel das associações religiosas na solenidade. A riqueza de informações presentes no texto de Santiago não é desproporcional, tendo em vista que ele foi testemunha ocular dos mais secretos episódios da celebração, como a troca da vestimenta da imagem. O fato dele ser compadre do armador Justiniano da Silveira e cunhado de alguns músicos da Orquestra Sacra,³ contribuiu para que o memorialista pudesse realizar suas observações de uma posição privilegiada. Por ser íntimo de alguns dos organizadores da solenidade, Santiago teve a oportunidade de presenciar aspectos pouco visíveis para os demais estudiosos. Em algumas ocasiões como a da ornamentação da charola as portas do Carmo se abriam para o memorialista e se fechavam para os demais curiosos, como ele mesmo afirma:

3 Nas primeiras décadas do século XX os passos eram cantados por um coral formado só por homens. Alguns membros desse coral passaram a integrar a Orquestra Sacra, que participava das principais solenidades religiosas de Sergipe como na procissão de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju (da qual estavam presentes no fatídico acidente de 1911) e do Senhor dos Passos de São Cristóvão. Entre os membros da orquestra destacavam-se os irmãos Abrão, Arão e Isaque, cunhados de Serafim de Santiago.

Depositada a Imagem no centro da charola, elle Justiniano, que estava incumbido por antiga devoção, de despir e vestir novamente a referida Imagem; acto continuo, tratava, primeiro que tudo, de evacucuar a Egreja, só ali ficando o velho—Maximiniano Teixeira de Jesus, e eu Serafim de Sant'Iago, pela grande consideração que a elle era dispensada pelas pessoas de minha família de quem era compadre e amigo velho, pois elle no acto de despir e vestir a Imagem, não admittia pessoa alguma, com especialidade meninos (SANTIAGO,1920, p. 20v).

Após as memórias de Serafim de Santiago as produções acerca da Procissão de Passos tornaram-se esparsas. Em algumas décadas predominou o silêncio quase que absoluto, dando a entender que a solenidade estava deixando de chamar atenção aos olhares da intelectualidade local. Uma das raras exceções nesse interregno entre os homens de letras em Sergipe ocorreu em 1924, ocasião na qual o jornal católico “A Cruzada” publicou um emocionante artigo sobre a solenidade do Senhor dos Passos. O texto assinado pelo pseudônimo Mavário expressa dois momentos distintos da trama de dor e angústia da solenidade. O primeiro refere-se ao “Sábado de Passos”:

Sábbado de Passos!

19 horas!

Regorgita a praça do Carmo.

Regorgita sumptuoso templo do mosteiro secular, escrínio da mais sagrada relíquia dos christovanos.

De quando em quando, badala, a finados, o mais sonoro dos sinos que lá ouvi.

Suas notas, soluços vibrantes que, desde muito, vêm cho-

rando o declínio da velha cidade, suas notas, lá vão morrer
nas sinuosidades do Paramopama adormecido.

Sábbado de Passos!

Subido, movimenta-se a ingenta multidão!

Um longo ai de piedade escapa das profundezas

(corroído)!

Assoma o andor recoberto de velludo roxo, onde a querida
imagem do Senhor dos Passos de S. Christovam vem encer-
rada na sua prisão de damasco violete.

Todos impunham velas accesas.

A custo, desfila o cortejo que, aqui, ali, mais além, vai
parando, ao tempo em que vozes de homens, graves e sono-
ras, soluçam o canto da Paixão.

Que de emoção mal contidas, que de lágrimas furtivas!

Terminando o préstito lá vem o bando de penitentes.

Commove-me muito a fé ardente daquellas mulheres que,
veladas as faces, de joelho acompanhão a procissão.

Sábbado de Passos!

O sino do Carmo, mais a mais gemente, agora badala sem
cessar!

No azul escampo dos ceos fulge a lua nimbada de tristeza
(MADAVIO, 1924, p. 1).

O artigo publicado no principal impresso católico de Sergipe elucida uma preocupação de conotação etnográfica. A Procissão do Depósito é descrita de forma pormenorizada e foi alinhavada por meio do elementos sonoros: badaladas do sino, canto dos homens, os passos dos penitentes. Tudo isso tingindo pelas cores vibrantes da solenidade, como o roxo do veludo que encerra a imagem, o brilho das velas acesas, o azul do céu iluminado pela lua cheia, assim como

os tecidos usados para ocultar os rostos das mulheres penitentes pagadoras de promessas, ajoelhadas nas ruas da velha cidade.

O segundo momento do texto enfatiza o “Domingo de Passos”, com ênfase para o Sermão do Encontro e o retorno da veneranda imagem do Senhor dos Passos para seu templo. Diz o autor:

Domingo de Passos!

Regorgita a praça São Francisco.

Avizinha-se a hora em que o sol tramonta!

A commovedora imagem do Senhor dos Passos de olhos esgazeados pela dor, está alli, em meio àquella multidão que a venera com piedade, dia a dia crescente!

O sacerdote falla, com a alma nos lábios, dos sofrimentos indizíveis do Vicante do Amor.

Muitos se condoem de tal forma que não podem ter as lágrimas.

Eis que, de uma viella, surge novo préstito que traz a imagem da Virgem Dolorosa!

Ah! Como entenece essa estátua da dor!

Faces lívidas, olhos arroxeados de tanto lacrimemar.

Tão poucos soluços ouvi eu ao tempo que a Virgem, lentamente, se aproximanva do Filho Divino, outrora bella creatura loira a quem os anjos serviam, hoje approbrio da humanidade que elle vai redimir.

Silencia a multidão que toda se agitara ante a scena do encontro, impressionante ceveras aos lampejos últimos do sol no crepúculo!

Trêmula, alteando-se aos estos de uma funda emoção, extinguindo-se em gemidos languirosos, a voz de Verônica diz não há dor que se assemelhe àquella dor!

Movimenta-se o préstito e dentre em pouco, o Senhor dos Passos recolhe-se para o templo vestuto, donde a piedade dos christovanos vai tiral-o todos os annos, porque abendiçõe a velha cidade cuja relíquia mais sagrada elle é (MADAVIO, 1924, p. 1).

O artigo apresentado teve como proposta revelar a solenidade do Senhor dos Passos a partir de seus dois cenários centrais: as praças do Carmo e de São Francisco. O texto é permeado pela preocupação em ressaltar os sofrimentos expressados pela imagem do Nazareno, assim como a devoção do povo sergipano ao Senhor dos Passos. Trata-se de uma leitura respaldada no antagonismo entre a penitência da noite de sábado e as eloquentes palavras da tarde de domingo. Ao contrário de outros intelectuais que escreveram sobre os Passos, Madávio não enfatizou os padres responsáveis pelo sermão, mas sim as camadas populares, a sensível troca de olhar entre os romeiros e a imagem do Cristo martirizado. É uma narrativa também elucidativa acerca da presença feminina, fosse na Procissão do Depósito com as promesseiras de rostos ocultos, fosse na Procissão do Encontro com as mulheres transportando a Virgem da Soledade e o lastimoso canto da Verônica.

A procissão só voltou a ser focada por um trabalho de relevância na década de 1940. Após ter passado um longo período oculta aos olhares dos estudiosos sergipanos, a solenidade foi descrita de forma breve no livro “Sergipe e seus municípios” do IBGE no ano de 1944. Apesar de ser reduzida, a obra registra as práticas penitenciais existentes na Procissão do Depósito e a grande convergência de romeiros das mais recônditas localidades sergipanas.

No período do pós-guerra, a solenidade do Senhor dos Passos de São Cristóvão teve um aumento significativo do afluxo de romeiros. Esse momento também delimita o aumento substancial de inte-

lectuais registrando as celebrações da maior manifestação de fé do povo sergipano. Em 1947, apenas dois anos após a Segunda Guerra Mundial, o itaporanguense Antônio Conde Dias publicou no jornal “A Cruzada” o artigo “Passos em São Cristóvão”. No entender do intelectual, a primeira capital de Sergipe era o lócus do passado e epicentro das manifestações de fé no estado.

É sempre com indisfarçável emoção que revejo a velha cidade de São Cristóvão de Barros, centro de irradiação da fé, coméia fecunda de vida religiosa, marco imperecível de um passado de glória e de esplendor.

Suas muitas venerandas igrejas sonorizadas de sinos iluminadas de tradições, enriquecidas de bênçãos, santificadas de preces, perfumadas de incenso, são atestados eloquentes dos sentimentos de religiosidade de seus antepassados símbolos indeléveis da crença sublime que sempre fortificou a alma do seu povo. (...).

Difícil debuxar esse quadro magnífico, de tonalidades vivas e impressionantes que se desenha, todos os anos, ate os olhos do povo cristovense e a de quantos romeiros de várias partes do Estado demandam à terra do Vigário Barroso, para tributar ao Senhor dos Passos louvores sempiternos.

São 16 horas. A praça da matriz regorgita de fieis. As vistas e atenções estão voltadas para o secular templo de Nossa Senhora das Vitórias. Precedido da cruz, o grandioso préstito começa a movimentar-se lenta e piedosamente. Ao planger dolente dos campanários e ao ritmo das tristes melancolias sacras, a procissão percorre as três primeira estações, antes de afingir o local do Encontro. Chega o momento mais emocionante da cerimônia: o ósculo carinhoso de Maria a seu

Filho muito amado, que aflito e torturado, percorre a “Via Crucis” (DIAS, 1947, p. 2).

Na ótica do intelectual católico, São Cristóvão era uma cidade voltada para a preservação das tradições e da continuidade das práticas devocionais das camadas populares. Era um centro urbano do passado, da continuidade dos palácios e das práticas devocionais. Ele afirmou:

Passam os tempos, as gerações vão se sucedendo. São Cristóvão cede aos impulsos do progresso e renova sua fisionomia patriarcal, mas a devoção ao Senhor dos Passos permaneceu firme e inabalável, porque arraigada no coração dos crentes e na alma generosa dos homens de boa vontade. Hoje como ontem, amanhã e sempre, a imagem querida de Jesus dos Passos há sempre de percorrer as ruas da velha cidade, abençoando a todos os seus filhos, recolhendo todas as súplicas, amenizando todas as dores, suavizando todos os sofrimentos, e distribuindo todas as graças celetes. “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (DIAS, 1947, p. 2).

Dois anos após a publicação do artigo de Antônio Conde Dias, “A Cruzada” voltou a ser veículo de difusão das análises acerca dos Passos de São Cristóvão. Dessa vez, sob a pena de Severino Pessoa Uchôa, com o seu revelador artigo “A Jerusalém Sergipana”. O próprio título do texto já expressava o viés da interpretação do autor, que buscava revelar a São Cristóvão de meados do século XX como a cidade sagrada dos sergipanos, “uma cidade relíquia”. Para o intelectual pernambucano:

Visitando a vestuta cidade de São Cristóvão a fim de assistir à procissão do Senhor dos Passos, tivemos, sábado último, 12 do corrente, a satisfação de revigorar nossa confiança no espírito católico do povo sergipano. A histórica cidade serrana estava, como de costume, à noite daquele dia, convertida em nova Jerusalém, tal a afluência de penitentes e peregrinos que foram homenagear ao Rei dos Reis.

(...) esta cidade que o Senhor dos Passos converteu em encruzilhada de confraternização e piedade para todos que tem a ventura de seguir a sua doutrina, vive nesta noite, a mais soberba apoteose de contrição e o mais solene espetáculo de religiosidade que se vibra a alma católica de Sergipe. (...).

Não se faz mister inúmeros os favores que concedeu àqueles que recorreram fervorosamente à sua proteção. Esses joelhos que se arrastam nas pedras, esses lábios que murmuram preces de agradecimentos, essas cabeças que carregam feixes de lenha, essas mãos que conduzem velas acesas, dando-nos a impressão de que as estrelas trocaram o leito incomensurável do céu para cintilar nas ruas desta velha cidade, são atestados insofismáveis da miraculosa messe de benefícios que Ele concedeu aos que possuem o tesouro da fé (UCHÔA, 1949, p. 3).

Severino Uchôa registrou a procissão dos Passos a partir de uma sensibilidade quase etnográfica, com destaque para as diferentes expressões devocionais da população pobre de Sergipe, como os feixes de lenha, as preces, os romeiros ajoelhados e as fascinantes velas acesas, tidas como estrelas a iluminarem as ruas estreitas da enluarada São Cristóvão. Ainda nesse texto, ele justifica a ideia de cidade santa atribuída a primeira capital sergipana:

Cidade santa, por ser o abrigo desse meigo Jesus martirizado; cidade santa por ser o refúgio dos aflitos e dos torturados que encontram no altar de Senhor dos Passos o bálsamo para as chagas do corpo e as angústias do espírito; cidade santa pelo labor dos seus habitantes ocupados em cobrir a nudez dos párias; cidade santa pela porfia de seus pecadores que imitam a humildade de São Pedro; cidade santa pela simplicidade das suas naves solareugas e pelo sossego dos seus mosteiros históricos; cidade santa pelos exemplos dos seus antepassados ilustres, patronos da liberdade, da paz e do amor ao próximo; cidade santa porque jamais se perverteu na voragem da egolatria e da volúpia que se espalham no mundo os horrores do materialismo; cidade santa porque conserva em seus lares a parcimônia e a severidade dos seus costumes que plasmaram o código moral da sociedade brasileira; eu te saúdo, cidade santa, nesta hora sublime de contrição em que o povo de Sergipe se curva emocionado diante do vosso Rei, do nosso martirizado e melancólico Jesus, o Monarca que conquistou a glória eterna pelo sofrimento e pela humildade (UCHÔA, 1949, p. 3).

Em 1951, nas celebrações do centenário de Silvio Romero, Sergipe recebeu a visita de um dos principais estudiosos do folclore brasileiro, o potiguar Luís da Câmara Cascudo. Essa visita resultou em uma série de crônicas publicadas no “Diário de Natal”, no mês de junho de 1951. Em 1954, José Augusto Garcez reuniu esses textos e publicou o livro “Em Sergipe Del Rey”. Nessa obra Cascudo registrou as suas impressões acerca da velha capital:

Conventos, claustros, ex-votos, capelas, Carmo, Imagens convulsas e milagrosas, de duro olhar lembrando as bisanti-

nas, passam. O encanto é o silêncio. Um silêncio de Mariana, de Diamantina, de Ouro Preto, de Congonhas do Campo, doce, infinitamente, indefinido, inesquecível.

Vamos devagar e lentamente o automóvel volta respeitando a cidade tranquila. Para que nada mude ao quadro, claras, argentinas, sentimentais, saem as notas de prata de um sino invisível, para a prece do meio dia luminoso (CASCUDO, 1954, p. 44).

Uma das cidades visitadas foi São Cristóvão. De acordo com o intelectual, a primeira capital de Sergipe era um relicário similar às cidades históricas mineiras. Era um desafio aguçado para os sentidos. Além disso, ele chama a atenção para alguns elementos da solenidade do Senhor dos Passos, como os ex-votos, o Carmo e as imagens milagrosas. A ênfase nos milagres presentes na cidade certamente estava relacionada à solenidade do Senhor dos Passos, pois o mesmo visitou a cidade apenas quinze dias após a grande romaria. Uma das principais descrições é em relação ao Pátio dos Milagres:

São Cristóvão - Ordem Terceira do Carmo. PÁTIO DOS MILAGRES. Contemplamos enternecidamente dentre inúmeras arcadas e elevadas paredes com o coração curvado no estendal vivificante da fé, milhares de ex-votos, documentos vivos, irrefutáveis das graças recebidas pelos ascetas que cotidianamente vão levar cabeleiras, tranças, mãos, pés, pernas e cabeças. São promessas, verdadeira exposição de arte popular, silenciosas, pensativas, pendidas nas remotas paredes e teto, numa demonstração de sentimentos cristãos instantâneos poderosos da fé que ressuscita, que levanta e se ergue na consumação dos tempos. São ex-votos doados ao SENHOR DOS PASSOS (CASCUDO, 1954, p. 67).

Câmara Cascudo apresenta os ex-votos do Senhor dos Passos como um testemunho da arte e das crenças das camadas populares. A visita ao claustro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo ocorreu em companhia do franciscano Frei André e dos intelectuais José Augusto Garcez, João Augusto Garcez, Freire Ribeiro, Leonardo Lima e do fotógrafo Walmir. Dessa passagem do folclorista potiguar pelo Pátio dos Milagres resultou um registro fotográfico dos ex-votos.



Figura 4: Ex-votos do Pátio dos Milagres da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão.
Foto: Walmir. São Cristóvão, 23 de março de 1951

Em meados da década de 50 do século XX, Antônio Conde Dias voltou a escrever sobre a solenidade do Senhor dos Passos em São Cristóvão. O jornalista voltou a defender a cidade como centro aglutinador de romeiros e ponto de convergência da história sergipana, com ênfase para o caráter religioso da população local. Nas palavras de Conde Dias:

Mais uma vez o católico povo cristovense, de maneira significativa e confortadora, a cujos sentimentos de religiosidade se associam peregrinos de todos os pontos do Estado, fez reviver as cenas pungentes e dolorosas da Paixão de Cristo, ocorridas

nas paragens longínquas e evocadoras de Jerusalém, com a realização da sua querida e centenária festa, que é uma reafirmação e devotamento às tradições mais preciosas e caras dos antepassados. Mais uma vez na extraordinária para de fé católica que nos foi dado presenciar, no segundo domingo da quaresma, romeiros de todos os rincões de Sergipe fizeram solene e pública profissão de fé nos destinos da igreja e do Brasil, acompanhando as sagradas imagens do Senhor dos Passos e da Virgem da Soledade através das ruas vestutas e silenciosas da Velha Capital sergipana, numa rememoração dos acontecimentos que antecederam o sacrifício cruento do Calvário, dezenove séculos atrás (DIAS, 1955, p.1).

Em 1957, a Revista de Aracaju publicou um artigo de José Cruz acerca da orquestra sacra de Aracaju. Nesse texto, o autor informa que “a orquestra de Mestre Cula tocava nas festas religiosas da Catedral de Aracaju e nas do interior do Estado, tais como nos “Passos” em São Cristóvão, Maruim e Santo Amaro das Brotas” (CRUZ, 1957, p. 256). Trata-se de um importante registro que informa sobre a composição do coral e músicos que tocavam na solenidade dos Passos. Para José Cruz, a orquestra sacra era constituída por:

regente Cula e músicos amadores. Domingos Boi (requinta); Satu (bombardino); Mestre Cula (ofrelide); Cachuba Zequié (clarinete); João Rocha (violino); Maximiliano Fogueteiro (bombo); Seu Belo (trombone); Mestre Fraga (clarinete); Tobias Pinto (flauta); Fulgêncio (trombone); Virgílio do Correio (trombone) e Eduardo Silva (saxofone). 12 figuras cantores: os barítonos Abrão de Brito Lima e seu irmão Isaac, cujas vozes agradavam, porque ajustavam à finalidade sacra

da orquestra, porque, enfim, tinham “bom peito”, como se costumava dizer... (CRUZ, 1957, p. 256).

Os irmãos Brito de Lima descritos por José Cruz eram cunhados do intelectual Serafim Santiago, fato que elucida como a família estava envolta na organização e nos bastidores da maior solenidade católica de Sergipe. Nesse período, na procissão dos Passos os motetos eram executados exclusivamente por homens, incluindo Abrão e Isaac.

A solenidade de Passos voltou a ser foco do olhar da intelectualidade sergipana, em 1959, com o estudo de João Oliva Alves para a “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”. A obra consiste em um relevante estudo de caráter etnográfico, na qual o autor debruça seu olhar sobre os mais variados aspectos da manifestação religiosa. São abordados a origem da devoção e os atos penitenciais existentes nas duas procissões. O estudo de Alves é um dos mais conhecidos sobre a referida temática. Prova disso é o fato de a partir da década de 1960, o autor tornar-se referência para a maioria dos autores que abordaram o tema. O seu texto passou a fazer parte dos encartes e catálogos turísticos da cidade, mesmo sem citar a fonte das informações.⁴

Em 1969, foi publicado o livro “São Cristóvão Del Rei”, constando dois artigos que fazem o leitor viajar pelas ruas da Velha Capital. No primeiro, “São Cristóvão e a procura do tempo perdido” de Manoel Cabral Machado apresenta o Senhor dos Passos como mais um morador da cidade, mais um da “gente boa”. Com tonalidade humorística, o autor convida o leitor a passear pelas ruas estreitas e tortuosas, observar os ex-votos, a solenidade de Passos, pois “na festa

4 Muitos dos textos turísticos de São Cristóvão repetem as informações constantes no artigo de João Oliva Alves, sem referenciá-lo ou acrescentar novos dados. Por esse motivo, não incluiremos tais textos na análise da produção intelectual sobre o objeto estudado para evitar repetições desnecessárias.

de Passos, Sergipe inteiro faz promessas em São Cristóvão. Os devotos caminham de joelhos nas ruas, durante a procissão, acendem velas, carregam feixes de lenha, beijam o santo, depois, vão comer peixadas gordas” (MACHADO, 1969, p. 05). No segundo artigo, “São Cristóvão de minha saudade”, Junot Silveira retrata o cotidiano da cidade a partir da devoção ao Senhor dos Passos. É um texto com certa originalidade, pois registra o trajeto dos devotos desde o momento em que faz a promessa (voto) até o cumprimento com a desobriga e ex-voto. O autor percorre o itinerário do romeiro promesseiro de forma comovente, principalmente ao se referir à procissão do depósito, por ele chamada de fogaréu na qual:

É obvio que o préstito sai à noite, do Carmo à Matriz, em breve percurso que dura longo tempo. Muitos conduzem lanternas de vela e lamparina, cujas chamas agitadas pelo vento fazem lembrar grandes borboletas de fogo. E os penitentes, os que pagam promessa andando descalços, ou com um feixe de lenha à cabeça, se não mesmo de joelhos, jornada de sofrimento físico e de fé, as pedras do chão dilacerando a carne, o sangue doado ao Senhor na penosa caminhada, como ânimos poderosos, impulsionando a criatura de um templo a outro, supliciada por vontade própria, chegando ao fim da andança com o corpo moído, as pernas doloridas, mas a alma leve como pluma (SILVEIRA, 1969, p. 07).

Todo o texto de Silveira é permeado pelas práticas devocionais dos romeiros, eles são os personagens principais. Para o pesquisador que quiser estudar a procissão nos anos sessenta, o relato de Junot Silveira é referência indispensável. No decênio subsequente, em decorrência da efervescência cultural provocada pela realização do

Festival de Arte de São Cristóvão, poetas se debruçaram no registro das tradições da cidade. Em 1971, João Freire Ribeiro publicou o livro “São Cristóvão em Sergipe Del Rey, no qual louva a cidade a partir de sua principal manifestação cultural: a solenidade do Senhor dos Passos. No poema “Procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão, em Sergipe Del Rey”, o intelectual elucida com uma preocupação etnográfica a procissão e as práticas penitenciais:

Pelas ruas da cidade
com grande solenidade
vai Jesus, em seu andor
- Senhor dos Passos levando
entre saudades e lírios
a grande cruz dos martírios
sofridos por nosso amor

Que divina majestade
nessa imagem dolorosa
pelos fiéis conduzidas
pelas ruas da cidade
que meditas convencida,
nas cousas da eternidade!

Gemem os sinos dos Conventos
em bronzes - Longos lamentos
lembrando Nosso Senhor,
que na sagrada agonia
contempla a Virgem Maria
- imagem da própria dor!

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

Trac-trac das matracas!...
Incenso... velas acesas
Tão tristes como as tristezas!
O povo, o povo reza
em contrição, pelas ruas
que paz imensa e celeste
que São Cristóvão reveste
de nostalgia e angústia!

Gemem os sinos nos Conventos,
- nas centenárias igrejas
em longos, longo lamentos,
louvando Nosso Senhor!
Como luz que se descora
a face melancolia
da Virgem Nossa Senhora
da Virgem Santa Maria!

Os frades... as irmandades
as vestutas confrarias
os “cordões” de procissão
- Aquarela desse dia,
de tempos que longe
com Barões, com Brigadeiros,
com Presidentes, Senhores
dos dias provinciais
cenários que vão e não voltam mais!

A cidade, nesse outrora,
Capital do nosso Estado,
com poderio e fulgor!

A procissão caminhando...
- Senhor dos Passos levando
a grande cruz dos martírios
sofridos por nosso amor!

Trac-trac das matracas!
Incenso... velas acesas
Tão tristes como as tristezas!

Orações balbuciadas
pelas freiras... Um lamento
Tem a voz do próprio vento
lembrando almas penosas

Promessas... votos... Saudades...
Os sobrados parecendo
rever os vultos de outrora
à frente das irmandades!...

Azul e ouro... Agonia
do sol morrendo em sanguínea
nas horas do fim do dia!

Mulher morena, formosa,
de pés nus pisando - chão
relembra a hebreia mimosa
pagando a sua promessa
- Imagem da contrição

Trac-trac das matracas!...
Incenso velas acesas
tão tristes como as tristezas!

O padre (outrora Barroso)
belo sermão pronuncia
e, ao findar o sermão
numa Igreja Venerável
recolhe-se a procissão!

Poema dos tempos idos
dos grandes dias vividos
Em Sergipe Imperial
a procissão, dolorosa,
tem a alma duma rosa
que se desfolha chorando,
que se desfolha rezando
sobre a velha Capital!
(RIBEIRO, 1971, p. 49-52).

João Freire Ribeiro expõem uma procissão dramática, permeada de romeiros e devotos contritos, por vezes confundidos com a própria história da cidade. É uma leitura lastreada pelos ruídos das ruas, com os sinos, rezas, matracas e passos dos devotos. No ano seguinte, em 1972, em decorrência da realização da primeira edição do Festival de Arte de São Cristóvão, o intelectual Alberto Carvalho escreveu o poema “São Cristóvão, Passos”. Para o autor, a história da cidade estava emaranhada pela presença do Senhor dos Passos:

A fina malha do tempo
Acoberta os passos do espaço
Da antiga Capital.
Do espaço chantado pela marca portuguesa
De Cristóvão de Barros
Aos passos nas pedras redondas
De Bagnuolo, Labatut, João Bebe-Água
Nas mesmas ruas hoje sob os olhos fixos e tristes
Do Senhor dos Passos.

Foram passos perdidos nas ladeiras íngrimes
Por onde escorreu a História
E hoje escorrem águas e homens
Em direção ao rio poluído

Há outros passos,
Prestos préstitos das procissões
Plenas de políticos
Pagadores de promessas
Jamais cobradas pelo Senhor.

O tempo hoje, São Cristóvão
É um espetáculo de som e luz
Sobre os hieráticos, brancos muros
Eretos nos teus séculos transatos (CARVALHO, 2005, p. 138)

Em 1982, Verônica Nunes realizou uma etnografia das procissões noturna e diurna, incluindo a transcrição do Ofício da Paixão, realizado nas sextas-feiras em preparação à solenidade. O artigo foi o primeiro a debruçar-se sobre os ofícios de Passos. A autora também

destaca as diferentes expressões ex-votivas existentes na procissão noturna e traduz os sete passos da paixão executados nas procissões.

Em 1989, foi publicado o livro “Aspectos Históricos, Artísticos, Culturais e Sociais da Cidade de São Cristóvão” das autoras Ieda Maria Leal Vilela e Maria José Tenório da Silva. Ao abordar sobre a “Festa dos Passos” as autoras não inovaram em relação às publicações anteriores, merecendo destaque apenas por ter conseguido uma considerável circulação no meio acadêmico sergipano. Parece tratar-se de um novo olhar com velhas lentes. No mesmo ano foi publicado “São Cristóvão e seus monumentos” de Eliane Carvalho. O texto de caráter informativo descreve a imagem do Senhor dos Passos e a formação do santuário no claustro do Carmo devido ao depósito de ex-votos provenientes da tradicional “Festa de Penitência”.

No ano seguinte, em 1990, foi publicado o catálogo do Museu do Ex-voto de Sergipe, como um dos instrumentos comemorativos do quarto centenário da cidade de São Cristóvão. O catálogo apresenta dois textos. O primeiro é de autoria de Eliane Maria Silveira Fonseca Carvalho, que descreve a chegada da imagem na Igreja do Carmo Pequeno e a transformação do claustro da referida igreja em espaço da fé do povo sergipano. De acordo com a então diretora do Museu de Arte de São Cristóvão, o templo passou a ser denominado Igreja Senhor dos Passos, “graças à entronização da Sagrada Imagem, milagrosamente encontrada em um caixão de madeira, boiando sobre as águas do Rio Paramopama, que banha a cidade de São Cristóvão” (CARVALHO, 1990, p. 2). A museóloga enfatiza o papel da romaria dos Passos para a constituição da sala dos milagres, pois os romeiros que acorrem a Festa de Passos, “cheios de esperanças, numa demonstração de fé, piedade e humildade, numa troca de favores com o Divino Santo. Fé e credence se misturam, fruto da cultura de um povo sofrido e pobre, num último alento para as suas aspirações”

(CARVALHO, 1990, p. 2). O outro texto do catálogo foi produzido por Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, no qual ressalta a veneração dos peregrinos sergipanos e nordestinos à imagem do Senhor dos Passos (SOUTELO, 1990, p. 8).

Os textos até aqui analisados tem uma característica comum: não representam o olhar acadêmico. Os primeiros estudos universitários sobre a procissão dos Passos só começam a surgir a partir do ano de 2002. Mesmo assim, a solenidade quase sempre foi discutida como questão secundária à temática central. Contudo, os Passos passam a ser alvo de novos olhares. Os primeiros estudos sobre a procissão sob a égide acadêmica foram os artigos de Verônica Nunes. Em 2002, ela publica “São Cristóvão mantém tradição religiosa” no jornal “Gazeta de Sergipe” no qual é abordada a importância da solenidade, a origem da devoção ao Senhor dos Passos e a simbologia das imagens. Em 2003 a autora publica “A Procissão dos Passos: o ex-voto como imagem-testemunho do milagre”. Nesse artigo Nunes faz uma discussão a respeito dos ex-votos do claustro do Carmo e da Procissão do Depósito, com uma breve descrição do cortejo processional.

Ainda em 2002, foi publicado “Sergipe Panorâmico”, lançando um olhar geral sobre todo o estado de Sergipe. A solenidade de Passos também foi alvo do olhar globalizante da obra, sendo referenciada no tópico Panorama Turístico como a suposta “Festa da Paciência”. Outros olhares tangenciais sobre o universo dos Passos estão nas monografias de final de curso do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

Em 2002, Rodrigo Reis Leite lançou seu olhar sobre o acervo do Museu de ex-voto de Sergipe. O objetivo do autor foi tratar os ex-votos como fonte para estudo histórico. A procissão é apresentada apenas no momento em que se explica a origem do acervo museológico, sem aprofundar-se. Outra monografia que observa a mesma temá-

tica é a de José Nascimento dos Santos, ela analisa a exposição de longa duração do museu. No que concerne à solenidade dos Passos a obra não inova, pois ela não era o foco do monografista. O último estudo monográfico a referenciar a procissão foi o de Marta Helena Sampaio. A autora considerou a principal das romarias da cidade a “festa do Senhor dos Passos, celebrada no segundo domingo da quaresma, e ainda com um número significativo de fiéis. Pessoas de várias localidades do Estado vêm depositar ex-votos (promessas), por graças recebidas” (SAMPAIO, 2004, p. 50). No entanto, olhares externos à academia continuaram observando a solenidade de Passos, como sempre de forma tangencial. Esse é o caso do estudo de Ana Medina (2005) em “A Ponte do Imperador” que registra a participação das famílias de Boquim na procissão.

Em 2003, pela primeira vez a solenidade de Passos foi contemplada como foco central de análise pelos olhares acadêmicos. Antônio Bittencourt Júnior estudou a procissão enquanto fenômeno comunicacional com a dissertação “Procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular, no município de São Cristóvão, no estado de Sergipe”. A obra apresenta uma proposta inovadora e promove uma leitura significativa sobre o evento. No entanto, alguns aspectos da reflexão são passíveis de questionamentos. O autor diz que a procissão teria começado a ser realizada ainda no século XVII. Essa data é improcedente, haja vista que naquele século a igreja da Ordem Terceira do Carmo (local onde a imagem foi depositada) ainda não havia sido edificada. Também pode ser discutida a forma de o autor classificar os devotos promesseiros do Senhor dos Passos de penitentes. Essa terminologia é inapropriada, tendo em vista que mesmo os romeiros do Senhor dos Passos cumprindo atos penitenciais em procissões, a finalidade central de tais práticas são distintas. Enquanto os peniten-

tes rezam pelas almas, os devotos dos Passos rezam para atingir ou agradecer as benesses da vida. Além disso, o autor não deixa explícito o seu conceito de penitente. Outra lacuna que não foi observada por Bittencourt Júnior está relacionada com o fenômeno comunicacional, seu objeto de estudo. Apesar de revelar as diferentes expressões comunicacionais da procissão, o historiador ignora o papel do sino na solenidade.

Outra dissertação que lança o olhar sobre a solenidade de Passos é a de Fábio Silva Souza, defendida em 2004. O pesquisador buscou analisar as diferentes temporalidades da cidade de São Cristóvão, com destaque para o tempo habitual ou ritual, no qual se insere a Procissão dos Passos. Apesar da inovadora proposta de realizar um passeio pela cidade, a obra apresenta algumas explicações incongruentes. Um dos mais graves problemas inerentes à análise é a completa ausência de crítica documental. O autor demonstra uma aparente ingenuidade ao confiar plenamente em relatos com pouca credibilidade, como os de guias turísticos. Baseado nesses testemunhos, Souza afirma que a procissão teve início no ano da transferência da capital (1855). Outro aspecto questionável é referente ao marco cronológico, delimitado entre 1590 e 2004. No entanto, a análise prende-se aos marcos extremos, abordando apenas o período de implantação, as sucessivas transferências e os primeiros anos do século XXI. Além das lacunas presentes na obra, a reflexão contém outras deficiências, principalmente no que concerne a incorporação das fotografias ao texto. Ao mesmo tempo em que Fábio Souza discute a procissão nos dias atuais, ele apresenta fotografias de períodos anteriores, sem datá-las.

Os últimos artigos sobre a solenidade são resultantes de nossas pesquisas. Em 2005, publicamos o artigo “Passos da Fé: a procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão entre 1886 e 1920”,

no qual analisamos os principais momentos do deslocamento dos devotos para o santuário da igreja do Carmo. A análise reflete os primeiros resultados da pesquisa e algumas de suas conclusões hoje podem ser revistas. Na argumentação foi discutida a relação entre romaria e peregrinação. Nesse aspecto o olhar da pesquisa tomou outro direcionamento, pois não percebemos mais a celebração como peregrinação e sim, como romaria. Outro olhar científico sobre a procissão dos Passos foi publicado por Verônica Nunes e Magno Santos em 2006 na Revista da Fapese, com o artigo “Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se”, como foco de análise está a participação da elite açucareira e dos segmentos populares. Os autores buscaram enaltecer a hegemonia do primeiro grupo no transporte dos varões da charola do Senhor dos Passos nas procissões e a participação popular registrada por meio dos ex-votos.

Por fim, uma coletânea publicada nos idos de 2006 sob a coordenação do fotógrafo Márcio Garcez. Trata-se do livro “Senhor dos Passos em todos os Passos”, que visando apresentar uma leitura etnográfica da procissão por meio dos registros fotográficos reúne textos dos mais destacados intelectuais sergipanos que discutem as questões de religiosidade em Sergipe. Cleomar Brandi, no artigo “Um documento de fé” revela que o registro fotográfico de Márcio Garcez “resgata e deixa para a posteridade uma das maiores manifestações de Fé do povo interiorano de Sergipe” (BRANDI, 2006, p. 5). Para o autor:

Na bela cidade de São Cristóvão (...), penitentes arrastam seus pés cansados pelas ladeiras da velha cidade, emolduradas por velhos casarões seculares. Nos olhos de cada um, a Fé sem mistérios. A Fé dos homens simples, aflorada numa manifestação de contrição e devoção (BRANDI, 2006, p. 5-6).

Verônica Nunes, com o texto “Ex-votos: sinais tangíveis da devoção popular” discute os ex-votos deixados pelos romeiros da Procissão do Senhor dos Passos e afirma que possivelmente essa celebração seja a primeira referência da prática votiva em Sergipe (NUNES, 2006, p. 8).



Figura 5: Ex-votos do claustro da Ordem Terceira do Carmo. Foto Márcio Garcez, 2005. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006.

Além disso, a autora analisa as principais tipologias dos ex-votos, presentes no acervo do Museu do Ex-voto de Sergipe. Segundo Nunes, a presença de ex-votos médicos:

Pode ser considerado como um testemunho de que, muitas vezes, só resta a esperança de recorrer ao Senhor dos Passos porque, para muitos promesseeiros, os recursos da medicina escapam de seus bolsos vazios ou principalmente, movidos pelo sentimento da esperança da cura através da fé no Senhor dos Passos, demonstrando o poder da força divina (NUNES, 2006, p. 9).

Thiago Fragata, no texto “Procissão dos Passos em São Cristóvão/Se” analisa a inserção da celebração religiosa no seio das procissões do ciclo quaresmal da cidade. A ênfase do autor recai sobre elementos de origem da devoção à imagem achada nas margens do Rio Paramopama, assim como a presença de elementos simbólicos atinentes aos romeiros, como o fato de que “entre a massa de fiéis predomina a túnica roxa atada com cordão, à semelhança da imagem, numa forma de compartilhar o sofrimento do nazareno como um cirineu” (FRAGATA, 2006, p. 23). Na visão do autor, episódios como o sermão do Encontro e o canto da Verônica “enredam a comovente liturgia do catolicismo colonial” (FRAGATA, 2006, p. 24).

No texto “Promessas, votos e devoção” do acadêmico Luiz Antônio Barreto é analisada a constituição de santuários a partir da devoção das camadas populares, as quais “selam o pacto silencioso com a divindade e com os santos” (BARRETO, 2006, p. 45). O autor entende que a festa de Nosso Senhor dos Passos de São Cristóvão remete a um “costume medieval, resquício de um certo ideal de vida santa, predominante na Idade Média, transplantado para o Brasil dos primeiros tempos coloniais” (BARRETO, 2006, p. 44). Nesse sentido, a visão do autor cristaliza as expressões de catolicismo das camadas populares, ocultando o processo histórico de reinvenção e dinâmica da cultura sob a penumbra da permanência de resquícios do passado.

A antropóloga Beatriz Góis Dantas com o texto “Entre o sagrado e o profano”, analisa o comércio na festa de Passos. Para a estudiosa:

Evento em que missas e procissões se constituem nas cerimônias mais evidentes, agrupando centenas de fiéis que, na segunda semana da quaresma, se deslocam para a cidade a fim de participar dos atos religiosos e pagar promessas, tem como eixo a celebração da dor. É uma festa triste (DANTAS, 2006, p. 56).

Beatriz Dantas instiga o olhar para a consonância entre duas realidades complementares, paralelamente aos rigores da penitência e do pagamento de promessa, há o comércio da festa: as guloseimas, lembranças da romaria e itens diversos. Segundo a autora “junto com o alimento, consomem-se símbolos” (DANTAS, 2006, p. 57).

O último texto da coletânea é de autoria de Antônio Bittencourt Júnior, ele retomou com algumas inquietações discutidas em suas dissertação de mestrado em Comunicação. No texto “Uma procissão de imagens” ele afirma que “é pela procissão que fiéis, clero e classe política dirigente comunicam-se com o povo” (BITTENCOURT JÚNIOR, 2006, p. 70).

Essa visão panorâmica das leituras intelectuais acerca da solenidade do Senhor dos Passos tem como últimas reflexões as poesias produzidas pelo principal poeta da cidade de São Cristóvão: Manoel Ferreira Santos.⁵ Ao longo da segunda metade do século XX ele tornou-se um dos principais agentes culturais da cidade, com atuação como o primeiro diretor do Museu Histórico de Sergipe e a presença marcante na solenidade penitencial. No dia 20 de março de 2011, no fervor da romaria ele escreveu:

SOLENIIDADE DE PASSOS

Ato comovente, expressando fé, gratidão e humildade
Penitência de fiéis participando de Procissão de Senhor dos
Passos

Uns acompanhando a procissão de velas acesas
Outros usando indumentária cor das vestes das imagens

⁵ Faleceu em São Cristóvão no dia 30 de junho de 2015.

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

Alguns seguindo a trajetória de joelhos
E outros ainda conduzindo feixe de lenha na cabeça.

Põe-se em evidência o sofrimento
Expressando gratidão de criaturas reconhecidas
Extravasando o coração.

São Cristóvão agradece e aplaude,
Presença do nosso querido venerável Arcebispo
Dom José Palmeira Lessa, abrilhantando solenidade
E nos enriquecendo com subsídios do Sermão do Encontro

Deus seja louvado,
Pai de bondade e misericórdia,
Derramando suas bênçãos e graças
Sobre esta nossa sofrida e querida São Cristóvão

A leitura do poeta perpassa pela impactante presença visual dos romeiros, os pagadores de promessas, alinhavada com o reconhecimento da hierarquia da Igreja Católica, por meio da figura do arcebispo metropolitano “abrilhantando a solenidade”. O Senhor dos Passos é apresentado como o “Pai de misericórdia”, que derrama as bênçãos sobre a cidade sofrida. No ano posterior, o poeta reafirma esse olhar. No dia 5 de março de 2012, Manoel Ferreira Santos reafirma-se como o poeta e cronista do tempo presente acerca da solenidade do Senhor dos Passos. É o intelectual do testemunho, do saber ouvir, do uso das palavras que acalentam as saudosas manifestações de fé dos romeiros, com as reminiscências do sofrimento. Em suas palavras, Manoel Ferreira afirma:

SOLENIDADE DO SENHOR DOS PASSOS

De fé e garra abraçados,
Fieis se solidarizam,
Promovendo solenidade de PASSOS,
Revivendo sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo,

Multidão em clima de penitencia,
Rendendo louvores e graças a Nosso Senhor,
Carregando pesada cruz,
Na qual foi crucificado.

Mestre Divino,
Brotado do seio Imaculado da Virgem Maria,
Doa a sua vida,
Pela redenção da humanidade.

Sejamos reconhecidos e gratos,
A bondade de Nosso Senhor,
Submeter-se a cruéis sacrifícios,
Tendo em vista a evidencia do amor.

Feliz o homem que teme ao Senhor,
E põe o seu prazer em observar os seus mandamentos,
Será poderosa sua descendência na terra,
E bendita a raça dos homens retos (sl 111, 1 e 2)

Manoel Ferreira Santos
São Cristóvão, 05 de março de 2012.

O poeta sancristovense enfatiza um elemento pouco elucidado nos estudos acadêmicos sobre a solenidade dos Passos: a solidariedade. Essa certamente é uma das marcas centrais de toda a manifestação devocional, com os moradores da cidade em ato de abrir suas casas para receber famílias desconhecidas. Com pessoas de recursos limitados que aumentam as ceias para alimentar os romeiros. Com homens anônimos como José Carlos Andrade (Zé Menino), que produz cartazes, santinhos e distribui gratuitamente água para os romeiros. E, claro, os próprios devotos, construtores de novas redes de solidariedade com o auxílio mútuo na organização das procissões e das grandes filas para a passagem sob o andor das imagens votivas.

3 Os Passos Segundo Santiago: Momentos de Fé

O principal documento sobre a solenidade de Nosso Senhor dos Passos no período entre 1886 e 1920 é o *Anuario Christovense* de Serafim de Santiago. A obra é um relato detalhado e minucioso da trajetória dos romeiros até o santuário sancristovense. No texto memorialístico pode ser evidenciado seis momentos, sendo eles: caminhada, chegada e contemplação, depósito, encontro, despedida e retorno dos devotos.

O primeiro momento descrito por Santiago é o da caminhada. De forma breve, porém atenta, ele autor narra:

Quando se aproximava o segundo Domingo da quaresma, dia consagrado a tradicional procissão dos Passos na legendaria cidade de São Christovão, desde cedo e alguns dias antes, a multidão se dirigia para ali em continua romaria afim de assistir a dolorosa memoração da tragédia da rua da Amargura, o encontro da formosa filha de Sião com seu

filho unigenito, acto que ainda hoje se celebra na ex-Capital Sergipana (SANTIAGO, 1920, p. 19).

O relato acima é revelador. Demonstra que nas primeiras semanas quaresmais as estradas em direção a São Cristóvão, ficavam repletas de romeiros a caminho de participar da celebração dos Passos. A caminhada descrita apresenta algumas peculiaridades, por se tratar de uma romaria, ou seja, a busca pela contemplação e experiência com o universo sagrado. Neste sentido, a romaria representa o deslocamento espacial do devoto que temporariamente afasta-se da realidade cotidiana caótica para adentrar na ordem cósmica sacralizada. É a busca do santuário. Isso explica o comportamento dos romeiros no itinerário entre a sua localidade de origem e a cidade de São Cristóvão, vista pelo autor como sendo “romaria com maior reverência”. É óbvio, esta versão é apenas um olhar lançado sobre as estradas que ligavam São Cristóvão às demais cidades nas primeiras semanas da quaresma. Além disso, Santiago não é um observador qualquer, mas sim um cidadão sancristovense, católico e acima de tudo, admirador da solenidade de Passos. É muito provável que o silêncio predominante nem sempre fosse respeitado, pois em uma longa caminhada a alegria e os risos também deveriam estar presentes, mesmo se tratando de uma romaria de penitência.

Santiago também retrata os diferentes ritmos da romaria. De acordo com o segmento social ou o voto do romeiro, o deslocamento até São Cristóvão era vencido por diferentes meios. A penitência era iniciada com o sacrifício da jornada a ser cumprida a pé. No período estudado (1886- 1920) a trajetória devocional variou com as mudanças nos meios de transportes, levando-se em consideração que em 1914 foi implantada a ferrovia ligando a Velha Capital às praias de Aracaju. Com isso, em 1920, Santiago afirmou:

Hoje que nosso Estado acha-se dotado de uma estrada de ferro, havendo um trem diário para aquella cidade, desapareceu a grande influencia dos romeiros costumados, que alguns dias antes começavam a viajar, uns a pé, outros em carros puchados a bois, fazendo um agradável descanso nas margens do Rio Pitanga (SANTIAGO, 1920, p. 19).

Sob a ótica do memorialista, a implantação da ferrovia entre São Cristóvão e Aracaju resultou na redução de romeiros que seguiam a pé pelas estradas. A partir de 1914, o trem passou a ser o principal meio de transporte para a solenidade de Passos, isso não significou o fim dos demais. Chama mais atenção no depoimento, a predominância dos romeiros que seguiam a pé até o santuário no período anterior a 1914. A caminhada rumo ao santuário representa uma importante simbologia no universo cristão. Em diferentes épocas e localidades destacaram-se as longas caminhadas para santuários como Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém (BALBINOT, 1998, p. 77). Nos primeiros dias da quaresma o afluxo de romeiros que adentravam em São Cristóvão era considerável, como atesta mais uma vez o memorialista local:

No correr da primeira semana da quaresma, principiavam a chegar muitas famílias de todos os pontos da Província, principalmente da nova Capital de Aracaju, donde a maior parte da pequena população era natural de S. Christóvão. Chegava finalmente no sabbado a tarde o Ex^{mo} Senhor Presidente da Província, de seu estado-maior, assim como um grande número de funcionários públicos gerais e provinciais e a musica do corpo de policia. Grande era a concorrência de carros conduzindo famílias a entrarem dia e noite na velha cidade (SANTIAGO, 1920, p. 20).

O depoimento demonstra que o afluxo de romeiros a São Crisóstovão no período da solenidade era realmente considerável. Com a proximidade das celebrações, os devotos de diferentes segmentos sociais começavam a chegar à terra do Senhor dos Passos. Nesta ocasião ocorria um dos principais momentos da solenidade: o encontro dos romeiros com a imagem do Senhor dos Passos. A relevância desse momento é devido à interação do fiel com a imagem, o contato íntimo com o desejado universo sagrado. A contemplação inicial ao pé da charola era peculiar. Na sexta-feira da quadragésima a imagem era transportada do Carmo Pequeno para o Grande, local onde era preparada a charola para a procissão. A imagem permanecia velada, ou seja, coberta com pano roxo a espera da penitencial procissão do depósito. A contemplação nesse momento era intensa, pois durante todo o sábado sagrado os romeiros visitavam a igreja do Carmo com o intuito de observar e poder tocar ao menos nos pés da imagem. A contemplação continuava no dia seguinte, após a celebração da missa das dez, como relembra Serafim de Santiago:

A proporção que os fieis iam entrando no referido templo de N. S. da Victoria, viam do lado do Evangelho, isto é com frente à capella do Santíssimo, postos os mesmos dois cavalletes e sobre elles a rica charola, já sem o encerro do sabbado à noite; nella achava-se o grande vulto do Nazareno exposto a veneração dos fieis que anciosos procuravam admiral-o. ali estava elle de joelho em terra no centro da charola, vestido em rica túnica de gorgurão roxo, supportando o pezo do grande madeiro, com aquelle rosto venerável, os olhos injectados fitos para o chão, demonstrando a grande agonia cauzada pelo pezo da cruz. Finda a missa, era repetida a mesma scena dada na egreja Ordem 3ª do Carmo, isto é, os fieis rodeavam a cha-

rola admirando da mesma forma, tamanha perfeição, dizendo alguns: 'não tenho coragem de me tirar deste sagrado lugar'. Assim conservava-se a grande concorrência dos romeiros até as 4 horas da tarde quando os sinos da Matriz começavam a dobrar, chamando de novo os fieis para o acto mais notável de minha terra natal (SANTIAGO, 1920, p. 23v).

O depoimento do memorialista é elucidativo, por demonstrar o quanto a imagem do Senhor dos Passos era venerada. Por isso mesmo, ter acesso a charola nos dias de solenidade não aparentava ser tarefa fácil, levando-se em conta o elevado número de romeiros e a insistência de devotos em permanecer contemplando a imagem durante todo o dia. Visando demonstrar a lotação da matriz da cidade, o autor resolveu descrever a entrada no mesmo de forma ritmada, ou seja, é como se Santiago estivesse assumindo o papel de emissário correspondente do evento para o leitor. Ao ler o texto, sentimo-nos adentrando passo a passo na grande matriz sancristovense e percebe-se, detalhadamente, a escultura do Senhor dos Passos.

No universo simbólico religioso do romeiro, o local onde está depositada a charola do Nazareno constitui uma sacralização privilegiada. O templo em si já é visto enquanto local sagrado, no entanto, a presença da imagem agrega uma nova função, reforça a sacralidade. Sob esse prisma, a elevada procura pelo Senhor dos Passos pode ser interpretada como uma forma de sentir, presenciar, vivenciar a sacralidade.

O terceiro momento que pode ser evidenciado no Anuario Christovense é o da procissão do depósito. No plano penitencial, esse é o ápice da solenidade, por ser o momento em que diferentes segmentos sociais cumprem seus atos de desobriga no curto trajeto processional entre as igrejas do Carmo e da Matriz. No período

estudado a cidade de São Cristóvão ainda não possuía rede elétrica. Mesmo assim, a tradicional procissão do sábado à noite não transcorria às escuras. Além do luar, as ruas do trajeto eram iluminadas com lanternas depositadas nas fachadas dos casarios e com as velas dos inúmeros romeiros que lotavam a igreja e praça do Carmo. Embora o itinerário da procissão fosse curto, ela era demorada, pois além de passar pela praça do Carmo, rua da Imperatriz e praça da Matriz, o cortejo parava por três vezes para o canto dos passos⁶.

O quarto momento da narrativa de Santiago é a procissão do Encontro, realizada no segundo domingo da quaresma. Mesmo não tendo muitos romeiros cumprindo sacrifícios como no cortejo da noite anterior, também apresenta aspectos penitencias, por lembrar “a tragédia da rua da Amargura, o encontro da formosa filha de Sião com o filho unigênito” (SANTIAGO, 1920, p. 19). Através da narrativa do autor sancristovense podemos constatar uma série de aspectos presentes na procissão, dos quais o mais marcante é o caráter teatral. O longo cortejo que saía pelas ruas da Velha Capital ao entardecer de domingo era uma verdadeira encenação dos últimos momentos da paixão. Vários elementos somavam-se para fortalecer a teatralidade barroca da solenidade como o ritmo, os cânticos, o encontro, as cenas representando os sete passos, as imagens em tamanho natural, a mistura sincrônica de imagens e personagens bíblicos representados por moradores da cidade e o cenário, marcado pelo casario barroco. No teatro dos Passos, é difícil distinguir

6 Na procissão noturna eram cantados apenas três passos, respectivamente na casa da esquina da rua da Imperatriz, na casa de João Florêncio de Almeida (praça da Matriz) e na casa de dona Maria Barretto. Além desses passos, os músicos também cantavam versículos nas igrejas do Carmo e da Matriz. Mesmo considerando esses dois versículos como passos, não chegamos a quantidade tradicional de passos cantados nos dias atuais (sete). Provavelmente as outras duas paradas foram acrescentadas posteriormente.

o público dos atores, pois o público formado por romeiros interagia constantemente com a encenação, ou seja, desempenham função ativa na celebração, como evidencia o memorialista:

Alguns momentos antes de sair a procissão da Matriz uma pequena força composta de 8 praças e um sargento do corpo de policia para guarnecer as charolas e o Pallio. Dadas às 5 horas, e já estando presentes todos os sacerdotes, o Prior dirigia-se ao vigário Barrozo pregador do encontro e tratavam de mandar sahir a procissão. O vigário chamava o Senhor Jozé Antônio de Souza Leal, antigo devoto de carregar o pendão e a elle dava ordem para sahir primeiramente aquelle grande estandarte de pano grosso de damasco roxo levantada em uma haste de pau, superior a 20 palmos de altura [...]. Sahia então a procissão da Matriz; era agradável ver apparecer a venerável Imagem do Senhor dos Passos, que ia percorrer algumas ruas da velha cidade e fazer o seu encontro doloroso. Ao chegar a charola na porta principal, carregada pelos Irmãos 3^{os} de São Francisco, o sargento, commandante da pequena força policial, mandava por joelhos em terra a seus commandados e o pôvo admirado curvava-se reverente deixando passar o famoso Nazareno (SANTIAGO, 1920, p. 24v-25).

O texto acima citado é enfático. Demonstra o grau de reverência que havia na solenidade de Passos, em que até o corpo policial ajoelhava-se diante da imagem. Este ato simbólico é revelador, por demonstrar o poderio atribuído à religião no período imperial, ainda regulamentado pelo padroado régio. A interação do público com a procissão torna-se explícita ao se observar o momento no qual os devotos se curvam em reverência à imagem.

Desse modo, o público passa a ser ator na dramática encenação dos sete passos da paixão. Também demonstra o grau de teatralidade da procissão, o fato da imagem ser erguida somente ao sair da igreja Matriz, ou seja, apresenta-se solenemente aos devotos. O mesmo ocorria na hora do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade na praça São Francisco. Nessa ocasião a eloquência do sermão do vigário Barrozo ritmava a entrada da Virgem no palco lotado pela plateia ansiosa, pois:

Findo este terceiro cântico, surgia no púlpito o vulto do Orador consumado vigário Jozé Gonçalves Barrozo que lançando um olhar prescutor sobre o enorme auditório que enchia a praça, principiava a falar, desenrolando os martyrios e sofrimentos da victima ali presente. O povo já ansioso esperava aquellas palavras inspiradas. Naquelle momento já estavam parados todos os sinos e reinava o completo silencio, esperando os ouvintes o momento mais tocante d'aquelle acto, o encontro doloroso da santíssima Virgem com seu unigênito filho em completa afflicção na rua da Amargura. O povo, attento, ouvindo o orador, prestava ao mesmo tempo attenção a aproximação da charola da Virgem de Sião pela entrada do beco, e os devotos carregadores prestavam também attenção ao pregador, que, no correr do sermão, de quando em vez, fazia sinal mandando que a Virgem se approximasse. Estes sinaes erão tão bem representados, que os espectadores não percebiam, somente entendiam aquellos gestos do orador, os antigos devotos, carregadores da charola. Sublime as figuras grandiosas, as epopéias do verbo, os justos pensamentos sahiem-lhe dos lábios incendiados, quando elle, já tendo ao pé do púlpito a charola da Santíssima Virgem que já era vista pela maior parte da multidão dizia: 'o voz todos,

que passaes por aqui, attendei, e considerai, se há dor igual a minha dor e afflicção.' Ao pronunciar elle, estas afflitas e angustiosas palavras, arrancava lágrimas da maior parte dos ouvintes (SANTIAGO, 1920, p. 25v-26).

A longa e minuciosa descrição do encontro acima citada é contundente. Apresenta claramente os elementos da teatralidade barroca, na qual a praça São Francisco é transformada em um grande auditório. Este é um dos principais momentos da encenação, pois diferentes atores se cruzam como o Senhor dos Passos, a Virgem da Soledade, a Verônica, o pregador e a grande massa de devotos. A proposta artística barroca era mais um mecanismo aglutinador de fiéis, pois visava educar e ao mesmo tempo legitimar a imagem sacralizada.

O penúltimo momento da solenidade presente na obra de Santiago é a despedida dos devotos. Após o retorno da Procissão do Encontro para a igreja do Carmo Pequeno os romeiros iniciavam a despedida do santuário, ou seja, preparavam-se para retornar para o seu universo cotidiano e caótico. Antes do retorno inevitável, os romeiros cumpriam os últimos atos penitenciais, os últimos contatos com o sagrado. Com isso, era costume os devotos visitarem durante a noite de domingo os sete passos expostos ao longo do trajeto processional, seguindo o mesmo itinerário da tarde. A despedida era concluída com a veneração das “imagens que ficavam expostas até as 11 horas da noite” (SANTIAGO, 1920, p. 27).

Por fim, os devotos retornavam para suas localidades de origem. Nas noites iluminadas pelo luar do domingo da quadragésima⁷ os

7 Segundo o calendário cristão, as sete semanas que antecedem a paixão possuem uma nomenclatura específica. Assim, a semana anterior ao carnaval é chamada de setuagésima; a do carnaval, sexagésima; a primeira semana da quaresma, quinquagésima, a segunda, quadragésima e assim sucessivamente.

romeiros caminhavam para diferentes destinos e realidades de vida. No depoimento de Santiago é possível ouvir algumas vozes de tais romeiros, com discursos que exalam o sentimento de dever cumprido mesclado com a saudade e a promessa do retorno certo. O desfecho da romaria era marcado pelo elevado número de fiéis pelas estradas sancristovenses. Assim:

Terminada a procissão começavam a sahir os cavalleiros para a nova Capital de Aracaju, para Laranjeiras, Itaporanga, etc. Grande era a multidão de pessoas que a pé seguiam para Aracaju depois da visita dos Passos às 11 horas, aproveitando o lindo luar, e enquanto caminhavam diziam: 'Adeus!!! Adeus!!! Até para a Semana Santa se Deus não mandar o contrário. Pelo caminho os viajantes elogiavam o sermão do vigário Barrozo, analysando alguns tópicos proferidos por elle [...] Deus te dê saúde, Padre Barrozo, e a mim conceda vida, que de ontem a hum mez estarei de volta por este caminho para ouvir outro Sermão do nosso Vigário na Semana Santa. Estas cinco leguas eram sempre vencidas com a mesma satisfação (SANTIAGO, 1920, p. 27v).

Podemos constatar que no retorno os romeiros firmavam o compromisso de voltar para assistirem as solenidades da semana santa. Essa constatação reforça a idéia de que a cidade de São Cristóvão, nesse período, desempenhava a função de santuário local, aglomerando, em suas celebrações, devotos de diferentes partes de Sergipe. Com isso, para tentar empreender a solenidade de Passos, torna-se eminente o estudo dos elementos constitutivos do santuário dos Passos.



III

O SANTUÁRIO
SANCRISTOVENSE



*Para que gozemos
Os céus algum dia
A Jesus dos Passos
tomemos por guia*

*Bendito sejas
Meu doce Jesus
Que o mundo remistes
Pela Santa Cruz*

*Dos fiéis as almas
Divino Senhor
Convosco descansam
Em paz e amor*

*Ouvi, Bom Jesus
Minha oração
Cheguem os meus brados
Ao vosso coração*

Ofício do Senhor dos Passos. Gráfica A Nacional, s/d, p. 7.



1 A Dádiva Divina

A origem da devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão perdeu-se na noite dos tempos. Nos estudos realizados sobre a imagem podemos encontrar inúmeras cogitações, quase sempre pouco fundamentadas. Por esse motivo, as principais informações sobre a origem da principal devoção sancristovense são provenientes da tradição oral e do *Anuario Cristovense* de Serafim Santiago, que desabafa:

Antes de narrar com precisão, (como desejo) a referida festa quaresmal, precipiarei, antes de tudo, informar-vos, o que muitas pessoas, mesmo filhos d'ali, ainda hoje ignoram: a origem da devoção ao Senhor dos Passos em S. Christovão. Vem de época muito remota, diziam alguns anciãos naturaes da antiga cidade, a existência desta Sagrada Imagem ali (SANTIAGO, 1920, p. 19v).

O depoimento do memorialista é enfático e contundente para a análise de algumas considerações já realizadas sobre a solenidade. O autor viveu na segunda metade do século XIX e sempre primou em registrar detalhadamente as informações em seu anuário, diz ser antiga a origem da imagem, sem indicar a data. Outro dado revelador é o fato da informação não ser resultante de sua experiência vivida, mas sim, baseada nos depoimentos de idosos da cidade, pro-

vavelmente já falecidos em 1920 (ano atribuído à obra do autor). Isso está explícito no texto memorialista, quando Santiago se refere alegando que “diziam alguns anciães”, ou seja, a voz de tais anciães também era remota, provavelmente oriunda de uma tradição oral anterior ao século XIX.

Com isso, o depoimento analisado desmonta a hipótese defendida por Fábio Silva Souza, que aponta como data da origem da tradicional procissão 1855 (ano da mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju), tendo como base apenas o depoimento de um guia turístico da cidade. Em história, por cautela, é aconselhável priorizar os testemunhos oculares ou relatos mais próximos do episódio. Nesse sentido, a obra de Serafim Santiago torna-se mais confiável do que a explanação de um guia turístico do século XXI.

Outra hipótese defendida por Fábio Silva Souza em sua dissertação apresenta-se de forma descabida, pois aponta o século XVII como o momento em que teve origem a piedosa devoção à imagem do Senhor dos Passos em terras sancristovenses, numa evidente tentativa de legitimar um discurso que confere longevidade à referida devoção. Todavia, esse marco também pode ser contestado, ao observar que a igreja na qual foi depositada a imagem do Senhor dos Passos é datada da segunda metade do século XVIII, atesta a historiadora Maria Thetis Nunes,

A Ordem Terceira do Carmo, criada em 16 de dezembro de 1666, inicialmente não tinha capela própria. As reuniões realizavam-se no Convento do Carmo. As obras da capela começaram em 1675; lentamente, porém, continuaram, sendo aberto ao público em 1742, mas só estariam concluídas em 1778/1779 (NUNES, 1986, p. 256).

Com isso, na ausência de uma documentação referente à Ordem Terceira do Carmo, o mais seguro é apontar o final do século XVIII como o provável momento em que ocorreu a introdução da referida imagem no panteão devocional de São Cristóvão. Segundo consta no Anuário Cristovense, a imagem do Senhor dos Passos teria sido encontrada ao acaso, nas margens do rio Paramopama, pois:

Um homem praiano, (disiam elles) cujo nome não me lembro, encontrou certo dia, rolando pela costa que fica ao sul da Cidade, um grande caixão, resultado talvez de um naufrágio de alguma sumaca; elle cuidadosamente rolou-a para terra, abriu-o e surprehendido ficou verificando a existência de uma perfeitíssima Imagem de roca em tamanho natural. O homem de educação religiosa e muito honesto, tomou uma canoa e nella acomodou o referido caixão, e com outros companheiros transportou para a velha cidade, o feliz e milagroso achado. Foi esta sagrada Imagem ali entregue aos frades jesuítas Carmelitas que a collocaram em uma capellinha na Igreja – Ordem Terceira do Carmo, e depois de longos annos, mudada para o Throno do altar-mor da mesma Igreja (SANTIAGO, 1920, p. 20).

O depoimento acima é revelador por representar aspectos do universo religioso brasileiro. Primeiramente, o fato da imagem alvo da maior devoção católica de Sergipe ter sido encontrada, achada. O achamento mostra-se como uma intervenção divina, como se a própria imagem tivesse escolhido a cidade de São Cristóvão para proteger. Segundo, a imagem teria sido encontrada no Rio Paramopama, ou seja, nas águas. A água simboliza a purificação e geralmente tem forte apelo de ligação entre os homens e o cosmo. A água é sagrada

por si só e geralmente está presente nas narrativas míticas. Prova disso é o fato de vários milagres da vida de Cristo terem ocorrido próximos a água.¹

Entre as devoções de maior apelo popular do país é comum a imagem ter sido encontrada em contato com elementos naturais, principalmente a água. Esse é o caso das imagens cultuadas em grandes romarias como a de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém; Bom Jesus da Lapa, Bahia; Bom Jesus de Pirapora e Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. A descoberta de imagens em condições semelhantes às narradas anteriormente revelam uma simbologia que vai além do acaso. Ela pode ser interpretada como manifestação do sagrado, uma hierofania, pois o “homem toma conhecimento do sagrado porque este manifesta-se” (ELIADE, 2001, p. 20). Desse modo, podemos dizer que a aparição da imagem do Senhor dos Passos constituiu no universo imaginativo do devoto, uma dádiva divina, uma expressão comunicacional entre o sagrado e o *Homo Religiosus*.

A ideia de dádiva está presente na maior parte dos depoimentos sobre a solenidade de Passos. Assim, para João Oliva Alves:

A referida imagem foi encontrada no Porto São Francisco, no rio Paramopama. Nada se sabe sobre a sua procedência, porém consta que trazia o endereço: “São Cristóvão d’El Rei”. Foi colocada na Igreja da Ordem Terceira do Carmo e logo os fieis católicos voltara-lhe especial veneração, não tardando em serem atendidos, nos seus pedidos de graças, pelo que a

1 O primeiro milagre teria ocorrido nas Bodas de Caná, em que Jesus transforma a água em vinho. Podemos também citar Jesus andando sobre as águas do mar e algumas curas em que teria usado água ou saliva.

fama de milagrosa, atribuída à imagem, propagou-se rapidamente, ultrapassando até as fronteiras do Estado, de onde acorrem fieis, todos os anos, para pagarem promessas ou renderem homenagem ao Senhor dos Passos (ALVES, 1959, p. 466).

A narrativa de João Oliva Alves elucida a relação existente entre a forma pela qual a imagem foi encontrada e o aumento devocional. Por ter sido supostamente destinada à cidade de São Cristóvão, o número de fieis não tardou em crescer, iniciando uma tradição de romaria. Além disso, também podemos perceber outro indício revelador no texto de Alves, o fato de um anônimo personagem ter achado o precioso bem sagrado da cidade. Nenhum dos autores que abordaram sobre a referida temática cita o nome do ilustre personagem, mesmo assim podemos constatar um elemento que não deve ser menosprezado, a imagem foi descoberta por um simples pescador, por um componente dos segmentos populares da Velha Capital.

É esse humilde e anônimo pescador, perdido no esquecimento, que tem muito a dizer sobre a grande devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão. É plausível pensar na possibilidade de haver uma relação entre o suposto pescador e a legitimação da imagem diante da população pobre. Mesmo sendo imediatamente transportada para uma igreja de elite, da mais importante e prestigiada associação de leigos de Sergipe (Ordem Terceira do Carmo), o sagrado teria se manifestado primeiramente a um representante dos segmentos populares. Essa relação dialética entre elite e os setores marginalizados da sociedade na busca pelo mundo sacralizado dos Passos permeou grande parte da trajetória da solenidade.

Os pescadores ao terem encontrado a grande caixa contendo a imagem, resolveram levá-la para a igreja do Carmo, templo no qual a mesma foi legitimando-se como alvo central das devoções sancris-

tovenses e conseqüentemente melhorando o seu posicionamento no interior do espaço sagrado. Essa hipótese pode ser evidenciada através do depoimento de Maria Paiva Monteiro:²

O encontro da imagem do Senhor dos Passos é mais ou menos parecido com o de Nossa Senhora Aparecida. Só que Ele é grande e Nossa Senhora é pequena e os pescadores pescaram e Ele não podia ser pescado. Então encontraram aí... no Porto dos Ferros, que é um dos portos daqui de São Cristóvão [...]. Foi lá então que os pescadores encontraram aquele caixão. Uns diziam que tinha “São Cristóvão, Sergipe”; outros dizem que foi acaso. Então eles viram que era a imagem, eles subiram a ladeira acostumados, aquela que vai dar ali no Convento do Carmo [...]. Então entregaram lá na igreja. Lá no Carmo Grande, como nós chamamos o Convento do Carmo, todos os altares já eram cheios de santos. Agora no Carmo Pequeno, que é a Ordem Terceira do Carmo, tinha um altar do lado direito de quem entra, o segundo. Agora tem lá uma Nossa Senhora do Bonsucesso. Aí colocaram a imagem de Nosso Senhor dos Passos (MONTEIRO, 2003).

Segundo consta na entrevista concedida por dona Marinete, o Senhor dos Passos teria sido depositado inicialmente no segundo

2 Maria Paiva Monteiro, nascida em 1913, foi professora na cidade de São Cristóvão. Estudou na Escola Normal e lecionou no povoado Pintos e no Lar Imaculada Conceição, onde passou grande parte de sua vida. Foi secretária da Associação Nossa Senhora do Carmo (substituta da antiga Ordem Terceira do Carmo). Na cidade era vista ora como memória-viva da cidade, ora como santa. Ficou mais conhecida como dona Marinete, mas era carinhosamente chamada pelas irmãs da Imaculada Conceição de “Dinha”. Faleceu em 2004, aos 91 anos, uma semana antes do primeiro ofício do Senhor dos Passos, do qual era uma das principais entusiastas.

altar lateral do Carmo Pequeno, defronte com o altar de Nossa Senhora da Soledade, que também faz parte do cortejo processional do Encontro. O nicho lateral em que foi depositado o Senhor dos Passos apresenta indícios relevantes para o estudo da referida devoção, pois a talha possui fortes elementos da teatralidade barroca.

É muito provável que o nicho tenha sido talhado em período anterior a chegada da imagem de Passos.³ Mesmo assim, a sincronia entre eles parece ser perfeita. A talha dos nichos em que estavam respectivamente Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade possuem dois anjinhos puxando singelamente as cortinas do cenário doloroso da Paixão, resultando em um encontro permanente do filho a caminho do calvário com a Mater Dolorosa. Partindo dessa reflexão, pode-se dizer que a teatralidade barroca não se restringia às procissões, mas tornava-se perene no cenário das igrejas da cidade, ou seja, para a população sancristovense o encontro era vivenciado cotidianamente.

2 Entre milagres e tragédias

A trajetória da imagem do Senhor dos Passos é fortemente associada a fenômenos miraculosos. Tais fenômenos contribuíram de forma significativa para o aumento considerável de devotos oriundos dos mais variados extremos de Sergipe, pois a cada ano na romaria são repetidas as estórias permeadas por milagres, devoção e benesses divinas. Seria então, o diálogo entre o sagrado e o devoto, ou, simplesmente, a manifestação do sagrado.

3 As evidências que o nicho foi talhado anteriormente a chegada da imagem do Senhor dos Passos estão presentes em todos os registros sobre a procedência da imagem. São unânimes em ressaltar que ela foi depositada em um altar secundário do Carmo Pequeno.

A primeira manifestação do sagrado teria ocorrido por ocasião da descoberta da imagem dentro de um caixão, com referência a São Cristóvão. Desse modo, no universo imaginativo do devoto, não foi o homem que buscou o sagrado, mas o sagrado que se apresentou ao homem, pois o Senhor dos Passos não foi comprado como ocorre comumente com as imagens sacras. A imagem foi achada, encontrada inserida na natureza. Assim como ocorreu em outros santuários com origens similares, o Senhor dos Passos de São Cristóvão tinha todos os predicativos para consolidar-se como uma das principais devoções de Sergipe.

O fenômeno do “achamento” de imagens sacras é comum no mundo católico, especialmente ao se referir às devoções oriundas do período moderno. As narrativas religiosas são enfáticas em mostrar as escolhas do sagrado pelo santuário onde deveria ser constituída a morada. Isso ocorreu tanto em relação às devoções marianas, como Nossa Senhora de Nazaré (Belém), Nossa Senhora da Abadia (Muquém, no município de Niquelândia, Goiás), Nossa Senhora Aparecida (Aparecida), Nossa Senhora de Guadalupe (Cidade do México) e Nossa Senhora da Esperança Macarena (Sevilha); como também em relação ao Bom Jesus: Pirapora do Bom Jesus, Bom Jesus de Tremembé, Bom Jesus do Iguape, Bom Jesus da Lapa e Senhor dos Passos de São Cristóvão.

Mas, o fato da imagem ter sido encontrada no rio não constitui o único indício de legitimação da devoção. A trajetória da imagem do Senhor dos Passos é fortemente permeada por tragédias e milagres. Neste estudo não tivemos o propósito de confirmar a veracidade de tais episódios, mas sim, compreender os elementos simbólicos da solenidade e perceber como o imaginário popular contribuiu para o aumento devocional ao Senhor dos Passos. Nesse caso, é pouco relevante se os relatos narrados ao longo dos anos realmente ocorreram ou não. O importante

é a existência da crença, o imaginário legitimador da devoção, ou como assevera March Bloch: mais importante do que saber se o milagre existe ou não é saber da crença no milagre (BLOCH, 1999).

O segundo episódio marcante relacionado com a imagem do Senhor dos Passos é uma tragédia que quase levou a destruição da mesma. Trata-se de um incêndio supostamente causado pelo elevado número de velas acendidas aos pés da imagem, quando esta ainda se encontrava depositada no nicho lateral do Carmo Pequeno. Segundo dona Marinete Paiva, a tragédia teria ocorrido da seguinte forma:

O povo tem a história de acender as velas no pé do santo, não é? Aí diziam assim: acenda no pé do Senhor dos Passos. Mas ninguém vai colocar no pé; até que um dia colocaram mesmo no pé e o santo vestido de roupa comum incendiou. A... como é? A tinta, não é... aquela tinta tinha qualquer substância e fez com que se fizesse bolhas na queimadura e logo o povo disse que o Senhor dos Passos era vivo, porque fez bolhas como uma criatura viva. Daí a devoção aumentou mais (MONTEIRO, 2003).

A narrativa relaciona o incidente ao aumento devocional ao Senhor dos Passos. No entanto, as informações contidas no referido relato possuem indícios bastante elucidativos, pois demonstram a existência da devoção à imagem nos primeiros anos após o miraculoso achado, além de explicitar as práticas religiosas. No plano simbólico, o aspecto mais relevante é a humanização da imagem. A partir do incêndio que afetou a pintura, o Senhor dos Passos, no imaginário popular, teria deixado de ser apenas uma representação do Cristo a caminho do Calvário, passando a ser também o sagrado vivo e presente. Assim, nas trilhas interpretativas de Eliade, adorar “pedras, árvores, que perdem o seu significado original, passando a

ser simplesmente o sagrado, torna-se outra coisa, e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2001, p. 21). Nesse sentido, a imagem apesar de continuar sendo uma escultura, para o homem religioso passa a ser o Cristo humanizado.

O antropomorfismo da imagem do Senhor dos Passos de São Cristóvão pode ser percebida em diferentes momentos do passado e do presente da solenidade. Na procissão de nossos dias é comum a confissão do devoto aos pés da charola, como também o apadrinhamento. Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade são padrinhos de muitos sancristovenses. Uma narrativa que enfatiza muito bem esse antropomorfismo é o texto de Gumerindo Bessa:

Foi na segunda domingo da Quaresma do anno da graça de 1886, que Marfório o viu (o Senhor dos Passos) pela primeira e única vez. Será a última? Marfório tinha então sangue na guelra, era rapaz, alimentava esperanças, illusões, sonhos de oiro, pensava que tinha talento. Na véspera da festa fui à Ordem Terceira do Carmo para ver de perto, demoradamente e só, a bella esculptura do Christo. Não tive o prazer de fazer sosinho o seu estudo. Lá estava o armador Luiz Pitanga enfeitando a charola, pregando e collando. E, segundos depois, chegava assobiando, o José Pedro que dirigindo-se para o lado do andor, dizia familiarmente:

— Bom dia, Senhor.

— Bom dia, seu capitão; respondia o Pitanga.

— Não é com o senhor que eu falo, é com o Senhor dos Passos; retrucou o velho dos assobios.

Marfório não poude conter-se, desabalou-se numa gargalhada das do Arthur Fortes e retirou-se (BESSA, 1915, p. 01).

O excêntrico relato de Gumercindo Bessa mostra de forma perspicaz o antropomorfismo em relação ao Senhor dos Passos, mesclando elementos de reverência e intimidade. A intimidade entre o devoto e o santo é característica marcante no catolicismo brasileiro e uma das formas de percebermos essa relação é analisar a invocação dos santos populares. No caso do Cristo em estudo, a invocação está voltada para o coletivo, com o título de Nosso Senhor dos Passos. No entanto, ao se observar momentos de aflição ou mesmo de oração dos romeiros aos pés da imagem, podemos perceber que a invocação é individualizada, o coletivo cede lugar ao particular por meio de frases como: “Meu Senhor dos Passos!”, “Ah, meu Senhor dos Passos”, “Valei-me, Senhor dos Passos!”. Frases como essas eram e são pronunciadas nos momentos de aflição e também estão presentes nos ex-votos deixados ao santo. Os ex-votos constituem fonte de importância primordial para o estudo das crenças, do imaginário, das relações sociais e da intimidade entre o fiel e o santo. É o que pode ser observado no agradecimento registrado em uma fotografia sem datação no acervo do Museu do Ex-Voto de Sergipe, no qual o romeiro proclama: “Meu Senhor dos Passos, eu agradeço a graça recebida de vós, o Senhor tem poder e muito milagre, guia os passos de minha família, livre das horas más”.

Outro momento elucidativo sobre a antropomorfização do Senhor dos Passos era o ato da lavagem dos pés, ocorrida após a sua descida do nicho do altar-mor. Ao ser depositada na charola, o Senhor dos Passos tinha seus pés lavados. A água da lavagem era então disputada pelos fiéis, como atesta dona Marinete:

A senhora que tomava conta de lá, do Senhor dos Passos, Ele descia, lavava os pés Dele, não sabe? Com... com a esponjaziinha e aquela água ela engarrafava e distribuía com as pessoas

que antes pediam a ela. Então é a água do pé do Senhor dos Passos. Era uma relíquia (MONTEIRO, 2003).

Como pode ser observada, a imagem do Senhor dos Passos é tratada na narrativa de dona Marinete como se fosse uma pessoa, levando-se em consideração a utilização de termos como “Ele” e “Dele”. Assim como todo elemento sacralizado, a imagem não era vista pelo devoto enquanto tal, mas sim como o sagrado, com vontade própria, ações e antropomorfizado. O poder sacro era tamanho, dando tudo a que entrasse em contato com ele a força sacralizadora e poder de cura. Tornava-se relíquia. Como bem ressaltou a anônima devota do ex-voto: o Senhor dos Passos tem poder e muito milagre.

Com o acréscimo no número de devotos, a imagem do Senhor dos Passos foi retirada do nicho lateral e levada para o altar-mor. Essa transferência detém uma relevante simbologia, por representar a ascensão do prestígio do Cristo com o madeiro. O episódio deve ter ocorrido em meados do século XIX, com a ação de Baltazar Góis. Como atesta dona Marinete:

Então para resguardar de outro incêndio daquele, agora que a coisa aumentou. Então, lá em cima tinha um crucifixo que está no primeiro altar do lado esquerdo, lá no Carmo Pequeno. Então colocaram o crucifixo naquele altar e colocaram Ele lá em cima. Agora assim, desprotegido, não ficava bem. Então eles cuidaram de fazer aquele nichozinho onde Ele está (...). Foi Baltazar Góis quem fez, esculpiu o nicho do Senhor dos Passos (MONTEIRO, 2003).

A partir da mudança para o altar-mor, o Senhor dos Passos também passou a ser o principal foco da religiosidade sancristovense.

A fama de imagem milagrosa propagou-se por toda a província, tornando-se a principal devoção dos sergipanos. São inúmeros os registros de milagres atribuídos ao Senhor dos Passos, testemunhados nos ex-votos do claustro da Ordem Terceira do Carmo. Na ótica da professora Verônica Maria Meneses Nunes, “são as imagens-testemunhos dos milagres” (NUNES, 2002).

Entretanto, um dos milagres mais instigantes foi relatado por Manuel dos Passos de Oliveira Telles:

A imagem do Senhor dos Passos tem fama de milagrosa e outra cousa não quer dizer a execução de tantos votos e penitências. Na primeira procissão, a do depósito, o povo aperta-se, condensa-se, lucha muitas vezes por carregar o andor ou pelo menos agarrar as misericórdias delle. Alguns indivíduos cingem coroas de espinhos feitas de sipó de japecanga, muitos out’ora açoitavam-se com disciplinas; outros aparecem amarrados de um grotesco como barocos para o matadouro a carregarem grandes pedras. Conta-se de bocca em bocca o milagre da muda que alimentava devoção particular à sagrada imagem e num anno, ao passar a procissão do depósito, repetiu desembaraçadamente: Eu também vou acompanhar o Senhor dos Passos. — Desde então recuperou a falla (TELLES, 1907, p. 02).

A descrição de Oliveira Telles traz informações reveladoras e surpreendentes. Trata-se do único testemunho conhecido que observa a prática ex-votiva dos segmentos populares, enfatizando as súplicas penitenciais. A procissão nos nossos dias traz resquícios de tais práticas, além dos empurrões objetivando o toque na charola no transcorrer da procissão. Por esse motivo a atual procissão foi vista

como forte indício da existência desse conjunto de práticas entre o final do século XIX e início do século XX, mas faltava-nos uma testemunha ocular do período em questão. Nesse caso, a solenidade presenciada atualmente serviu como estímulo para a descoberta de novas facetas da celebração no passado, ou seja, presente e passado mais uma vez dialogaram.

O autor das memórias também destaca a busca desesperada dos fiéis em poder terem a honra penitente de carregar a charola do Senhor dos Passos. O toque assume uma dimensão relevante na solenidade em questão, por representar o contato físico entre o romeiro e a imagem sacralizada. Contudo, a interação não se restringe ao devoto/santo. Ela também ocorre entre os devotos, pois todos buscavam algo em comum, a experiência com o sagrado. A existência dos empurrões e dos apertos, durante a procissão, representa a disputa por um posicionamento privilegiado no itinerário, com maior nível de sacralidade.

É importante lembrarmos que, no período estudado, a charola do Senhor dos Passos era carregada exclusivamente pela elite açucareira sergipana, com ênfase para o Barão da Estância, o comendador Domingos Coelho e Mello, Sebastião Gaspar d'Almeida Botto, o presidente da província e outros abastados do Vaza Barris. O grande público, composto pelos segmentos populares, tinha que disputar aos empurrões ou rogar a um dos abastados para poder ter o direito de carregar sobre os ombros a imponente charola do Senhor dos Passos.

Já o suposto milagre da muda, também possui um indício que não deve ser negligenciado. É o fato dele ter ocorrido na Procissão do Depósito, no principal momento de penitência da solenidade. Isso pressupõe a manifestação do sagrado propensa a ocorrer nos momentos de maior penitência, de maior intimidade devoto/imagem. O milagre pode ser interpretado como o retorno ao tempo

mágico, mítico, sagrado, pois assim como na Jerusalém dos tempos bíblicos, uma jovem anônima muda passa a falar desembaraçadamente somente por ter presenciado a passagem do Cristo. No caso da solenidade estudada, a noturna Procissão do Depósito representa os últimos momentos de Cristo em Jerusalém, perseguido pela elite eclesiástica judaica e pelos soldados romanos. Como dizem os moradores de São Cristóvão “é Jesus escondido na Quaresma para não ser morto”. Desse modo, na cidade ocorre uma retomada ao tempo mítico.

Um elemento constitutivo para o aumento devocional ao Senhor dos Passos é o sino da Ordem Terceira do Carmo, que dá ritmo às procissões da solenidade. Os registros sobre a Procissão dos Passos no período estudado são unânimes em enaltecer o dobrar dos sinos de todas as igrejas sancritovenses. É importante lembrar que no universo religioso, os sinos cumprem relevante função sacralizadora, pro meio da sonoridade. O sagrado manifesta-se e também se propaga por meio dos ruídos, desenvolvendo o sentimento de pertencimento.

A identidade do romeiro do Senhor dos Passos estava consideravelmente atrelada ao dobrar do sino do Carmo Pequeno. Tanto a Procissão do Depósito, quanto a do Encontro seguiam (e ainda seguem) o ritmo da tarantana do sino da Ordem Terceira do Carmo. Documentos de diferentes naturezas como obras escritas, oralidade e a tradição mantida na solenidade dos nossos dias evidenciam a relevância simbólica do referido sino. O dobrar do enorme sino era o sinal de que o cortejo estava em curso pelas estreitas ruas da Velha Capital. Ele era dobrado durante todo o percurso das procissões, parando somente por sete vezes para o canto dos Passos. A sonoridade dos sinos remetia para o jogo mnemônico da procissão, como pode ser observado no poema de Maurício Alves nos idos de 1921:

Sinos chorosos que dobraes cadentes,
Sinos tristonhos de morrer do dia
Levae meus ais em vossos ais dolentes
Numa serena prece de harmonia;

Deixai-os ir, como se vão, trementes,
Rolando as fontes da pradaria...
Levae-me os prantos e paixões ardentes
Todo o pezar e toda a nostalgia!

Levae-me as dores sem iguaes, sem nomes
Toda a lembrança desse amor desfeito!
Toda a saudade que o meu amor consome!

Lembrae o tempo em que eu feliz vivia
Às vossas vozes e à alegria affeito,
— Sinos plangentes ao morrer do dia!
(ALVES, 1921).

No universo imaginativo do devoto, o sino da Ordem Terceira do Carmo apresenta função preponderante na solenidade do Senhor dos Passos. A identidade das procissões, principalmente a do depósito, está fortemente associada ao dobrar fúnebre do grande sino. Essa hipótese pode ser confirmada se observarmos alguns elementos presentes em uma das lendas sobre a procissão. Segundo Maria Paiva Monteiro (Marinete):

Teve um ano que resolveram mudar a data da procissão, deixando-a de realizar no segundo final de semana da Quaresma para deixá-la mais próxima da Semana Santa, Com isso, no

horário tradicional da saída da procissão, o sino dobrou sozinho, tocou por si (MONTEIRO, 2003).

A narrativa de dona Marinete não é o único testemunho sobre o estranho episódio. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, no início do século XX, em seu estudo sobre São Cristóvão também o menciona em uma discreta nota de rodapé, afirmando: “conta-se ainda que em certo anno deixaram de celebrar a festa de Passos. Então no sabbado a noite todos os sinos dobraram movidos por mãos invisíveis ou do outro mundo (TELLES, 1907, p. 03).

Mais uma vez o imaginário sobre a solenidade revela os aspectos constitutivos do aumento devocional ao Senhor dos Passos. A data da celebração que ainda hoje não tem uma justificativa plausível,⁴ foi legitimada pelo universo lendário católico. O fato do sino ter dobrado supostamente sozinho ou por mãos invisíveis representa o nível de sacralização da solenidade e dos elementos atrelados a mesma. O dobrar voluntário do sino simboliza a insatisfação do sagrado (provavelmente o Senhor dos Passos) com a mudança da data. O sagrado manifesta-se por vontade própria, ou seja, mais uma vez ocorre a antropomorfização da imagem.

Os indícios aparentemente irrelevantes como o dobrar do sino por vontade própria revelam aspectos surpreendentes do universo religioso. Para o romeiro do Senhor dos Passos a sacralidade não fica restrita ao espaço. Ela estende-se ao tempo. Com isso, o segundo

4 Quanto ao período em que era realizada a solenidade do Senhor dos Passos, não encontramos dados seguros que confirmassem a mesma. Sabemos que os ofícios eram e ainda são iniciados na sexta-feira da setuagésima e que as procissões ocorriam nos sábados e domingos da quadragésima. Essas datas possuem uma grande relevância simbólica no calendário litúrgico, tornando-se forte indício de ter sido um dos motivos que fez com que as respectivas datas fossem escolhidas. A data é a última lua cheia antes da Semana Santa.

final de semana da Quaresma representava o rompimento com o tempo comum e ordinário. Era a entrada no tempo cósmico e sacralizado. Esse tempo tornava-se diferenciado, manifestando a ação do sagrado. No caso da solenidade de Passos, segundo a tradição popular, o elemento diferenciador da “Semana de Passos” é a chuva, ícone das supostas bênçãos do Cristo sofredor.

Assim, no imaginário do romeiro, o episódio em que o sino teria dobrado sozinho simboliza a reivindicação do sagrado em permanecer com a cerimônia na data costumeira. Ao tentar mudar a data da solenidade, o sino dobra, representando a insatisfação dos romeiros e do próprio Senhor dos Passos.

Todavia, o aumento devocional ao Senhor dos Passos nem sempre estava associado a elementos simbólicos. Ele também ocorreu por meio da prédica do Vigário Barroso. Na segunda metade do século XIX os sermões do laranjeirense eram mais um dos atrativos da solenidade. Segundo Serafim Santiago, no segundo domingo da Quaresma:

Se dar a triste scena do encontro doloroso, momento que faz lembrar a palavra do saudoso laranjeirense — vigário Jozé Gonçalves Barroso, que surgia no púlpito e lançava um olhar perscrutador sobre o enorme auditório que enchia a grande Praça do Palácio e principiava a fallar, prendendo a atenção do immenso e já citado auditório (SANTIAGO, 1920, p. 19v).

A declaração de Santiago demonstra os referidos sermões como uma atração à parte de toda a celebração. O grande público, além de aproximar-se do Senhor dos Passos queria ouvir as dolorosas palavras do pároco de São Cristóvão. No aspecto teatral da solenidade, o sermão do Encontro cumpria a função de narrar os últimos passos de Cristo a caminho do Calvário, demonstrando inclusive certa rit-

mização, principalmente na ocasião do encontro. Ao mesmo tempo em que o vigário pronunciava sua pregação, fazia sinais imperceptíveis para a maioria do público presente, autorizando a condução da charola da Virgem da Soledade para a Praça São Francisco.

Outros momentos da explanação de Serafim Santiago demonstram a relevância da prédica religiosa do Vigário Barroso, chegando a reproduzir trechos dos sermões. A eloquência das palavras do vigário emocionava os devotos presentes no encontro das procissões, fazendo muitas das mães chorarem. As palavras de Barroso tornavam-se mais perspicazes na ocasião do Encontro, quando clamava:

‘O voz todos, que passaes por aqui, attendei, e considerae, se há dor igual a minha dor e afflicção.’ Ao pronunciar elle estas afflitas e angustiosas palavras arrancava lágrimas da maior parte dos ouvintes. Em acto contínuo dizia elle em latim: ‘O vos ommes, qui transites per viam, attendite, et videte, se est dolor sicut dolor meus.’ Era nesse momento que subia em uma cadeira afim de ser vista por todos, a Senhora Mulher-pia, que ouvindo feri o tom do vilino do Maestro — Firmignano Nunes dos Santos Fortes, cantava ella admiravelmente o versículoa cima citado, abrindo e fechando, lentamente, durante o cântico, o lenço de linho com a effigie do ensanguentado Nazareno. Findo este tocante cântico, o vigário terminava então o Sermão, fazendo a dolorosa despedida da Virgem de Sião àquelle Filho unigênito em suas afflições e cruéis supplicios, offerencendo-se para acompanhá-lo até o Monte Calvário, pedindo finalmente: Misericórdia meu Deus, misericórdia me Pai, misericórdia me Senhor (SANTIAGO, 1920, p. 26-26v).

O enunciado acima reflete de forma contundente a sensibilidade emotiva do encontro. Ocorria uma simbiose de elementos, mesclando súplicas angustiosas, cânticos dolorosos e lágrimas. Esse conjunto de aspectos fazia o devoto transmigrar-se para os tempos bíblicos da Paixão, ou seja, penetrar no universo sagrado. No entanto, a parte do sermão do orador sacro que mais atraía os devotos provavelmente não era somente a reflexão sobre os martírios de Cristo, mas principalmente, a analogia desses sofrimentos aos da população. A ênfase da prédica recaía sobre a similitude entre as dores da Virgem Maria e os sofrimento das mães. Isso pode ser constatado em falas transcritas por Santiago dos romeiros em retorno, que comentavam: “Voceis prestaram bem atenção ao modo por que elle fez o encontro? Eu vi corrente de lágrimas descerem dos olhos de muitas Mães de família” (SANTIAGO, 1920, p. 27v).

Maria, no ato solene dos Passos é o elemento que se aproxima ainda mais dos devotos. Trata-se da mulher que chora as dores do filho e também da humanidade. Mas as lágrimas na procissão dos Passos denotam ser uma representação feminina. Além de aparecer na face da imagem mariana, no sermão o destaque também é para as mulheres, as romeiras descalças e sofridas que buscam exasperadamente o consolo divino. A imprensa sergipana reforçou essa representação:

Seu eloqüente sermão, em voz muito clara e vibrante de fé, foi tão elevado e tão digno do assumpto, que vimos muitos olhos marejados de lágrimas, quando o distincto orador se referiu as amarguras do coração materno suppliciado pelas torturas do grande Martyr, principalmente no trecho magistral em que o illustrado orador invocou os sentimentos affectivos das mães presentes naquelle acto, verdadeiramente tocante (DIÁRIO DA MANHÃ, 1919).

Ter sobre os ombros o andor do Senhor dos Passos nas ocasiões dos cortejos processionais é uma regalia disputadíssima. Apertos, empurrões, cheiro de cabelos queimados faziam parte do universo processional dos Passos. Alguns romeiros participavam da procissão há muitos anos, cumprindo fielmente a penitência. Eram pessoas simples, vindas de diferentes pontos de Sergipe e Bahia, para cumprir a dolorosa obrigação.

Carregar a charola do Cristo martirizado possuía uma relevante carga simbólica. O varão sobre os ombros dos romeiros simbolizava o madeiro carregado por Cristo. É como se fosse uma tentativa de amenizar o sofrimento do Salvador. Nesse sentido, os devotos-transportadores estariam cumprindo uma função relevante dentro da teatralidade barroca dos Passos, pois estariam representando ou repetindo o ato do cirineu. Trata-se, portanto, do homem sofrido do interior sergipano ajudando a transportar o Senhor dos Passos, silencioso, sem reclamar das pisadas sobre os pés descalços e calejados, dos empurrões, do aperto ou mesmo do mau-cheiro provocado pelos cabelos queimados.

Neste caso, o sofrimento do Senhor dos Passos é compartilhado com o público/devoto. O sofrimento no trajeto processional aproxima o devoto do sagrado, por conseguinte das bênçãos almejadas. Mas a conhecida solenidade de Passos possuía outras dores. São múltiplos passos, propiciadores de múltiplas leituras. Não esquecendo que a romaria refletia as faces ocultas da sociedade, podemos compreender o elevado número de devotos do Senhor dos Passos também pela simbologia do evento. Isso porque as dores na celebração não são exclusivas do Senhor dos Passos. As dores representam o cotidiano sofrido do romeiro, caracterizado pela pobreza, abandono e esquecimento. A maior parte dos romeiros sofria os martírios da exclusão social. É assim que ocorria a simbiose entre a imagem e o devoto. A dor aproxima o romeiro do Cristo sofredor.

Esse devoto excluído socialmente buscava compensar seu abandono na participação ativa na solenidade de Passos. Eram anônimos atuantes, que se tornavam membros ativos da procissão, segurando ganchos, empurrando os cavaletes, vigiando as flores do andor, velando o Senhor. Ao transportar a charola do Senhor dos Passos, o romeiro carregava sua própria dor. O peso do madeiro somava-se ao peso dos inúmeros romeiros pendurados na charola, revivendo diferentes dramas sociais.

Assim emergia a identidade devoto/imagem. Todos sacrificavam, destituíam suas forças no transporte da cruz. O romeiro transportador é metaforicamente transformado no personagem Simão, responsável pelo auxílio ao divino. Todavia, a identidade não fica restrita à relação devoto/imagem. O transporte da charola do Senhor dos Passos é um dos momentos definidores da identidade sancristovense. Ser sancristovense era também poder carregar sobre os ombros a charola dos Passos, não importando a procedência.

Os carregadores do andor constituíam então um grupo seletivo, na imensa multidão de devotos. Eles participavam de uma experiência íntima com o sagrado. Podemos dizer que se trata do *Homo Christophorus*, ou seja, o romeiro que todos os anos põe sobre os ombros um dos varões da charola do Senhor dos Passos para a transladação pelas ruas da velha capital. Etimologicamente, Cristóvão significa “aquele que carrega Cristo”. O *Homo Christophorus* é isso, sentir-se cristovense carregando o pesado andor, com o peso da humanidade (em decorrência dos romeiros agarrados nas bordas). Essa é uma forma de enfatizar aspectos relevantes da procissão. São as faces ocultas dos Passos.

Com o desenrolar da procissão a cidade de São Cristóvão era anunciada, apresentada aos visitantes. Casarões e igrejas centenárias emergem no cenário criando uma atmosfera diferenciada. Nas saca-

das dos velhos palacetes, a elite política sergipana acenava em busca de legitimação. Mas o guia que apresenta a cidade era a imagem do Senhor dos Passos. No alto de sua charola, no balanço das intensas disputas entre os promesseiros, a imagem deslocava-se rapidamente pelas ruas estreitas clamando pelo olhar curioso e devoto de visitantes e moradores. O patrimônio arquitetônico da velha capital se tornava cenografia do patrimônio imaterial católico dos sergipanos, da solenidade dos Passos.

São Cristóvão era a cidade que todos os anos, no segundo final de semana da quaresma, carregava sobre os ombros de seus moradores e agregados o Senhor dos Passos por suas ruas estreitas e tortuosas, simbolizando a Jerusalém dos tempos bíblicos. Partindo dessas considerações, podemos ver a solenidade do Senhor dos Passos em São Cristóvão como uma festa triste, por refletir os dramas da sociedade que dela participa. É uma celebração da dor, dor de um povo pobre, anônimo, excluído, silenciado. Dores sintetizadas na imagem do Senhor dos Passos.

Podemos dizer que a identidade do sofrimento entre o romeiro e o Cristo também pode ser observado como mais um indício do aumento devocional ao Senhor dos Passos. Esse aspecto é consideravelmente comum na religiosidade brasileira, no qual as devoções do Cristo sofredor possuem maior relevância. São exemplos disso os santuários paulistas de Bom Jesus de Pirapora, Perdões do Bom Jesus, Tremembé e Iguape (FERNANDES, 1982, p. 10).

São Cristóvão se insere nesse ciclo do Bom Jesus. Em suma, podemos dizer que na solenidade de Nosso Senhor dos Passos, o aumento devocional foi decorrente de uma série de episódios, de peculiaridades que acabaram tornando a referida imagem qualitativamente diferente das demais, com maior nível de sacralidade. Assim, não temos como apontar um elemento preponderante,

pois foi o conjunto de tais elementos que contribuiu para a legitimação da solenidade.

3 A sacralização do espaço

São Cristóvão é uma cidade-santuário. Desde o século XIX a cidade recebe romeiros de diferentes segmentos sociais para as suas celebrações religiosas. No calendário litúrgico sancristovense destacavam-se as festas de Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora do Amparo, Santo Antônio do Carmo, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Boa Morte e as procissões quaresmais, estas atraíam o maior número de devotos. Era nessa ocasião que a cidade transformava-se, tinha sua rotina alterada, rompida com a entrada no tempo sagrado. Sobre o tempo festivo Mircea Eliade esclarece:

A reatualização periódica dos atos criadores efetuados pelos seres divinos *in illo tempore*, constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa desenvolve-se no tempo original. É justamente a reinteração deste tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa do de antes e do depois. Porque, em muitos casos, efetuam-se durante a festa os mesmos atos dos intervalos não festivos. Mas o homem religioso crê que vive então num outro tempo, que conseguiu reencontrar o *illud tempus* mítico (ELIADE, 2001, p. 74).

Mesmo se tratando de uma procissão de cunho penitencial, a solenidade do Senhor dos Passos constituía um tempo festivo, por representar a comemoração de um acontecimento mítico, no caso, a Paixão de Cristo. Com isso, no segundo final de semana da Quaresma, os inúmer-

ros romeiros espalhados pelas estreitas ruas sancristovenses não viviam exclusivamente o tempo histórico atual, que era presente (o tempo vivido nas proximidades), mas sim “o tempo em que se efetuou a existência histórica de Jesus Cristo, o tempo santificado pela sua pregação, pela sua paixão, pela sua morte e ressurreição (ELIADE, 2001, p. 63). Desse modo, periodicamente os devotos tornavam-se contemporâneos do Senhor dos Passos, do Cristo a caminho do calvário.

No universo sacralizado, o homem religioso sempre buscou estar no centro, no ponto fixo em meio à realidade envolvente. Em São Cristóvão, esse lugar era a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, foco principal da solenidade de Passos. Desde o período em que a imagem foi encontrada e levada para o nicho lateral da ordem, a igreja passou a receber devotos de diferentes localidades em busca de bênçãos. Devemos lembrar que, por ser um templo religioso, o espaço já foi edificado como lugar sacralizado.



Figura 6: Igreja da Ordem Terceira do Carmo. 1950. Acervo Erundino Prado Júnior.

No entanto, o fato da imagem do Senhor dos Passos, encontrada nas margens do rio Paramopama ter sido levada para um dos

seus altares laterais fez com que ela se tornasse qualitativamente diferente das demais. Dessa forma, a igreja foi constituindo-se em espaço privilegiado, no qual dois mundos diferentes se comunicavam, onde se podia efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 2001).

No conjunto arquitetônico do Carmo, o santuário não se limitava à igreja dos terceiros. Ele extrapolava os limites, incorporando o claustro da referida ordem. Ao longo dos anos, o claustro da Ordem Terceira do Carmo passou a receber os ex-votos como forma de agradecimento ao Senhor dos Passos. Isso fez com que os dois pavimentos do recinto se tornassem uma espécie de “sala das promessas”, típicas dos grande santuários nacionais. No plano simbólico, o claustro detém uma importância fundamental na constituição do santuário, por representar o abertura para o cosmo, o elo de intermediação entre as realidades profana e sagrada. Esse elo é representado pela abertura para o céu, propiciador da comunicação entre as duas realidades distintas, ou seja, representa a união entre o céu e a terra. O claustro é o símbolo da intimidade com o divino.

O depósito de ex-votos no claustro revela, a partir de diferentes linguagens, a relação de intimidade entre o devoto e o sagrado. A disposição de peças ao longo do claustro o tornava espaço privilegiado, marco da convergência entre os mundos profano e sagrado. Assim, “o templo é lugar santo por excelência e a imagem do mundo, ele santifica todo o cosmo e santifica igualmente a vida cósmica” (ELIADE, 2001, p. 71). Outra função atribuída aos ex-votos é testemunhar a eficácia da sacralidade. Cada peça exposta no santuário representa um pedido do devoto atendido. Nesse sentido, como tão bem asseverou a museóloga Verônica Nunes (2003), os ex-votos podem ser vistos também como as “imagens-testemunhos” dos milagres do Senhor dos Passos, ou seja, reforçam a legitimidade devocional.

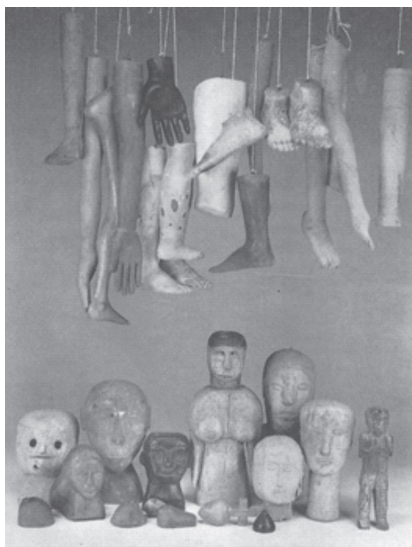


Figura 7: Acervo do Museu do Exvoto de Sergipe. 1989.

Tanto o claustro, como a igreja dos irmãos terceiros compunham um santuário⁵ perene, permanente. Entretanto, todos os anos, durante a solenidade de Passos, a cidade de São Cristóvão assistia a uma transformação de seu universo sacro. Com as procissões do depósito e do encontro configurava-se um território flexível,⁶ temporário, com os cortejos processionais. Essa ocasião representava a quebra da rotina cotidiana, a entrada em uma nova temporalidade. Ao passar pelas prin-

5 A Igreja da Ordem Terceira do Carmo, juntamente com seu claustro e a igreja conventual (de onde saía a imagem do Senhor dos Passos na Procissão do Depósito e local do último passo da Procissão do Encontro), constituía um espaço sacralizado permanente. Contudo, com as procissões da solenidade do Senhor dos Passos pelas ruas da cidade instituía um território flexível, fazendo estender temporariamente o espaço sacralizado.

6 Neste estudo território foi visto como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2005, p. 78). “Os territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (SOUZA, 2005, p. 81). Portanto, o território se define a partir das relações de poder.

cipais ruas da Velha Capital, a imagem do Cristo com a cruz às costas abençoava o público e as casas do trajeto processional. Era o momento no qual o sagrado manifestava-se em público. Os moradores dessas ruas preparavam-se, ornamentando as ruas com lanternas. Segundo dona Marinete, na ocasião de sua primeira participação na Procissão de Penitência, em 1919, chamou-lhe a atenção as luzes propagadas nas trevas.

Eu acho que tinha uns seis anos de idade. Era já quase como agora. Agora não tinha eletricidade. Então todo mundo colocava lanternas. Lá em casa já tinha lanternas prontinhas. Quando se chegava perto, ia-se forrar de papel, para colocar a velinha dentro e as colocava... entre uma porta outra e nas janelas. Havia espaço e colocava-se assim uma lanterna. Todo mundo tinha uma lanterninha para colocar nas ruas do percurso onde Ele passava a noite. De dia não (MONTEIRO, 2003).

A narrativa é perspicaz. Dona Marinete diz que no período estudado o cortejo processional noturno era iluminado por lanternas dispostas nas residências do trajeto. Devemos lembrar o fato de os devotos acompanharem a penitencial procissão velada com círios às mãos. Assim, as estreitas ruas de São Cristóvão, cotidianamente marcadas pelo escuro, eram iluminadas pela lua cheia, velas de promesseiros e lanternas nas fachadas das residências.

O Senhor dos Passos ocultado pelo encerro, tinha seu caminho iluminado, rompendo com as trevas das perseguições. Nesse interim, era estabelecido um território flexível, no qual a charola do Senhor dos Passos coberta de roxo criava um ar de mistério. A sacralidade da cerimônia tornava-se completa à medida que os romeiros cumpriam suas desobrigas. Como já foi discutido, o sangue dos romei-

ros era espalhado pelas ruas não pavimentadas da cidade. O trajeto da procissão velada era relativamente curto, passando pela Praça do Carmo, Rua da Imperatriz e Praça da Matriz. Observe o itinerário da Procissão do Depósito a partir da narrativa de Santiago.

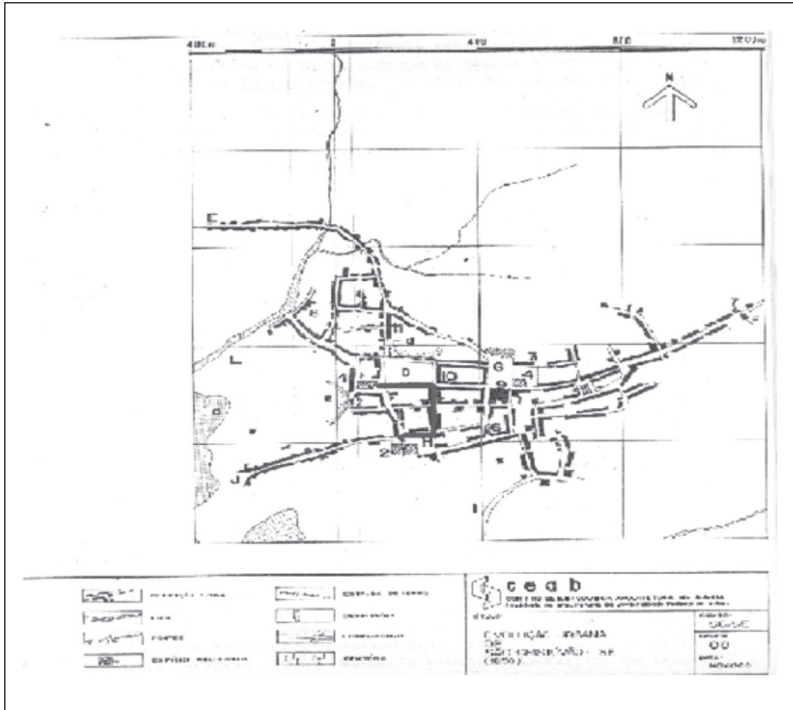


Figura 8: Itinerário da Procissão do Depósito. Fonte: Plano urbanístico de São Cristóvão. Detalhe realizado pelo autor a partir da descrição de Serafim Santiago.

Na fotografia podemos observar a proximidade entre a igreja do Carmo (local de saída da procissão) e a igreja Matriz (local de chegada). Além disso, a fotografia da década de 40 do século XX demonstra grande parte do percurso por onde passava a procissão, com ênfase para a falta de pavimentação e a predominância de velhos casarões.

Figura 9: Itinerário da procissão do Depósito entre a Igreja do Carmo e a Matriz. Década de 40 do século XX. *Acervo: Erundino Prado Júnior.*



Outro aspecto que compunha o território flexível dos Passos era o cheiro da procissão. Durante a trasladação do Senhor dos Passos, era transportado um turíbulo espalhando o cheiro de incenso pelas ruas, como atesta Serafim Santiago:

Sahia então a procissão da seguinte forma: na frente, um irmão terceiro levava a cruz processional; em seguida, o Justiniano colocava os homens e os meninos e mandava abrir as alas, seguindo-se da mesma forma os irmãos do Carmo. Junto a charola, o frade carmelita, o Franciscano e o sacristão levando o thuríbulo de onde subia a fumaça do aromático incenso de benjoim perfumando as ruas por onde passava (SANTIAGO, 1920, p. 21v-22).

Como podemos perceber, no sábado santo de Passos era instituído nas ruas da cidade um território flexível, a partir de elementos como as velas, os romeiros, a charola velada, as lanternas, o cheiro dos cabelos queimados e do incenso. O trajeto da procissão sacralizava-se. O mesmo ocorria no dia seguinte com a Procissão do Encontro, na qual o andor do Senhor dos Passos passava pela Praça da Matriz, Rua e Praça São Francisco, Rua da Cadeia, voltava a Praça

da Matriz e retornava pelas ruas Direita do Carmo, do Varadouro, do Sol, das Flores e, finalmente, a Praça do Carmo.



Figura 10: itinerários das procissões do Senhor dos Passos e da Virgem da Soledade a partir da descrição de Santiago. Fonte: Plano Urbanístico de São Cristóvão. Detalhes marcados pelo autor.




Figura 11: Itinerário da Procissão do Encontro na década de 70 do século XX. Acervo Erundino Prado.


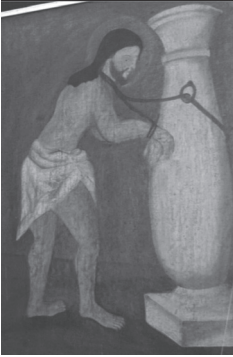

Ao mesmo tempo em que a imagem do Senhor dos Passos era deslocada da Matriz, saía da Igreja do Carmo Pequeno a procissão de Nossa Senhora da Soledade, que seguia pelas ruas da Imperatriz, do Varadouro e pelo Beco do Palácio Provincial para a realização do encontro doloroso.




Nas primeiras horas de domingo de Passos, os armadores iniciavam a montagem dos sete passos para a procissão da tarde. É muito provável que os passos fossem representados por pinturas pertencentes às alfaias da Ordem Terceira do Carmo e hoje integram o acervo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão, com as seguintes cenas: Jesus no Horto, a Prisão, Jesus atado à coluna, Senhor da Pedra Fria (coroado de espinhos), Cana Verde (Ecce Homo), Cruz às costas (Senhor dos Passos) e crucificado (Morto). Nenhum documento registra essa informação, mas podemos confirmar essa hipótese ao analisar os indícios implícitos no texto memorialístico de Serafim Santiago. Observe os Sete Passos da Paixão no Quadro I:

QUADRO 1 - Os Sete Passos da Paixão

Nº	Passo	Quadro	Canto em Latim	Tradução
1º	Horto		Et recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat: Guis pruisquem galles cantet, terme magébis. Et egressius, flevit amare	E Pedro se lembrou da palavra que Ele lhe dissera: antes que o galo cante, negar-me-ás três vezes. Saindo, chorou Pedro amargamente

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

2º	Prisão		<p>Maria, ergo accépit libram unguénti nardi pistici pretiósí, et inxít pedes Jesu, et extersit pedes ejus capellis suis et domus impleta est exodore unguenti</p>	<p>Maria tendo tomado uma libra de bálsamo de nardo puro e verdadeiro, ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos</p>
3º	Jesus Atado à coluna		<p>Cum audisset populus quia Jesus venit Jerosolymam, et exierunt ei obviam, et chama bant pueri discentis: Hic est, qui venturus est in salutem popul. Hic est, Salus mostra, et redemptio Israel</p>	<p>O povo tendo sabido que Jesus vinha a Jerusalém, tomaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro e os mesmos diziam em alta voz, clamando: Eis aqui o que deve vir para salvar o teu povo.</p>
4º	Pedra Fria (coroação de espinhos)		<p>O voz omnes qui transites per viam, attendite, et videte, se est dolor sicut dolor meus</p>	<p>Oh, vós todos que passais pelo caminho, atendei e vede se há dor igual a minha dor.</p>

5º	Ecce Homo ou Cana Verde		Miserere mei Deus, secundum magmam miseridordiam tuan	Tende piedade de mim, meu Deus, segundo vossa grande misericórdia
6º	Jesus com a cruz às costas		Amplius lavame ab inquitáte mea et à peccabo meo munda me	Lavai-me de mais a mais do meu pecado e purificai-me de minhas ofensas
7º	Jesus Crucificado		Tibi soli peccavi, et malum coram te feci: ut justificéris in sermonibus tuis, et vincas cum judicáris	Eu pequei só contra vós e os meus crimes foram cometidos em vossa presença. Perdoai-me a fim de que vós sejais reconhecido fiel em vossas promessas e irrepreensível em vossos juízos.

Figuras 12 a 17 - Os Sete Passos da Paixão. Fontes: Pinturas do acervo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão. Cantos e tradução extraídos do Anuário Cristovense de Serafim Santiago.

O longo itinerário da Procissão do Encontro construía um território flexível. Para Paul Claval, “a sacralização geral, mas passageira, do espaço ocorre por ocasião das festas que restabelecem o tempo original da comunhão dos homens e dos deuses” (CLAVAL, 2001, p. 144). A solenidade de Passos representava o contato do devoto com a imagem. Nela podemos encontrar a manifestação identitária entre devoto e sagrado, pois do mesmo modo que Cristo teria atingido a humanidade plena por meio dos martírios a caminho do calvário, os devotos aproximavam-se do sagrado por meio de sacrifícios penitenciais. A dor unia o homem à divindade.

Na Procissão do Encontro podemos distinguir uma série de aspectos que reforçam a sacralidade. Ao sair pelas ruas sancristovenses, a imagem do Senhor dos Passos era cercada por aparatos que transformavam o cenário processional, transferindo o devoto para o tempo mítico da Paixão. Subsídios como a teatralidade barroca, o incenso, o dobrar dos sinos de todas as igrejas, as crianças vestidas de anjos, os cenários portáteis com os passos da Paixão nas armações, o público cumprindo penitências, criava uma nova realidade, um território próprio do evento. Tratava-se do território flexível dos Passos, temporário, uma extensão do santuário dos Passos.

Os registros fotográficos demonstram flagrantes de atitudes de devotos diante da passagem do sagrado nas procissões. Esse é o caso da Procissão do Enterro ou do Senhor Morto, registrada na década de 40 do século XX. Mesmo não constituindo nosso objeto, nem abordar o período desse estudo, a denúncia registrada na referida procissão é pertinente, por demonstrar as permanências, a continuidade da tradição. A fotografia documenta a procissão realizada na Sexta-feira Santa e nela podemos perceber a participação majoritária da população de cor. No entanto, o fato mais instigante da fonte histórica é a presença de um homem ajoelhado

diante da passagem do cortejo procissional. Esse fato aparentemente irrelevante, ordinário, revela muito sobre a criação da territorialidade flexível, pois demonstra a procissão como o deslocamento sagrado pelas ruas da cidade. Por esse motivo o período das festas religiosas pode ser visto como a retomada do tempo mítico, sagrado, extraordinário, cósmico. Isto está presente no registro fotográfico:



Figura 19: Procissão do Enterro na Praça do Carmo. Década de 40 do século XX. Acervo Erundino Prado Júnior.


No caso da solenidade de Passos, objeto de análise desse livro, atitudes semelhantes ocorriam, como já foi explicitado através do depoimento de Serafim Santiago ao referir-se sobre a saída da imagem da igreja Matriz na tarde de domingo. Com isso, a partir de tais constatações, podemos dizer que a solenidade construía um território próprio, rompendo com a rotina ordinária da cidade. Em outras palavras, São Cristóvão tinha suas ruas assimiladas ao santuário do Senhor dos Passos.



IV

**RUÍDOS DO TEMPO:
ETNOGRAFIA HISTÓRICA
DA PROCISSÃO DO SENHOR
DOS PASSOS**





*Sec'los e sec'los foram-se; no entanto
Inda o teu Dogma, como um livro aberto
As gerações guiando no deserto
Da vida, o nome fez-te puro e santo*

*Oh! Loiro Nazareno! Tudo quanto
Traz de pezar e luto hoje coberto
O coração da humanidade, certo*

*Desse madeiro estúpido e pesado
Onde as turbas antigas te pregaram
Como se fosses, Christo, um salerado*

*Lança o gremem da fé aos que ficaram
Manchados dessa origem do pecado
Que o seribas do mundo não tiraram*

(COSTA E SILVA. Christo. In: ROMERO, Sílvio.
Parnaso Sergipano. Aracaju: Tipografia O Estado de Sergipe.

A solenidade de Nosso Senhor dos Passos na cidade de São Cris-tóvão pode ser percebida de diferentes formas. Devido à grande contingência de devotos de procedências e segmentos sociais distintos, a romaria dos Passos apresenta um vasto leque propiciador de reflexões. Um dos percursos pelos quais o pesquisador pode enveredar é o dos elementos registrados a partir da sensibilidade perceptiva das testemunhas oculares da celebração.

Os ruídos do tempo são permanências, continuidades, sinais deixados por outras gerações, muitas das vezes imperceptíveis para os olhares e ouvidos desatentos. Os indícios da devoção ao Senhor dos Passos não estão documentados exclusivamente nos registros escritos, pois também podem ser detectados por meio da análise minuciosa de imagens, do espaço, da arquitetura ou mesmo nas entrelinhas dos textos escritos e das oralidades.

Ao observar a imagem do Senhor dos Passos de forma mais atenta, pode ser percebido que ela traz os sinais das romarias realizadas ao longo dos anos. A descoberta da imagem como testemunho da devoção ocorreu graças à observação das celebrações nos últimos anos, pois tornou-se possível constatar que os romeiros ao chegar à Igreja do Carmo, cumpriam um trajeto comum, passando sob as charolas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, para enfim tocar demoradamente nas mãos da imagem de Passos.

Trata-se da ocasião em que o devoto dialogava aos pés da charola, rendendo-lhe agradecimentos e renovando os seus pedidos por

graças. O toque contrito nas mãos da imagem representava a busca do devoto por bênçãos, a renovação do homem religioso, a intimidade romeiro/santo. A observação participante do evento atual serviu para nos instigar, fazendo-nos procurar analisar de forma mais detalhada o cenário montado na charola do Senhor dos Passos.¹



Figura 20: cartão-postal da solenidade de Passos. Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Soledade, 1978. *Acervo Josefa de Jesus Santos.*

A repetição da tradição, renovada a cada ano no santuário, não passou imune: deixou suas marcas impregnadas nas imagens devocionais, registrou a passagem dos promesseiros ao longo do tempo. Um desses sinais é a mão enegrecida do Senhor dos Passos, causada, provavelmente, pelos toques contínuos dos romeiros. O enegrecimento da mão da imagem reflete o elevado número de devotos que

¹ Na charola do senhor dos Passos estavam representados os sete passos da Paixão, na ornamentação prateada. A prata foi uma aquisição do governo provincial de Sergipe em 1848.

todos os anos buscavam se aproximar do Senhor dos Passos. São elementos de uma religiosidade barroca, de um catolicismo rústico, na qual a devoção era tecida sob o campo da intimidade entre o devoto e o campo sagrado (SOUZA, 2009).

A mão enegrecida da imagem reflete o elevado número de devotos que todos os anos buscavam aproximar-se do Senhor dos Passos. Podemos observar a mão da posição inferior atualmente muito mais escura do que a superior. A partir da reflexão da diferença de tonalidades das mãos da imagem, podemos inferir a proporção devocional direcionada ao Senhor dos Passos. Contudo, as diferenças de tonalidades não constituem os únicos indícios a respeito da solenidade de Passos no período estudado. Existem outras vozes que rompem o silêncio do tempo. Um costume permeou a trajetória devocional da imagem na cidade e permanece nos dias atuais, o depósito devocional de ramos de manjerição sobre a charola nas semanas posteriores a procissão.

Essa prática devocional é reveladora, haja vista a representatividade dos referidos ramos. As flores do manjerição são conhecidas em alguns estados do Brasil como São Paulo por “flores do Senhor dos Passos”, provavelmente em decorrência de sua cor arroxeada. O propósito principal dessa prática religiosa era benzer os referidos ramos para usá-los em situações de emergência, isto é, consistia em um mecanismo de prorrogar a proximidade com a realidade sacra.

Todavia, um dos principais aspectos da solenidade de Passos é a sonoridade. Dos primeiros instantes ao final da romaria, os ruídos são transformados em elementos de sacralidade, de demarcação do tempo diferenciado, do momento extraordinário (ELIADE, 2001). A sonoridade apresenta-se na romaria por meio dos cânticos dos passos em latim (*recordatus*), das tarantanas dos sinos, dos lamentos dos indigentes e até mesmo do silêncio, que permeia mui-

tos discursos de memorialistas. No estudo das manifestações religiosas de outrora, a sonoridade pode ser compreendida como um instrumento mediador entre passado e presente. Ao se propagarem pelo espaço, os elementos sonoros tornam-se inacessíveis. Contudo, os ecos da sonoridade permanecem ao serem registrados nas falas das testemunhas. Por ser um mecanismo de percepção da realidade pouco habitual dentro das Ciências Humanas, na maioria das vezes, tais registros passam despercebidos nas leituras dos pesquisadores. Os sussurros do passado parecem ainda não ter conquistado os ouvidos dos historiadores.

Na solenidade de Passos, um dos principais aspectos caracterizadores era a sonoridade. Os ruídos da celebração estão consignados em documentos de diferentes origens, como notas de jornais, obras memorialísticas, sinos e fotografias. São múltiplos depoimentos que registraram flagrantes nos quais predominavam o mais absoluto silêncio. A partir destas vozes do passado, torna-se possível reconstituir o universo etnográfico da solenidade de Passos.

A solenidade de Passos atraía devotos de diferentes pontos de Sergipe. A afluência de romeiros percorrendo as estradas de São Cristóvão chamava a atenção de cronistas e da imprensa. O trajeto era marcado pela penitência e pela descontração. Através de registros noticiados na imprensa sergipana na década de 1910, podemos perceber flagrantes do cotidiano dos romeiros nos caminhos da penitência de Passos, como demonstra a seguinte nota:

Como todos os anos celebrar-se-ão na tradicional cidade de S. Christovam os officios da Festa de Passos. A afluência à antiga metrópole sergipana sempre foi e é ainda considerável de pessoas de todos os pontos do Estado, notadamente daqui da Capital.

Outrora a grande romaria era feita a pé em dias seguidos, enchendo-se a velha estrada de povo, preferindo muita gente ir descansando às sombras das árvores, fazendo *lunchs* apetitosas que as saboreavam os goles da boa água do Pitanga. Caminhos saudáveis proporcionavam uma viagem agradável até as portas da velha Jerusalém sergipana povoada de templos catholicos, muitos carcomidos pelo decorrer do tempo. Ainda hoje, apesar de termos caminho de ferro, muita gente prefere ir ‘puxando na bota’ (*Diário da Manhã*, 19 mar. 1916).

A nota jornalística desvenda múltiplos aspectos da longa jornada dos romeiros a caminho do santuário de Passos, a “Jerusalém sergipana”. Revela aspectos sensoriais do trajeto dos romeiros, principalmente ao se referir às paradas para descanso às margens do rio Pitanga. O depoimento expressa dois sentidos pouco explorados pela historiografia como elementos de percepção da realidade observada. O tato e o paladar estão evidenciados na breve notícia, ao abordar sobre a brisa embaixo das árvores e o sabor das refeições e da água potável do Pitanga. Neste sentido, na solenidade de Passos, no período estudado, podemos buscar conhecer os sabores, olhares, falas, toques e ruídos das celebrações religiosas.

Por ser uma celebração de cunho penitencial, a procissão dos Passos no período entre o final do século XIX e o início do século XX estava atrelada ao silêncio e ao dobre fúnebre dos sinos de todas as igrejas da cidade alta. O ápice das práticas penitenciais ocorria no segundo sábado da quaresma, com a procissão do depósito. Durante o dia, os sinos do Carmo e da Ordem Terceira eram tocados, anunciando a referida procissão noturna. No plano simbólico, o dobrar do sino pode ser interpretado como indício da santificação do dia,

da ruptura do tempo ordinário e a entrada no tempo sacralizado. Segundo Serafim de Santiago:

No sabbado, durante o dia a Igreja do Carmo era, como ainda hoje, muito visitada pelos romeiros ali existentes. À uma hora e às três da tarde do sabbado, ouvia dobrarem os sinos da Ordem 3ª e do Carmo, anunciando aos fiéis a Tradicional procissão à noite, denominada do depósito. Ao toque da Ave-Maria eram repetidos os dobre chamando o povo para o acto da concorridíssima procissão que sahia da Igreja do Carmo; esta maior de São Christovão não comportava o extraordinário número de fiéis que espalhavam-se pela praça do Carmo aguardando a sahida da imponete procissão (SANTIAGO, 2009, p.182).

O depoimento de Santiago é elucidativo ao demonstrar o dobrar dos sinos das duas igrejas e o elevado contingente de romeiros. O sábado da semana de Passos na cidade de São Crisóstvão era considerado um dia santificado. O som dos sinos servia para enfatizar a entrada neste tempo mítico. A sacralidade do dia tornava-se evidente tanto por meio da tarantana dos sinos, como pela mudança de comportamento dos moradores, conforme Erundino Prado Júnior, “no dia das festividades alusivas ao Senhor dos Passos, não varria a casa, não podia esbanjar-se” (PRADO JÚNIOR, 2006).

No sábado à noite, ocorria a procissão de transladação da imagem velada do Senhor dos Passos da Igreja do Carmo para a Matriz. A procissão de carácter penitencial seguia o ritmo dos sinos, que começavam a dobrar no momento da saída da charola, como confirma Santiago:

Chegados junto à charola, ajoelhavam-se todos, e o frade Carmelita recebia das mãos do sacristão a naveta e fazia o incenso, em que os músicos cantavam o versículo – ‘Et recordatus est Petrus verbi Domini, sicut dixerat: guia prius quan gallus cantet, tu me mégabis etc.’ Findo este cântico, ouvia-se o dobrar dos sinos da igreja 3ª e os do Carmo (SANTIAGO, 2009, p. 183).

A partir da reflexão desses ruídos, que perpassaram as barreiras impostas pelo tempo, podemos compreender a solenidade do Senhor dos Passos em sua complexidade. A documentação referente à solenidade é vasta e diversificada, propiciando múltiplas leituras. A curta jornada dos romeiros na cidade de São Cristóvão era demarcada pela visão, cheiro, sentir e ruídos. Todos esses elementos estavam presentes nas procissões realizadas no segundo final de semana da quaresma de São Cristóvão. Conforme Santiago, na procissão do depósito ficavam:

Junto à charola, o frade Carmelita, o Franciscano e o Sacristão levando o thuribulo de onde sahia a fumaça do aromático benjuim perfumado as ruas por onde passava... encaminhava a procissão até parar a imagem em frente a primeira casa de esquina da rua da Imperatriz, onde se achavam os músicos para cantar o versículo da 1ª estação. Em toda a praça do Carmo, rua da Imperatriz e praça da Matriz por onde passava a procissão, estavam illuminadas as fachadas das casas sobrados. O silêncio nesta ocasião não me é possível descrever. Ouvia-se dobrar, os sinos do Amparo, o sonoro grande sino do São Francisco e o da Matriz (SANTIAGO, 2009, p. 183).

O testemunho do memorialista desenha um cenário complexo da solenidade a partir dos aspectos sensitivos de percepção da realidade. Cheiro, toque, gosto, visão e ruídos permeiam toda a narrativa. Todos esses elementos contribuem na compreensão do objeto estudado, por serem importantes instrumentos perceptivos. Ao sair pelas ruas da cidade, a procissão do depósito era cercada por uma série de aparatos sacralizadores, dos quais podemos destacar o aroma propagado pelo incenso, a iluminação das fachadas, o silêncio dos devotos e o dobrar dos sinos. Com isso, configurava-se um cenário, um território flexível, no qual os atores sociais apresentavam-se, com ênfase para o Senhor dos Passos (que ostentava a sacralidade), a elite política e religiosa.

Entre os devotos da sagrada imagem, destacava-se a elite açucareira do Vaza-Barris. Muitos dos senhores dessa zona econômica faziam parte da Ordem Terceira do Carmo e tinham o direito exclusivo de transportar a charola do Senhor dos Passos na procissão do depósito. Com isso, no período entre o final do século XIX e o início do século XX, integravam o cortejo processional “o presidente da Província, Barão da Estância, comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, coronel Joze Guilherme da Silveira Telles, coronel Domingos Dias Coelho e Mello, Dr. Silvio Anacleto de Souza Bastos e Dr. Simões de Mello” (SANTIANO, 2009, p. 182). Entre os nobres sergipanos que tinham devoção ao Senhor dos Passos, destacava-se o Barão da Estância. Segundo consta nos registros sobre a procissão, Antônio Dias Coelho e Mello era um dos primeiros a chegar à Igreja do Carmo para a procissão das velas. O dono da Escurial, como prova de devoção e estima ao Senhor dos Passos, doou uma rica túnica e deixou para o mesmo em seu testamento uma apólice de valor considerável e com juros de cinco por cento ao ano.²

² Sobre as apólices deixadas ao Senhor dos Passos, confira o testamento de Antônio Dias Coelho e Mello, Barão da Estância. Testamento. Cartório do 1º Ofício. São Cristóvão, cx. 11, nº 77.



Figura 21: Túnica doada pelo Barão da Estância ao Senhor dos Passos. Século XIX. Foto Ane Mecnas

Os vestígios desta devoção perpassaram o tempo. Na Igreja Matriz de São Cristóvão, ainda hoje podemos encontrar a velha túnica doada pelo barão-devoto. Nela estão evidências das práticas devocionais dos romeiros realizadas ao longo dos anos. O luxo das ornamentações do pomposo manto contrasta com o desgaste imposto pelo tempo e pelos sucessivos toques dos devotos. Neste sentido, a túnica de Passos também pode ser vista como uma fonte histórica de relevância.

No baú da Igreja Matriz encontramos muitas surpresas. Esperávamos ansiosos para ter acesso à vestimenta doada pelo Barão da Estância, no entanto, encontramos uma ampla coleção de vestimentas doadas pelos devotos ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora da Soledade no último século. O elevado número de peças por si só demonstra o poder devocional ao Senhor dos Passos.

O final da procissão do depósito era marcado pela concorrência de fiéis tentando tocar e beijar os pés da imagem. Mesmo estando

velada,³ os romeiros esforçavam-se para ter acesso à charola, com o intuito de “conversar” com o santo. As práticas ex-votivas da procissão e o contato entre devoto e santo na solenidade foram assim descrita por dona Marinete:

É... as promessas era assim: feixe de lenda, agora sempre as velas acesas, sempre todo mundo descalço e a vela acesa. Isso não mudou muito não. Agora era o feixe de elnha, depois do feixe de lenha inventaram a roupa roxa (...). Quando termina a procissão, primeiro o santo entrava, mas era aquele chamego, de todo mundo queria beijar o santo e não dava na igreja. Agora, coloca-se o santo lá na frente da igreja, para todo mundo beijar, se despedir dele, conversar perto (MONTEIRO, 2003).

O relato de dona Marinete é enfático e surpreendente por abordar de forma natural a antropomorfização da imagem dos Passos, através de termos como “conversar” e se “despedir” dele. O toque e o beijo à imagem refletem a intimidade devoto/sagrado. Este era o momento de renovação dos pedidos por graça e, ao mesmo tempo, de gratidão pelas benesses já alcançadas. Em diferentes momentos dos depoimentos, percebemos que o Senhor dos Passos de São Cristóvão não era tratado como uma imagem de culto, mas sim como a real presença encarnada e humanizada do Cristo sofredor. Com a chegada da procissão noturna à Igreja Matriz, a charola era depositada em dois cavaletes ao lado da

3 Provavelmente a imagem do Senhor dos Passos saía velada na procissão do depósito para representar a perseguição de Cristo pelos soldados romanos, como atestam entrevistados como Monteiro (2003) e Prado Júnior (2006).

capela do Santíssimo Sacramento, momento em que se ajoelhavam “os sacerdotes e todo o povo em frente à imagem encerrada” (SANTIAGO, 2009, p. 184).

No dia seguinte, segundo domingo da quaresma, ocorria a imponente procissão do encontro. O dia era marcado pelo dobrar dos sinos e pelas missas nas principais igrejas da solenidade (Matriz e Carmo). Um dos momentos de maior expectativa ocorria quando o romeiro encontrava a imagem do Senhor dos Passos exposta à veneração. Na ocasião, a troca de olhares, os romeiros observavam firmemente “os olhos vivos do Senhor”. Na Matriz, o devoto via então que:

Ali estava elle de joelho em terra no centro da charola, vestido em rica túnica de gorgurão roxo, supportando o pezo do grande madeiro, com aquele rosto venerável, os olhos injectados fitos para o chão, demonstrado a grande agonia cauzada pelo pezo da cruz (SANTIAGO, 2009, p.185).

O depoimento de Serafim de Santiago revela o artifício intrínseco na imagem, que fazia com que a interação romeiro/santo fosse aguçada. Estrategicamente, o Senhor dos Passos ficava sobre a charola em uma posição que direcionava o olhar da imagem para os devotos. Essa era mais uma nuance da teatralidade barroca presente na solenidade de Passos.

Durante todo o dia, os romeiros ficavam perambulando pelas ruas, visitando familiares e templos até às quatro horas, quando os sinos da Matriz dobravam, convocando os fiéis para a procissão do encontro. Com os primeiros dobres, começavam a chegar os representantes das ordens terceiras, irmandades e confrarias da cidade. Assim, da Igreja do Rosário, desciam anjinhos; do São Francisco, os

irmãos terceiros,⁴ assim como da Ordem Terceira do Carmo. Todos eram recebidos pela irmandade do Santíssimo Sacramento, responsável pela Matriz. O momento da saída dos irmãos leigos de suas igrejas de origem era marcado pelo dobrar dos respectivos sinos, aumentando a expectativa dos devotos reunidos na praça. Podemos dizer, então, que a celebração envolvia todas as associações religiosas das principais igrejas da cidade, ritmadas pelo dobre dos sinos.



Figura 22 - Senhor dos Passos diante da capela do Santíssimo da Matriz no dia 18 de fevereiro de 1940. *Acervo Janaína Couvo.*

⁴ Os irmãos terceiros do São Francisco carregavam a charola do Senhor dos Passos na procissão do encontro, cumprindo com o compromisso da referida ordem que dizia “são obrigados os Irmãos terceiros de São Francisco a carregarem a charola do Senhor dos Passos na procissão do 2º Domingo da quaresma, assim como os irmãos terceiros do Carmo a carregarem a charola da Virgem da Conceição na procissão das Cinzas” (SANTIAGO, 2009, p.186).

CAMINHOS DA PENITÊNCIA

Com a saída simultânea das duas procissões da Igreja Matriz e do Carmo Pequeno às cinco horas da tarde, todos os sinos dobravam em ritmo fúnebre. No cortejo, estava a cruz processional, a espia com a custódia, os anjinhos do Rosário e o Senhor dos Passos. A procissão seguia até parar no primeiro passo, representado pelo Horto. Com isso, todos paravam para ouvir o primeiro passo, que era acompanhado pela cerimônia do incenso e bênção do passo. No silêncio penitencial, a sacralidade propagava-se pelo aroma do incenso. Observe a disposição das armações dos sete Passos nos tempos de Serafim Santiago.

Os Sete Passos da Paixão no Oitocentos (planta de 1850)



Armação dos Passos

Figura 23. Os sete Passos da Procissão do Encontro segundo Santiago. Fonte: Plano Urbanístico de São Cristóvão. Anotações do autor.

Seguindo percursos diferentes, as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade seguiam até a Praça São Francisco, local onde se dava “a dolorosa memoração da tragédia da rua da amargura, ‘o encontro da formosa filha de Sião com o unigênito filho’” (SANTIAGO, 2009, p.189). Na praça, era realizada a cerimônia do incenso e a execução do canto do passo. A entrada da imagem do Senhor dos Passos era ritmada pelo dobrar dos sinos de todas as igrejas, como tarantanas fúnebres, isto é, tratava-se de uma marcha para o calvário.

O encontro era visto como um dos momentos culminantes da celebração dos Passos. Nessa ocasião, os elementos da teatralidade barroca eram explorados ao extremo. As palavras inspiradas do padre laranjeirense transportavam o devoto para o tempo mítico da paixão. Ocorria então a interação entre devoto, clero e sagrado. A Praça São Francisco era transformada em um grande auditório, no qual as atenções estavam voltadas para o sermão do doloroso encontro. Mais uma vez os sentidos refletem as nuances da solenidade, como podemos observar:

Findo este terceiro cântico, surgia no púlpito o vulto do orador consumado – vigário – Jozé Gonçalves Barrozo que lançando um olhar prescutador sobre o enorme auditório que enchia a praça, principiava a falar, desenrolando os martyrios e soffrimentos da victima ali presente. O povo já ancioso esperava aquellas palavras inspiradas. Naquelle momento já estavam parados todos os sinos e reinava o completo silêncio, esperando os ouvintes o momento mais tocante d’aquelle acto, o encontro doloroso da Santíssima Virgem com seu unigênito filho em completa afflicção na rua da Amargura (SANTIAGO, 2009, p. 189).

No depoimento acima, percebemos a importância dos elementos sensoriais na solenidade de Passos. O encontro era permeado pela troca de olhares, pelo sermão e, principalmente, pelo silêncio dos sinos e do público. Os sinos paravam para o momento em que as dores intensificavam-se, pois as dores de Cristo com o madeiro somavam-se às dores da Virgem-mãe e dos devotos sofridos e carentes de benesses.

Muitos dos aspectos da realidade passada perderam-se no tempo, tornando-se inaudíveis no presente. Contudo, alguns ruídos da solenidade dos Passos ainda podem ser detectados através da leitura das entrelinhas das evidências históricas. No caso do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade na Praça São Francisco, os resquícios sonoros sobreviveram. O sermão do encontro era marcado pelo silêncio, como podemos constatar:

Á tarde effectuou-se a procissão das imagens de Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Piedade [sic] com um acompanhamento de milhares de pessoas. Pregou o sermão do encontro o illustrado monsenhor Zacharias que prendeu a atenção da enorme multidão, com a sua palavra fácil, cadenciada, clara e eloqüente, fazendo comparações as mais felizes que eram muitas vezes applaudidas, conforme o respeitoso momento e como bem podia divulgar pelos gestos expressivos de muitas physionomias attentas (*Diário da Manhã*, 10 mar. 1914).

O silêncio dos devotos durante o sermão do encontro nas primeiras décadas do século XX chega a surpreender. Apesar de haver milhares deromeiros lotando as dependências da Praça São Francisco, as palavras do sacerdote podiam ser ouvidas por todos, mesmo

sem haver uso de instrumentos transmissores. Do alto do púlpito portátil, as palavras do orador sacro ecoavam por todo o auditório de fiéis, evocando a emoção da maior parte dos romeiros. Assim, o silêncio é revelador do caráter penitencial da solenidade, no qual a dor do Cristo sofredor é compartilhada com a Mãe e, ao mesmo tempo, confundida com o sofrimento cotidiano dos devotos.



Figura 24: Sermão do Encontro na Praça São Francisco. Década de 40 do século XX. *Acervo Erundino Prado Júnior.*

A audição do sermão proferido pelo padre no púlpito da Praça São Francisco ocorria todos os anos na solenidade de Passos. A considerável multidão de devotos não impedia que as palavras penitenciais ecoassem por todos os cantos. Não eram somente os sinos que silenciavam, o público devoto fazia o mesmo, permanecendo contrito. Além do silêncio, também podia ser observado, no semblante dos romeiros, a emoção, através de lágrimas. Provavelmente, a emoção jorrava no momento em que o orador evocava os martírios

do Cristo e da humanidade. Todos esses elementos estão no depoimento publicado do *Correio de Aracaju* de 1919:

Deu-lhes lucinante destaque a palavra maviosa, correcta impressionante e convicta do illustre e talentoso sacerdote que se incumbiu do sermão do encontro da Virgem com seu Divino Filho, victima das injustiças da humanidade. Foi elle o revmo. Padre Constantino Sangremamm, virtuoso pároco da cidade de Itabaiana. Seu eloqüente sermão, em voz muito clara e vibrante de fé, foi tão elevado e tão digno do assumpto, que vimos muitos olhares marejados de lagrimas, quando o distincto orador e referiu as amarguras do coração materno, suppliciado pelas torturas do Grande martyr, principalmente no trecho margistral em que o illustrado pregador invocou os sentimentos affectivos das mães presente àquelle acto, verdadeiramente tocante. Apesar da cerimonia do encontro e da magnífica oração do sacerdote se darem na embocadura de uma das praças mais vastas da cidade, estava ella literalmente cheia e dominada pelo silêncio profundo, de modo que a palavra do digno ministro catholico foi ouvida por toda a multidão, em cujo seio vimos representantes de todas as classes sociais e de todos os departamentos da intelligencia, dede o inserito Presidentes do Estado até o humilde e obscuro homem do campo (*Correio de Aracajú*, 19 mar. 1919).

Lágrimas, silêncio, emoção e aplausos eram uma constante na solenidade de Passos. Os cinco sentidos estavam atrelados ao evento religioso e podem ser usados como fio condutor entre passado e presente. Entretanto, a ordem nem sempre prevalecia. Em muitas ocasiões, o silêncio das celebrações era rompido por ruídos disso-

nantes. Os romeiros aquietavam-se na praça, observando o encontro para ouvir as palavras proferidas pelo sacerdote. Em meio ao silêncio do grande público, soavam descontraídas conversas paralelas. No entanto, nem todos os ouvidos estavam voltados para o sermão. Vejamos o novo enfoque do sermão.



Figura 25: Sermão do Encontro observado do Convento São Francisco, década de 40 do século XX. Acervo Erundino Prado Júnior.

O sermão do encontro era encerrado com o canto da Verônica. De forma teatral, uma jovem da cidade, vestida de túnica roxa, entoava o seu lamento abrindo e fechado um sudário com efígie do Cristo ensanguentado. Apesar de ser curto, o canto era executado demoradamente e de forma comovente, prendendo a atenção dos romeiros na Praça São Francisco. Serafim de Santiago, em seu anuário, a chamava de “Mulher-pia”, nomenclatura instigante e que revela outras nuances da solenidade. A partir das entrevistas com dona Marinete (2003) e Erundino Prado Júnior (2006), confirmamos algumas hipóteses. O triste lamento da Verônica só podia ser executado por mulheres virgens. Nos Passos sacralizados pelas ruas de São

Cristóvão, o canto da Verônica ficava a cargo de uma jovem “pura”. É importante salientar que, na teatralidade barroca dos Passos, a Verônica é a única santa-personagem da trama da Paixão que não é representada por imagens, mas sim por pessoas. Este é um forte indício da virgindade da intérprete, da Mulher-pia. Então a jovem entoava: “o vos ommes, que transites per viam, attendite, et videte, se est dolor sicut dolor meus” (SANTIAGO, 2009, p. 189). Era “o canto dolorido da Verônica” (*Diário da Manhã*, 03 mar. 1917).

Ao final da apresentação da Verônica, os músicos cantavam “Miseri mei Deus, secundum magnam misericórdia tuan” (SANTIAGO, 2009, p. 189), enquanto as confrarias acendiam seus tocheiros e os sinos começavam a dobrar. A procissão retornava a seu ritmo com todos os seus personagens: Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Soledade, Mulher-pia, anjinhos, pálio e romeiros.

O Cristo ajoelhado com a pesada cruz sobre os ombros era transportada pelos devotos para o seu templo secular. Paralisada e ainda emocionada, a multidão presente no grande auditório cercado pelos monumentais templos e palácios, assistia ao lento deslocamento das imagens do Senhor dos Passos e da Virgem Dolorosa. Anunciando a saída do cortejo seguiam pela Rua da Cadeia duas fileiras de mulheres vestidas de branco, diacronicamente revivendo a presença das mulheres lacrimosas da Jerusalém bíblica e a demarcação do lugar social do Apostolado da Oração nas festas da Igreja renovada. Nas ruas estreitas de São Cristóvão, velhos personagens cruzavam os mesmos caminhos dos novos segmentos da esfera religiosa, como pode ser visto na Figura 27.



Figura 26: Saída das imagens do Senhor dos Passos e da Vigem da Soledade da Praça São Francisco. Detalhe para a Verônica diante da charola da Virgem. 1950. Acervo Janaína Couvo.



Figura 27: Saída da Procissão do Encontro da Praça São Francisco, introduzida por mulheres do Apostolado da Oração. Década de 40 do século XX. Acervo Erundino Prado Júnior.

Ela ainda parava por três vezes até chegar ao alpendre do Carmo para o passo final. Ocorria então a despedida dos romeiros diante das imagens sagradas com o toque do manto, o beijo dos pés e fitas e os últimos dobres dos sinos. Com isso, “à noite, no Convento do Carmo foi grande a romaria de fiéis que iam diretamente beijar os pés das sagradas imagens” (*Correio de Aracaju*, 26 fev. 1918).

Diante da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, os devotos contemplavam as imagens sobre os cavaletes e o dobrar do sino. Os últimos dobres representavam os momentos finais da permanência dos romeiros no espaço sacralizado. Os devotos esperavam a oportunidade de beijar os sagrados pés das esculturas ouvindo o ecoar das últimas badaladas sacralizadas, dos ruídos consagrados da cidade-santuário. A solenidade dos martírios do Salvador aproximava-se do final e os romeiros estavam prestes a retornar para a sua realidade ordinária (ELIADE, 2001). O momento final da solenidade dos Passos era observado por diferentes ângulos, a depender da função do ator no enredo dos Passos. Os olhares cruzavam-se.

Porém, a despedida nem sempre pode ocorrer de forma tranquila e pacífica. Com a implantação do transporte ferroviário, a despedida do santuário tornou-se mais apressada para os romeiros que viajavam de trem. A contemplação demorada das imagens tidas como milagrosas permaneceu somente com os romeiros que usavam meios de transportes tradicionais (carroças, carros de boi, cavalos ou mesmo a pé). Pode-se dizer que, a partir da segunda metade da década de 1910, a solenidade passou a ter novos ritmos, mesclando inovação (pressa), com permanências (tranquilidade contemplativa). Assim, como todo o cortejo, a escultura do Senhor dos Passos era muito disputada pelos romeiros, que almejavam tocá-la e apreciá-la pela última vez.



Figura 28: Cartão postal do Senhor dos Passos. Acervo Josefa de Jesus Santos. 1978.

Enquanto alguns devotos buscavam aproximar-se das charolas, outros apressavam em dirigir-se a Estação Ferroviária, pois “antes de recolher-se o préstimo religioso já se ouvia o apitar contínuo da locomotiva, avisando a hora da partida” (*Diário da Manhã*, 10 fev. 1914).

Na Estação Ferroviária, a disputa por vagas nos trens da Chemins de Fer também era acirrada. Os empurrões eram constantes, sendo preciso a intervenção do corpo policial. O elevado contingente entre a estação e os vagões facilitava a prática de furtos, típico das grandes romarias. São ruídos dissonantes da celebração, os contrapassos da solenidade. Assim, enquanto os passageiros procuravam um lugar:

O gatuno pôz em prática um rápido roubo em bolso de um viajante, que, com certeza, já vinha assignado para a vitima, entregando-o ligeiramente a um companheiro que estava à janella do trem do lado de fora. Saltou pela janella o gatuno e vadiu-se com o outro, e o pobre passageiro roubado ficou se lastimando em meio a admiração de todos (*Diário da Manhã*, 26 fev. 1918).

Os contratemplos do retorno dos romeiros não se restringiam aos transtornos ocasionados pela superlotação dos trens. A viagem dos comboios da Chemins de Fer em algumas ocasiões ficava à deriva, à mercê da sorte. O perigo e os sustos também estavam presentes na solenidade de Passos. Um dos incidentes no retorno dos fiéis ocorreu com o vagão dos romeiros de Laranjeiras em 1918.

Além de outras coisas ordinarissimas da tal Chemins tivemos um grande susto. Um carro, dos muitos que conduziam passageiros para aqui e Laranjeiras, saltou do trilho e foi um Deus nos acuda. Depois de gritos e mais gritos dos passageiros foi que o machinista parou a machina e todos viram o perigo em que estavam. Foi uma viagem cheia de incidentes que felizmente não occasionaram perdas de vida graças ao Senhor dos Passos a quem todos tinham ido votar suas preces (*Diário da Manhã*, 26 fev. 1918).


O retorno dos devotos nem sempre ocorria de forma pacífica. Os gritos desesperados dos passageiros demonstravam o pânico provocado pelo incidente, ou seja, o silêncio do cansaço dos romeiros cedia lugar à agonia. Mesmo assim, o fato de não ter havido vítimas

fatais foi atribuído à intervenção milagrosa do Senhor dos Passos. O pacto firmado entre o devoto e o sagrado continuava em vigor. O Cristo com a cruz sobre os ombros continuava guiando os passos dos inúmeros fiéis nos caminhos da penitência.



PROVOCAÇÕES
FINAIS





*Cerimônias litúrgicas pomposas,
Cheias de incenso, de sagrados hinos:
A alma da cidade, tagarela,
No lábio brônzeo dos vestutos sinos!...*

*E o povo a fremir nas procissões gloriosas
A subir e a descer em íngremes ladeiras,
Ascendendo depois, em célebres noitadas
Inúmeras fogueiras
Que pareciam, da distância vistas,
Estrelas pela terra semeiadas!...*

RIBEIRO, J. Freire. "Cântico em Louvor a São Cristóvão". In: Revista de Aracaju. Ano IV, nº 04. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1951.

O propósito deste estudo foi compreender a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão a partir de seus elementos simbólicos entre os anos de 1886 e 1920. Neste período, a solenidade consolidou-se como a principal manifestação católica de Sergipe, aglutinando em seus cortejos processionais romeiros oriundos das mais variadas localidades.

Devido a sua relevância, o evento religioso reuniu uma gama de devotos e ao mesmo tempo despertou o interesse dos olhares da intelectualidade local. A resultante dos diferentes olhares foi a produção de um vasto conjunto de obras memorialísticas. Na trama da memória dos Passos os diferentes discursos acerca das celebrações foram convocados ao diálogo. Olhares de diferentes épocas e ângulos nos ajudaram a reconstituir a romaria penitencial em seus múltiplos aspectos. Neste sentido, as diversas vozes se pronunciaram enfocando uma nova realidade, trazendo à tona faces ocultas da solenidade.

Depoimentos como o de Serafim de Santiago descreveram os principais momentos da jornada dos romeiros a caminho da Cidade do Senhor dos Passos. São Cristóvão acabou constituindo-se como uma cidade-santuário. A manifestação do sagrado e os diferentes elementos dos episódios ocorridos na trajetória histórica da imagem na cidade, atrelados ao rico imaginário, fizeram o número de romeiros aumentar a cada ano. O achado miraculoso, incêndio, milagres, dobres dos sinos, sermões e os olhos de vidro propiciaram a legitimação do Senhor dos Passos como alvo da maior devoção dos ser-

gipanos. O Senhor dos Passos deixou de ser apenas uma imagem votiva da cidade, passando a ser a própria manifestação do sagrado, o Cristo humanizado, antropomorfizado e, em certos momentos, mais um morador da Velha Capital de Sergipe.

Buscamos apreender o evento a partir de seus elementos sensíveis. A reflexão não se prendeu somente a visão, debruçou-se sobre os sabores, cheiros, toques e principalmente, a sonoridade. Silêncio, cânticos, sinos e gritos faziam parte do universo dos Passos e foram usados como elementos perceptivos da realidade, como elo entre passado e presente. Apesar de termos discutido aspectos diferentes sobre a solenidade, a unicidade da reflexão tornou-se possível, pois o texto discute as múltiplas facetas da realidade sacralizada. Para atingirmos nosso intuito, utilizamos fontes de naturezas distintas que forneceram indícios relevantes para a reflexão.

Contudo, o passado em sua totalidade está definitivamente perdido. Com esta pesquisa realizamos apenas uma releitura da solenidade no período em foco, a partir de algumas testemunhas oculares, de variadas versões. Obviamente a solenidade tem muito a revelar e continua a ser um campo fértil para novas incursões historiográficas. São várias as temáticas que ainda podem e devem ser focalizadas pelas lentes de outros historiadores. Para os adeptos de estudos biográficos a solenidade apresenta um vasto elenco como dona Maria Paiva Monteiro, Domingos do Rosário Sobral, Barão da Estância e Serafim de Santiago. Para os estudiosos das práticas religiosas o cardápio dos Passos dispõe os ofícios, as práticas ex-votivas e as superstições do evento nos dias atuais. Quem quiser enveredar pelo mundo dos conflitos pode analisar os impasses entre os franciscanos e os últimos irmãos terceiros do Carmo. Quem quiser estudar os grupos marginalizados pode empreender uma reflexão a respeito dos anônimos devotos do Senhor dos Passos. Enfim, para o ofício do pes-

quisador, a solenidade de Passos possui um grande leque temático a ser desvendado.

A solenidade de Passos ainda tem muitas lacunas a serem preenchidas. Talvez a principal delas seja a polêmica acerca do período em que teve origem a referida procissão, que não foi o propósito deste estudo. Tivemos o intuito de propor uma nova abordagem sobre o universo religioso, partindo de elementos muitas vezes negligenciados pela historiografia tradicional. Assim descobrimos que ao se debruçar sobre um objeto como o mundo religioso, o historiador deve amparar-se de um novo olhar, deve ter a sensibilidade do antropólogo, a paciência de um monge, o rigor de um legista e a ousadia de um aventureiro.

Os Passos da cidade de São Cristóvão não podem ser vistos como mais uma solenidade religiosa. Trata-se de um patrimônio imaterial do povo sergipano (digno de registro como patrimônio nacional), ao longo dos anos reuniu e ainda reúne romeiros de vários pontos de Sergipe e de diferentes segmentos sociais. A solenidade de Passos é um documento, que mescla evidências reveladoras do passado e do presente. É uma ponte a unir diferentes épocas.

FONTES CONSULTADAS

1-Fotografias

Acervo fotográfico particular Erundino Prado

Acervo de postais Josefa de Jesus Santos

Acervo do Museu do Ex-voto de Sergipe

Acervo Magno Francisco de Jesus Santos

2-Impressos

Ofício da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Gráfica A Nacional, s/d.

3-Jornais

O Estado de Sergipe: 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

Jornal do Povo: 1917.

Jornal de Aracaju: 1873.

Correio de Aracaju: 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

Diário da Manhã: 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920.

4-Manuscritos

Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Vitória de São Cristóvão. Casa Paroquial.

SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920 (não publicado).

SANTOS, Manoel Ferreira. Solenidade de Passos. São Cristóvão, 20 de março de 2011. Inédito.

SANTOS, Manoel Ferreira. Solenidade do Senhor dos Passos. São Cristóvão, 5 de março de 2012. Inédito.

5-Orais.

MONTEIRO, Maria Paiva. Entrevista concedida no dia 12 de dezembro de 2003. São Cristóvão.

PRADO, Erundino. Entrevista concedida no dia 17 de agosto de 2006. São Cristóvão.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã: um esboço introdutório*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros Medeiros de. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci, 2005.

ALMEIDA, Gisselma S. J. *Procissão do Madeiro: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992-1997). Nossa Senhora da Glória, 2002*. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

ALVES, Francisco José. “Igreja Nossa senhora do Rosário de Estância: nota para a sua história”. *Cadernos do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica*. São Cristóvão: DHI-UFS, 1987.

ALVES, João Oliva. Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

ALVES, Maurício. “Sinos”. In: *Correio de Aracaju*. Ano XIV. Nº 3263. 16/10/1921.

AMARAL, Antônio Alves do. “Penitentes: devoção e autoflagelo”. *Revista de Aracaju*. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano 60, nº 10, 2003. p. 185-191.

ANDRADE, Maria Cleide Leite. *Epidemia, Medo e Devoção: aspectos devocionais no município de Campo do Brito-SE (1910-1915)*.

São Cristóvão, 1999. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

ANJOS, Maria Francisca dos. *Festa do Divino Espírito Santo: Padroeiro de Indiaroba/SE*. São Cristóvão, 2001. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

BALBINOT, Egídio. “Romaria: elementos antropológicos, bíblicos e históricos”. In: BALBINOT, Egídio (org.). *Liturgia e Política*. Chapecó: Grifos, 1998. p. 77-126.

BARRETO, Luiz Antônio. Promessas, votos e devoção. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 43-45.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra*. Prefácio de Jacques Le Goff. Tradução: Júlia Mainard. São Paulo, Cia das Letras, 1999.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. *A procissão dos penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe*. Rio de Janeiro, 153. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade do Brasil.

_____. “Entrevista”. Webjornal. Ed. 39. Aracaju. 28/09 a 05/10/2003. In: www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj39.htm. Capturado em: 25/01/2006.

_____. Uma procissão de imagens. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 69-71.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2000.

BRANDI, Cleomar. Um documento de fé. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 5-6.

BRASIL. *Sergipe e seus municípios*. Aracaju: IBGE, Livraria Regina, 1944.

CARVALHO, Alberto. São Cristóvão, Passos. In: CARVALHO, Vladimir Souza (Org.). *Alberto Carvalho: toda poesia*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *São Cristóvão e seus Monumentos: 400 anos de História*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1989.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *Ex-voto: Sergipe*. Rio de Janeiro: A Nacional, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Em Sergipe del Rey*. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1954.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CORRÊA, Isabela Chagas. *Guia das Festas de santos padroeiros de Sergipe*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. p. 171-182.

COSTA E SILVA. “Christo”. In: ROMERO, Silvio. *Parnaso Sergipano*. Aracaju: Tipografia do O Estado de Sergipe, 1920.

CROCE, Benedetto. *História, pensamento e ação*. Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

CRUZ, José. “Aracaju de Outrora: a orquestra de Mestre Cula (contribuição ao estudo do folclore sergipano)”. In: *Revista de Aracaju*. Ano VI. nº 06. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1957. p. 255-265.

DAMIANI, Amélia Luisa. “As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço”. In: DAMIANI, Amélia Luisa. CARLOS, Ana Fani Alessandre. SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *O espaço no fim de século: a nova raridade*. 2ª ed.. São Paulo: Contexto, 2001. p. 48-61.

DANTAS, Beatriz Góis. Entre o sagrado e o profano. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 55-59.

DEBRET, Jean-Batiste. “Viagem Pitoresca e História do Brasil”. In: Jangada Brasil. Nº 19. mar. 2000. www.palhoça.com.br/senhordos-passos. Capturado em: 25/01/2006.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIAS, Antônio Conde. Passos em São Cristóvão. *A Cruzada*. Ano XII, nº 511. Aracaju, 15 de março de 1947, p. 2.

DIAS, Antônio Conde. Passos em São Cristóvão. *A Estância*. Número 2049, Estância, 13 de março de 1955, p. 1.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos annales a nova história*. 3ª ed. Trad. Dulce N. Silva Ramos. São Paulo: Ensaios / Campinas: UNICAMP, 1994.

DUPRON'T, Alphonse. "A religião: antropologia religiosa". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, 2001.

ESCALANTE, Eduardo A. *A Festa de Santa Cruz da Aldeia de Carapiciba no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: MEC/ SEC: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: SEC, 1981.

FARIAS, Cláudia Maria Lima Trindade. *A Irmandade do Santíssimo Sacramento: expressão religiosa da elite sancristovence-1820-18'87*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

FEITOZA, Maria Gilma Oliveira Silva. *Romaria: manifestações de fé que ultrapassa limites geográficos e doutrinários em Nossa Senhora da Glória-SE (1970-1990)*. Nossa. Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

FERNANDES, Rubem César. Aparecida: Nossa Rainha, Senhora e Mãe, Saravá! In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC. Vol. 4, nº 21, 1985.

_____. *Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução as religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. As devoções religiosas na Bahia do século XVII. In: *Anais da VI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Curitiba, 1999. p. 145-149.

FONTES, Lídia Meire Rocha dos Santos. *Espaço, disciplina e festividades numa cidade Considerada moderna*. Aracaju-SE (1900-1930). São Cristóvão, 1998. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

FRAGATA, Thiago. Procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão/SE. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 21-25.

FROTA, Lélia Coelho. *Promessa e Milagre no santuário Bom Jesus de Matosinhos-Congonhas do Campo-MG*. Brasília: Pró-Memória, 1981. p. 17-54.

GEERTZ, Clifford. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p 149- 165.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. A arte popular nas manifestações de fé. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 1982. Ano 45, n° 195.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. Antônio Narino. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

_____. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Francisco Jose Silva. A religião como objeto da História In: *Conferências do VIII Encontro Regional de História*. Vassouras: ANPUH, 1998.

HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.

JAIIME, José Sisenando. *Pirenópolis: humor e folclore*. Goiânia, 1983.

LEITE, Rodrigo Reis. *Os ex-votos da Igreja do Carmo de São Cristóvão: uma fonte para a história da cultura popular em Sergipe*. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

LIMA, Laura Andrade da Silva. *Do Sagrado ao Profano: O carnaforró em Nossa Senhora da Glória (1986-2000)*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

LIMA, Magneide Santana dos S. *Penitentes de Nossa Senhora das Dores: explosão de fé. 1990-2000*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

LE GOFF, Jacques. “Documento / Monumento”. In: *História e Memória*. Trad. Bernardo Leite. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP.

FREYRE, Gilberto. A República de 89 e a Ordem Social Brasileira. In: *Ordem e Progresso*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 264-317.

MACHADO, Manoel Cabral. São Cristóvão e a procura do tempo perdido. In: *São Cristóvão Dei Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

MADÁVIO. A festa de N. Senhor dos Passos em S. Christovam. *A Cruzada*. An VI, nº 13. Aracaju, 23 de março de 1924, p. 1.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Paraty: religião e folclore*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura 1976.

MANDARINO, A. C. S. ; GOMBERG, E. ; KENNEDY, G. ; PAULA, N. Os usos da Festa do Senhor dos Passos de Sergipe. In: *20ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2000, Brasília. CD-ROM de Resumos da 20ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2000.

MARQUES, Lúcia. *Metodologia para o cadastramento da escultura Sacra-Imaginária*. Salvador: Contemp. 1981.

MARTINS, Antônio Egydio. *São Paulo amigo. 1554-1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MATTOS, Anibal. *Arte Colonial Brasileira*. Edições Apollo. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1936.

MELO, Maria do Carmo Bezerra. *Capela Sant' Ana do Massacará: esboço de uma interpretação histórico cultural*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

MENDONÇA, Maria de Fátima Costa de. *Além do Interesse de expandir a fé: a criação da paróquia, as atitudes do pároco e o culto a São José em Malhador/SE (1964-1977)*. São Cristóvão, 1998. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

MENEZES, Ilma Maria Figueiredo. *A diversidade de grupos de penitentes no município de Feira Nova (1955-1990)*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

MERÓ, Ernani. *A Campanologia de Alagoas*. Maceió, 1985.

MONTEIRO, Tobias. *História do Império: o primeiro Reinado*. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

MOTA, Mauro. *Votos e ex-votos: aspectos da vida social do Nordeste*. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1968.

NASCIMENTO, Marcelo de Carvalho. *Ecos de uma Tradição: aspectos da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (1856-1910)*. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECR UFS.

NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1986.

NUNES, Verônica Maria Menezes. A Procissão dos passos: o ex-voto como “imagem testemunho do milagre”. In: *Gazeta de Sergipe*. Caderno A, n° 13239. Aracaju, 15/03/2003.

_____. São Cristóvão mantém tradição religiosa. In: *Gazeta de Sergipe*. Variedade. Aracaju, 27/02/2002.

_____. Ex-votos: sinais tangíveis da devoção popular. In: GARCEZ, Márcio. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade / Banco do Nordeste, 2006, p. 7-11.

OLIVEIRA, Luis Amilton de. *Cristinápolis: temporização da fé e dualidade religiosa de 1940-2000*. Estância. 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

OLIVEIRA Maria Vaneide de Andrade. *Elite Itabaianense na Irmandade das Santas Almas do Fogo do Purgatório da Vila de Itabaiana*. (1860-1898) São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

PAES, Geminiano (1837-1915). “Teus Olhos”. In: *Correio de Sergipe*. 1863. Apud. SAMPAIO, Marta Helena. *Testemunho do Barroco em Sergipe: estudo sobre o patrimônio histórico e o desenvolvimento do turismo na cidade de São Cristóvão (2000-2004)*. São Cristóvão, 2004. 58 f. monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

PARENTE, Temis Gomes. O papel da Igreja nas formações das cidades. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*. Recife: Ed. Universitária-UFPE, 1988. n° 17.

PASSOS, Josefa Nubia de Jesus e SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Ceias e Acompanhamentos: expressões do ex-voto na micro-região de Itabaiana”. VII Semana de Ciências. Sociais. 2004. São Cristóvão. *Anais da VII Semana de Ciências Sociais*. DCS, CECH, UFS.

PEREIRA, Sônia Gomes. *O estado da questão do urbanismo português na historiografia atual brasileira*. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.

PROFESSOR, Josivalda da Silva Santos. *Em tempo de louvor a Santo Antônio: tradição, fé e mudança na Festa dos Caminhoneiros em Itabaiana-SE (1970-1997)*. Itabaiana, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

RIBEIRO, J. Freire. “Cântico em Louvor a São Cristóvão”. In: *Revista de Aracaju*. Ano IV, nº 04. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1951.

RIBEIRO, João Freire. Procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, em Sergipe Del Rey. In: *São Cristóvão em Sergipe Del Rey: poesias*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1971.

RIBEIRO NETO, Quintino. *A Teologia da Libertação em Sergipe. São Cristóvão, 1996. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.*

ROSENDAHL, Zeny. “O sagrado e o profano”. In: SANTOS, Adelci Figueiredo; FONTES, Aracy Losano (org.). *Geografia, agricultura e meio ambiente*. São Cristóvão: NPGED-UFS, 1999. p. 225-236.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1990.

SANCHIS, Pierre. *Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal*. *Revista de Cultura*. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, nº 04.

SANTANA, Josineide Siqueira de. *Em novos tempos de fé: aspectos das mudanças na igreja e religiosidade popular católica em São Cristóvão Sergipe (1911-1926)*. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHJ, CECH, UFS.

SANTOS, Jineilson dos. *Festa do Divino: o simbolismo do cortejo do Império do Divino na mentalidade do povo indiarobense, entre o período de 1980-2000*. Estância, 2002, Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Joelma Dutra dos. *Festas Religiosas: fé e variedade Arauá (1986-2002)*. Estância, 2002, Monografia (Licenciatura em História), PQD II, DHI, CECH, UFS.

SANTOS, José Nascimento dos. *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História), DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES, Verônica Maria Meneses. Na trilha dos Passos do Senhor: a devoção do Senhor dos Passos de São Cristóvão. *Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão*. Vol. 2, 2005, p. 97-110. Disponível em: http://www.fapese.org.br/revista_fapese/v1n2-2005/artigo_7.pdf

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Casa das Alagoas e as cousas do passado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Nº 43. Aracaju, 2013, p. 95-116.

_____. Bastidores da fé: a festa do Glorioso Santo Antônio do Carmo em São Cristóvão no século XIX. *Emblemas: Revista do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG*. Vol. 7, nº 1, 2010, p. 31-48. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/view/12597/8242>.

_____. “As peripécias do pavoroso drama do Golgotha”: a Procissão do Encontro em Aracaju. *Mnemosine: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG*. Vol. 2, nº 1, 2011, p. 87-100. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume2/dossie_republica/MNEMOSINE-REVISTA-REPUBLICA-VOL2-N1-JAN-JUN-2011.pdf.

_____. “A tragédia da Rua da Amargura”: silêncios e lamúrias na Festa de Passos em São Cristóvão, Sergipe. In: SOARES, Azemar dos Santos (Org.). *Retalhos de História: culturas políticas e educação no Nordeste do Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2011, p. 61-84.

_____. “O Doloroso Encontro da Filha de Sião com seu Unigênito Filho”: a solenidade de Passos em São Cristóvão, Sergipe. *Revista Anais dos Simpósios da ABHR*. Vol. 3. 2012.

_____. Os ofícios do Senhor dos Passos em São Cristóvão. *Jornal da Cidade*. Nº 12524, Aracaju, 6 de abril de 2014, p. B-5.

_____. Irmandades de Sergipe Oitocentista. In: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SANTOS, Claudfranklin Monteiro (orgs.). *Temas de História e Educação Católica em Sergipe*. Recife: Ed. UFPE, 2013, p. 103-136.

_____. “Os cravos e as rosas do Santíssimo Rosário: irmandades negras de Sergipe. In: PINTO, Luciano Rocha (Org.). *Histórias Revistas: sobre instituições, corpos e almas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013, p. 52-70.

SANTOS, Marcelo. *Irmãos da Santa Conveniência: a Ordem Terceira de São Francisco de Assis na cidade de São Cristóvão (1840-1870)*, São Cristóvão, 2001, Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Maria de Fátima dos. *A disputa pelo espaço sagrado em terra de Nossa Senhora do Amparo: Vila de Riachão (1918-1920)*. São Cristóvão 2002. Monografia (Licenciatura em História) DHJ, CECH, UFS.

SANTOS, Maria José da Cunha. *Marizete Costa Vieira: símbolo de fé na paróquia de Nossa Senhora das Dores (1935-2001)*. Nossa Senhora da Glória, 2002, Monografia (Licenciatura em História) PQD II, DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Milton. “A noção de espaço”. In: *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 59-66.

SANTOS, Rozangela dos. *Memórias da Festa do padroeiro de Frei Paulo: 1880-2002*. Itabaiana, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS,

SANTOS, Sólida Genuína dos. O catolicismo em Parnaíba In: *Almanaque da Parnaíba*. n°. 62; 1995.

SAMPAIO, Marta Helena. *Testemunho do barroco em Sergipe: estudo sobre o patrimônio histórico e o desenvolvimento do turismo na cidade de São Cristóvão (2000-2004)*. São Cristóvão, 2004. 58 p. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

SILVA, Adriana Macedo. *A Purificação de Maria: a festa de dois de fevereiro em Capela-SE (1910-1935)*. São Cristóvão, 2001 65p. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

SILVA Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da norte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Carina Soares: *Cruz do Homem: novenas e promessas. Nossa Senhora da Glória*, 2002. Monografia (Licenciatura em História) PQD II. DHI, CECH, UFS.

SILVA, Clodomir de Souza e. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVA FILHO, José Tiago da. *Servindo à alma e ao corpo: A Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão/SE - Séculos XVII-XIX*. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

SILVA, France Robertson C. da. *Sob o manto da Imaculada: Sergipe se devota a Maria. Séculos XVI a XIX*. São Cristóvão 2001. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

SILVA, Lana Cláudia Macedo da; LOPES, Luís da Silva; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Religiosidade Popular e devoção doméstica: a festa de Nossa Senhora da Batalha na Ilha de. Cotejuba. fi: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: IFITEG/SGC/UCG, 2003. Val. 13, nº4, p. 845-859.

SILVA, Mônica Martins. As fronteiras da fé nos domínios das festas: sociedade, igreja e romanização em Pirenópolis (1850-1950). *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: IFITEG/SGC/UCG, 2001. Vol. 11, nº 2. p. 203-228.

SILVEIRA, Junot. “São Cristóvão de minha saudade”. In: *São Cristóvão Del Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

SIQUEIRA, Luis. *Religião, Terra e Poder: o encapelado Nossa Senhora da Ajuda em Itaporanga - Sergipe (1798-1838)*. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. *Ex-voto: Sergipe*. Rio de Janeiro: A Nacional, 1990.

SOUZA, Fábio Silva. *Arqueologia do cotidiano: um flaneur em São Cristóvão - SE*. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) NPGED, UFS.

SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 77-116.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação no Sertão. In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, 1998. Vol. 24, nº 142.

TAUNAY, Afonso de Escagnolle. *São Paulo nos primeiros anos (1554-1601): ensaio de reconstituição social*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. “Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam”. In: *O Estado de Sergipe*. Mar/Abr, 1917.

UCHOA, Jouberto (org.). *Sergipe Panorâmico: geográfico, político, histórico, econômico, cultural, turístico e social*. Aracaju: UNIT, 2002.

UCHOA, Severino. A Jerusalém Sergipana. *A Cruzada*. Ano XV, nº 595. Aracaju, 27 de março de 1949, p. 3.

VAINFAS, Ronaldo. *Economia e Sociedade na América Espanhola*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VILELA, Iêda Maria Leal. *Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de seio Cristóvão*. Aracaju: SECMA; SERCE MEMÓRIA, 1989.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Este livro foi impresso em 2015.
A fonte usada no miolo é Minion Pro, corpo 11/15,4.
O papel do miolo aperg. 80/m² e o da capa é cartão 250/m².

Criação Editora A&G Ltda.
Rua Deputado Matos Teles, 9 | Aracaju-Sergipe
criacaoeditorame@gmail.com